UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES (POSIH)

MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES (MIH)

LITERATURA E MEMÓRIA EM PEPETELA: UM ESTUDO DOS ROMANCES *MAYOMBE*, *A GERAÇÃO DA UTOPIA* E *PARÁBOLA DO CÁGADO VELHO*

MAURILIO ALVES ROCHA JÚNIOR

REDENÇÃO (CE)

2024

MAURÍLIO ALVES ROCHA JÚNIOR

LITERATURA E MEMÓRIA EM PEPETELA: UM ESTUDO DOS ROMANCES *MAYOMBE*, *A GERAÇÃO DA UTOPIA* E *PARÁBOLA DO CÁGADO VELHO*

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de mestre Interdisciplinar em Humanidades do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Humanidades (POSIH-MIH) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Orientadora: Profa. Dra. Jacqueline da Silva Costa

Coorientadora: Profa. Dra. Denise Ferreira da Costa Cruz

REDENÇÃO (CE)

2024

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Rocha Júnior, Maurílio Alves.

R672l

Literatura e Memória em Pepetela: Um estudo dos romances Mayombe, A Geração da Utopia e Parábola do Cágado Velho / Maurilio Alves Rocha Junior. - Redenção, 2024.
93f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado Interdisciplinar Em Humanidades, Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Jacqueline da Silva Costa.
Coorientadora: Profa. Dra. Denise Ferreira da Costa Cruz.

1. Literatura angolana - Pepetela. 2. Angola - África. 3. Estudos pós-coloniais. 4. Memória. I. Título

CE/UF/BSCA CDD A869.09

MAURÍLIO ALVES ROCHA JÚNIOR

LITERATURA E MEMÓRIA EM PEPETELA: UM ESTUDO DOS ROMANCES *MAYOMBE*, *A GERAÇÃO DA UTOPIA* E *PARÁBOLA DO CÁGADO VELHO*

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de mestre Interdisciplinar em Humanidades do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Humanidades (POSIH-MIH) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br JACQUELINE DA SILVA COSTA
Data: 21/08/2024 17:13:35-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Jacqueline da Silva Costa (Orientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Documento assinado digitalmente
gov.br DENISE FERREIRA DA COSTA CRUZ
Data: 27/08/2024 09:12:27-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Denise Ferreira da Costa Cruz (Coorientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Documento assinado digitalmente
gov.br CRISTINA MARIA DA SILVA
Data: 03/09/2024 18:33:26-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Cristina Maria da Silva (Membro Externo)
Universidade Federal do Ceará – UFC

Documento assinado digitalmente
gov.br LARISSA OLIVEIRA E GABARRA
Data: 10/09/2024 15:18:16-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Larissa Oliveira e Gabarra (Membro Interno)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Documento assinado digitalmente
gov.br VERA REGINA RODRIGUES DA SILVA
Data: 31/08/2024 09:51:24-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Vera Regina Rodrigues da Silva (Membro Interno)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Dedico este trabalho:

Aos meus filhos, Arthur e Nícolas, que me ensinam, a cada dia, o verdadeiro significado de ser feliz.

Aos meus pais (Sra. Francisca Celia e Sr. Maurílio Alves), que me fizeram acreditar, desde criança, que a "EDUCAÇÃO TRANSFORMA" (É com essa mesma filosofia que levo sempre em minha jornada e que vou alimentando os sonhos dos meus filhos).

À minha esposa, Luciana Andrade, pela cumplicidade de um acreditar e apoiar o sonho do outro.

Aos meus irmãos, Ana Júlia, Francisco Guilherme, João Vitor e Júlio César, por sempre me mostrarem que seguir a vida contente é a melhor sensação deste mundo.

AGRADECIMENTOS

Durante o caminhar acadêmico no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Humanidades (POSIH-MIH), vivenciei todos os momentos intensamente, pois tinha a convicção de que todos os momentos foram importantes e decisivos para a construção do "eu" pesquisador. Por isso, a minha eterna gratidão é direcionada para:

Deus, minha base forte, pois sei que em todos os meus planos, sonhos, desafios e conquistas esteve sempre ao meu lado. Gratidão, meu Deus, pelo dom da vida e a sabedoria para prosseguir durante os estudos. Em cada caminho que trilho sei que a sua mão poderosa sempre está me guiando – Nada a reclamar: só agradecer!

Agradeço a minha família, símbolo de humildade, generosidade, felicidade e resistência. Com toda felicidade, agradeço a minha esposa Luciana Andrade e aos meus filhos, minha força motriz, Arthur Andrade e Nícolas Andrade. Sem esta rede de apoio, durante toda a minha jornada estudantil e acadêmica, não seria possível realizar este sonho – Esta vitória é nossa!

Em relação à jornada acadêmica e profissional, minha eterna gratidão à Profa. Dra. Sueli da Silva Saraiva (minha eterna orientadora e referência profissional), Profa. Dra. Andrea Cristina Muraro e Prof. Dr. Rodrigo Ordine Graça. Sem esta tríade de conhecimentos não seria possível trilhar pelos rios longínquos das Literaturas Africanas. E, Profa. Andrea Muraro, a senhora estava certíssima ao argumentar um discurso importante no ano de 2017, aos fins do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no Curso de Letras- Língua Portuguesa: – Maurílio, você será muito feliz no campo da docência! E realmente a felicidade sempre caminha comigo no âmbito social, profissional e acadêmico.

Gratidão à minha orientadora do Programa POSIH\MIH, Profa. Dra. Jacqueline da Silva Costa, e a Coorientadora, Profa. Dra. Denise Ferreira da Costa Cruz, e a grandiosa colaboração da Profa. Dra. Laísa Marra de Paula Cunha Bastos (UECE), por todos os ensinamentos, paciência e as recomendações necessárias para o andamento desta pesquisa. As orientações foram de bastante relevância para o universo da pesquisa – Continuo a argumentar que sempre estou sendo guiado por grandes mulheres intelectuais.

Ao Núcleo Gestor (Prof. Luiz de França, Prof. Márcio Fernandes e Prof. Francisco José Fernandes) da EEMTI Professor Milton Façanha Abreu (querida escola que tenho muito orgulho de ser docente) por sempre apoiar durante todo o percurso no Mestrado Interdisciplinar

em Humanidades. Aos meus amigos Professores, da presente instituição de ensino, muito obrigado por todas as palavras de motivação e por sempre emanar energias positivas – vocês são incríveis!

Aos meus discentes da EEMTI Professor Milton Façanha Abreu. Em especial as turmas (e, consecutivamente, estudantes concludentes do ano de 2023), que tenho maior respeito e consideração, 1º ano C (edição 2021), 3º ano A (edição 2023) e 2º ano C (edição 2024). Convivendo com estes estudantes, seja como Professor Diretor de Turma (PDT), como também nos projetos institucionais: aprendi que não basta somente argumentar sobre sonhos\ propósitos, mas sim devemos lutar por eles – Estou neste ringue. Estejam fazendo o mesmo, Turma!

Minha eterna gratidão à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), ao Instituto de Linguagens e Literaturas (ILL) e ao Instituto de Humanidades (IH). Sem esta universidade pública e de qualidade, instaurada em Redenção (Ceará), não seria possível mudar a vida de jovens interioranos do maciço de Baturité, demais regiões e países parceiros – Desejo que a Unilab festeje anos e anos futuros profissionais!

Ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Humanidades (POSIH-MIH) na Unilab. Muito obrigado pela seriedade, compromisso e a dedicação com os discentes e as pesquisas. Aos docentes permanentes do MIH: gratidão por todos os ensinamentos. Foram dois anos de bastante aprendizado e um aproveitamento de tempo de excelência – A Unilab tem um programa de excelência acadêmica e profissional.

Aos meus amigos, que a vida me presenteou no MIH. Vocês também foram essenciais para a concretização desta jornada. Muito obrigado por todas as conversas sobre ciência, interdisciplinaridade e a troca de conhecimentos durante o momento do café e no Restaurante Universitário (RU) nas dependências da Unilab, campus Auroras.

Por fim, quero expressar os meus agradecimentos aos meus avós. Ao tecer as memórias para a construção textual nesta parte dos agradecimentos, lembro-me que meus avós, tal como os meus pais, depositavam muitas esperanças de que os estudos poderiam beneficiar e mudar a minha vida – E, assim, ouvi os conselhos dos mais velhos, dos detentores de sabedoria, dos meus avós!

POEMA

JOSÉ,

Autoria de Carlos Drummond de Andrade

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?

E agora, José?
Sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio — e agora?

Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,

Minas não há mais.
José, e agora?

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse,
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...

Mas você não morre,
você é duro, José!

Sozinho no escuro
qual bicho do mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?

(Drummond, 2002, p. 23)

RESUMO

ROCHA JÚNIOR, Maurílio Alves. **Literatura e Memória em Pepetela:** Um estudo dos romances *Mayombe*, *A Geração da Utopia* e *Parábola do Cágado Velho.* Dissertação de Mestrado. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2024.

A presente dissertação analisa os romances *Mayombe* (2013), *A geração da Utopia* (2013) e *Parábola do Cágado Velho* (2005), autoria do escritor e sociólogo angolano Pepetela, a partir das perspectivas dos estudos pós-coloniais e nos debates sobre Literatura e Memória, no âmbito das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Observando as obras do escritor angolano Pepetela como um projeto literário que apresenta memórias de luta e resistência em Angola, o presente trabalho investiga os romances a partir da representação literária durante o processo de emancipação política, tendo um recorte temporal inicializando nos preparativos e no combate armado para as lutas de libertação nacionalista (1960-1975), bem como a eclosão e as sequelas advindas da guerra civil (1976-2002). A hipótese desta dissertação é a de que as obras literárias destacadas neste trabalho podem ser consideradas um produto estético literário que reflete momentos revolucionários em Angola. Constituindo-se, assim, que apresentam representações literárias dos combates armados presenciados no território angolano. Nessa perspectiva, a partir das leituras e investigações dos romances à luz da memória política e social de Angola foi possível detectar que o escritor angolano aborda como prisma principal a os embates políticos e sociais do povo angolano no que diz respeito as lutas de independência nacionalista (1960-1975), guerra civil (1976-2002), bem como os rastros de uma herança legada para o pós-independência. Desse modo, Pepetela, na dinâmica da escrita das Literaturas Africanas, constrói um projeto literário, cujo enredo, tempo e espaço aglutina-se com a memória de uma sociedade que sonhou, lutou, desencantou, mas que no pós-independência, especificamente, pela via de uma nova geração de jovens, reascendeu, mais uma vez, resquícios da utopia de uma sociedade justa e igualitária.

Palavras-chave: Literatura Angolana – Pepetela. Angola\ África. Estudos Pós-Coloniais. Memória.

ABSTRACT

ROCHAJÚNIOR, Maurílio Alves. **Literature and Memory in Pepetela:** A study of the novels *Mayombe*, *A Geração da Utopia* and *Parábola do Cágado Velho*. Masters dissertation. University of International Integration of Afro-Brazilian Lusofonia, 2024.

This dissertation analyses the novels *Mayombe* (2013), *A geração da Utopia* (2013) and *Parábola do Cágado Velho* (2005), written by the Angolan writer and sociologist Pepetela, from the perspectives of post-colonial studies and debates on Literature and Memory, within the scope of African Literatures in Portuguese. Observing the works of the Angolan writer Pepetela as a literary project that presents memories of struggle and resistance in Angola, this work investigates the novels based on literary representation during the process of political emancipation, with a time frame starting with the preparations and armed combat for the nationalist liberation struggles (1960-1975), as well as the outbreak and consequences resulting from the civil war (1976-2002). The hypothesis of this dissertation is that the literary works highlighted in this work can be considered a literary aesthetic product that reflects revolutionary moments in Angola. Thus, they present literary representations of the armed combats witnessed in Angolan territory. From this perspective, based on readings and investigations of the novels in light of Angola's political and social memory, it was possible to detect that the Angolan writer addresses as his main prism the political and social conflicts of the Angolan people with regard to the nationalist independence struggles (1960-1975), civil war (1976-2002), as well as the traces of a legacy left for the post-independence period. In this way, Pepetela, in the dynamicsof writing African Literature, constructs a literary project, whose plot, time and space are linked with the memory of a society that dreamed, fought, became disenchanted, but that in the post-independence period, specifically, through a new generation of young people, rekindled, once again, remnants of the utopia of a fair and egalitarian society.

Keywords: Angolan Literature – Pepetela. Angola\ África. Post-Colonial Studies. Memory.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MPLA	Movimento Popular de Libertação de Angola
UNITA	União Nacional para a Independência Total de Angola
UPA	União das Populações de Angola
FNLA	Frente Nacional de Libertação de Angola
PIDE	Polícia Internacional e de Defesa do Estado
CEI	Casa dos Estudantes do Império
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
MIH	Mestrado Interdisciplinar em Humanidades
POSIH	Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Humanidades
ILL	Instituto de Linguagens e Literaturas
IH	Instituto de Humanidades

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14

CAPÍTULO 1. LEITURAS PÓS-COLONIAIS E ESTUDOS CULTURAIS NAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

1.1 ESTUDOS PÓS-COLONIAIS E AS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA 26

1.2 ESTUDOS CULTURAIS E AS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA 31

CAPÍTULO 2. LITERATURA E MEMÓRIA NO ROMANCE ANGOLANO

2.1 MEMÓRIA DAS LUTAS DE LIBERTAÇÃO E A GUERRA CIVIL EM ANGOLA: UM RECORTE TEMPORAL 36

2.2 PROJETO LITERÁRIO DE PEPETELA 40

CAPÍTULO 3. LITERATURA E MEMÓRIA NOS ROMANCES *MAYOMBE, A GERAÇÃO DA UTOPIA* E *PARÁBOLA DO CÁGADO VELHO*

3.1 *MAYOMBE* E A REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DA EFERVESCÊNCIA DAS LUTAS DE LIBERTAÇÃO 45

3.2 *A GERAÇÃO DA UTOPIA* E A REPRESENTAÇÃO DOS TEMPOS DE LUTA, GLORIFICAÇÃO NACIONAL E O DESENCANTO NO PÓS- INDEPENDÊNCIA 58

3.3 *PARÁBOLA DO CÁGADO VELHO* E A REPRESENTAÇÃO DE UM ESPAÇO DE DESESPERANÇA NA EFERVESCÊNCIA DA GUERRA CIVIL 76

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS 82

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 86

INTRODUÇÃO

1.1 Uma jornada às Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: Corpus da pesquisa

As literaturas africanas de Língua Portuguesa sempre estiveram presentes na minha formação intelectual e profissional, especificamente, nas grades curriculares do Curso de Letras – Língua Portuguesa durante a vigência dos anos de 2012 a 2017 vinculado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)[1], bem como no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID (2013-2016). Nestes dois âmbitos comecei a vivenciar a cultura, língua e a história dos povos africanos (especificamente angolanos, moçambicanos e caboverdianos) sob a ótica da Literatura e a suas referências históricas.

Celeste Cristina de Andrade Delfino, Maria Natalha Morais da Silva de Oliveira e Maurílio Alves Rocha Júnior (2019), através das experiências como integrantes do Projeto Institucional PIBID no Curso de Letras – Língua Portuguesa no Instituto de Humanidades e Letras – IHL (Instituto de Linguagens e Literaturas – ILL) na Unilab, descreve que:

> O Programa institucional de Iniciação à Docência- PIBID teve início em 2013 abordando os cursos de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Ciências da Natureza e Matemática da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira/UNILAB. Dentre os objetivos específicos do programa tem-se o seguinte: fomentar iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria da qualidade da educação básica pública brasileira (Delfino et al, 2019, p. 108).

Assim, produto literário escritos por escritores renomados como Luís Bernardo Honwana, Paulina Chiziane, Mia Couto, Ondjaki, José Eduardo Agualusa e, especialmente, Pepetela, conseguiram abordar nas páginas literárias eixos do universo ficcional, mas também as memórias, principalmente, os momentos que foram decisivos para a construção política e nacional dos países africanos.

Durante a graduação, mesmo sendo leitor iniciante (com uma bagagem teórica ainda em construção) consegui perceber que na escrita literária de cunho africano existia algo genuinamente, uma vez que através das leituras tentava compreender a narrativa dos escritores africanos como elementos do ficcional ou verídico. Com isso, à medida que trafegava pelos

[1] Em 20 de julho do ano de 2010, a Presidência da República, sob a presidência e a governabilidade de Luiz Inácio Lula da Silva (Lula), sancionou a Lei nº 12.289 instituindo a Unilab como Universidade Pública Federal e Internacional. Conforme aponta o artigo 2º da presente lei descrito na Constituição Federal de 1988 (disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12289.htm Acesso em: 27\01\2024).

caminhos dos conhecimentos em cada disciplina no curso de Letras e a cada leitura de autores africanos durante à regência, como bolsista, do PIBID compreendi que as literaturas africanas poderiam ser apreciadas mais que um produto literário estampado nas livrarias brasileiras, portuguesas e demais países, mas sim um produto estético cultural, cujos escritores conseguiram inserir os espaços político e sociais de Angola nas páginas literárias.

Por conseguinte, com uma leitura mais atenta (observando atentamente o enredo, tempo, espaço, personagens e as pistas advindas do narrador durante à narrativa) e compreendendo as teorias pós-coloniais que circundam o eixo das obras literárias das Literaturas Africanas, no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), durante o semestre do ano de 2017, ao analisar os romances "Um rio chamado tempo, Uma casa chamada Terra", de Mia Couto, e "A geração da Utopia" (2013), de Pepetela, foi possível compreender que o projeto literário, tanto de Mia Couto, como de Pepetela, figuravam escritas literárias que saiam do foco da fruição, mas sim para fins de estudos. Através das leituras destes escritores foi possível observar o que aconteceu durante e após os períodos revolucionários dos momentos bélicos em Angola e Moçambique.

E, assim, entender que, em determinados momentos, os guerrilheiros estavam utópicos com a luta e a vitória contra o sistema colonialista durante as lutas de libertação. Por outro lado, no decorrer das ações sentiram-se distópicos, pois percebiam que os rumos políticos encaminhavam para um novo tempo de luta armada. Conforme explicita Rocha Júnior (2017) ao investigar os romances:

"[...] defendemos a hipótese que as personagens caracterizadas como guerrilheiros das lutas de libertação em Angola e Moçambique são exemplos dos africanos que sonharam e se decepcionaram com a realidade política e social de suas nações independentes" (Rocha Júnior, 2017, p. 16).

É notável o quanto significativo é delimitar um corpus de pesquisa no campo das literaturas africanas, especialmente, da literatura angolana, de Pepetela, tendo em vista que a escrita deste autor vai além de uma leitura para fins de fruição, e sim para fins de compreensão da dinâmica cultural e os motivos que levaram Angola a lutar em prol dos seus direitos em meados do século XX, bem como um espaço de reflexões sobre a construção da sociedade.

Rocha Júnior (2018) no processo de análise dos romances aponta que:

> Do princípio utópico até o distópico , nota-se que o autor foi criterioso na representação da luta anticolonial que aconteceu em Angola. A cada capítulo nota-se o fôlego eufórico, utópico, dos guerrilheiros por uma identidade nacional liberta de todas as opressões, corrupções e desigualdades sociais que, supostamente, acabariam

> com a saída do colonizador. Tal desânimo distópico visível principalmente no inigualável combatente Aníbal, também percebe-se nos outros guerrilheiros, ainda durante as lutas. (Rocha Júnior, 2017, p. 11).

Foi a partir da participação no curso de especialização interdisciplinar em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, ofertado nos anos de 2021 a 2022 na UNILAB, que foi possível compreender que a escrita literária africana abrangeria mais um ponto importante: a prática da interdisciplinaridade. Em cada disciplina foi perceptível compreender que os caminhos da Literatura estavam interligados com os caminhos da memória angolana. Cada território africano (Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Principe) havia uma particularidade na sua escrita literária, tendo em vista que cada um apresentava no seu eixo literário uma forma de recontar, refletir e discutir a história social, política e cultural de seu país.

Sob a ótica de uma leitura atenta do romance e a jornada do escritor para se chegar no produto final da escrita romanesca, que é a publicação da obra, no Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de especialização foi possível analisar o romance contemporâneo "Crônica da Rua 513.2", do escritor e historiador João Paulo Borges Coelho (2020), pela via da interdisciplinaridade. Observando que as personagens e o próprio enredo envolto no romance vencedor do prêmio José Craveirinha (2005) estavam relacionados com a memória de Moçambique.

Nessa perspectiva, Rocha Júnior (2022) ao investigar o romance e delimitar o estudo com enfoque na personagem Tito Nharregula, sob a ótica da perspectiva dos estudos de Antônio Cândido (2014), ao relacionar "Literatura e sociedade", descreve que:

> [...] a história é tecida por cidadãos nas mais variadas formas e contextos que residem a rua 513.2. Não existe um personagem principal, mas a partir de retalhos, memórias, vozes de cada personagem é recontada os lados, as versões, da história principalmente por aqueles que estavam presentes nos anos revolucionários, mas que a fábula, como descreve Borges Coelho no artigo "Abrir a fábula: Questões da política do passado em Moçambique" (2015), não cita-os. Deixando-os apenas no lugar do esquecimento, a classe silenciada que não pôde contar a sua versão da história política e social de Moçambique. (Rocha Júnior, 2022, p. 19).

Com isso, através de um grande percurso acadêmico pela via das literaturas africanas, no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Humanidades (POSIH-MIH): a delimitação da pesquisa está centrada no âmbito da produção literária africana, especificamente, na literatura angolana pelo viés dos romances do escritor Carlos Artur Maurício Pestana dos Santos

(consagrado como Pepetela). Romances que estão centrados em um universo ficcional, no entanto, apresenta resquícios da história política, cultural e linguística de Angola, especialmente, durante a sua jornada para a construção da identidade angolana.

Nessa perspectiva, Artur Carlos Maurílio Pestana dos Santos, mais conhecido no âmbito intelectual e social como Pepetela[2], utiliza alguns traços da história nacional angolana como enredo para a construção das suas narrativas. Essa memória que o escritor e os civis angolanos presenciaram por longos anos podem ser representado nos romances *Mayombe* (2013), *A Geração da Utopia* (2013) e *Parábola do Cágado Velho* (2005). Esses três romances, obras propostas como objeto de estudo dessa presente dissertação de mestrado, apresentam figuras literárias (narrador, personagens, enredo, tempo e espaço) envolvidos (seja como guerrilheiros, ex-guerrilheiros e civis) no combate armado em Angola.

Essas obras, evidentemente, são amparadas como representações literárias dos anos das lutas armadas angolana, iniciando uma narrativa no início das lutas nacionalistas e posteriormente no pós-independência, durante a regência da guerra civil, uma vez que o romance *Mayombe* (1993), publicado pela primeira vez em 1979, existe uma narrativa construída em terceira pessoa, com um cenário de guerra na floresta Mayombe (mesmo nome que empresta para título da obra[3]), um local marcado para as lutas nacionalistas. Todas as personagens combatentes do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) estão emaranhadas nesse duelo contra o domínio colonialista.

Enquanto no romance *A geração da Utopia* (2013), publicado no ano de 1992, a narrativa é cronológica em que todas as personagens estão envolvidas, desde as discussões políticas na Casa Estudantes do Império (doravante CEI), um local criado pelo governo Salazarista para difundir elites africanas para as colônias portuguesas, até no combate armado das lutas de libertação, perpassando para uma sociedade pós-independente, assolada com os efeitos da guerra civil.

Paralelamente às obras mencionadas, esse cenário da guerra civil é perceptível no romance *Parábola do Cágado Velho* (2005), publicado pela primeira vez em 1996, constituída por uma narrativa em terceira pessoa, abordando uma história de amor entre Ulume e Munakazi, constituindo como pano de fundo o combate armado em que os filhos do casal, chamados de

2 Significado de Pepetela na língua quimbundo é "pestana", codinome consagrado ao combatente nos anos das lutas anticoloniais: "[...] Como se seu nome de guerra (Pepetela significa pestana) simbolizasse essa vigilância do olhar sobre as mudanças de que somos sempre corresponsáveis" (Couto, 1966, p. 82)
3 (Veiga, 2005).

Luzolo e Kanda, são também protagonistas e combatentes dessa luta entre movimento de combate distintos.

Posto isso, a presente dissertação, apresenta o resultado de uma análise de base qualitativa documental das obras *Mayombe* (2013)*, A geração da Utopia* (2013) e *Parábola do Cágado Velho* (2005), discutindo a representação literária das lutas pela independência, ocorrida entre o período de 1960 (até os fins de 1975) até a guerra civil (1976-2002) em Angola. Constituídas, portanto, obras literárias que tessituram a representação dos momentos bélicos nos territórios de Angola.

1.2 Justificativa e hipótese para a escrita da dissertação sob a ótica da Literatura Angolana

Justifica-se em analisar essas obras justamente pelo fato de compreender como o momento das lutas nacionalistas, passando pela independência em 11 de novembro de 1975, até o período pós-independência, estão empenhadas dentro da tríade romanesca em questão, uma vez que o próprio escritor argumenta essa possibilidade da representação histórica angolana em algumas de suas obras. Conforme explicita Pepetela em uma entrevista concedidaà Mota (2000): "Alguns dos meus livros foram escritos anos antes da independência, embora tenham sidos publicados depois delas" (Mota, 2000, p. 37).

Com isso, a hipótese para descrever uma análise comparada dos clássicos romances angolanos parte de um breve, porém explícito, apontamento das pesquisadoras Rita Chaves e Tânia Macedo, no artigo de opinião "Caminhos da Ficção da África Portuguesa" (2007), quando apresentam um breve panorama das obras literárias de escritores das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Assim, as estudiosas apresentam pontos de discussões para futuras pesquisas em torno dos romances.

Para as intelectuais os romances elencados nesta dissertação são consagrados como obras literárias capaz de representar as três fases de luta e resistência vivenciadas por Angola:

> Em *Mayombe,* romance destacado na obra de Pepetela, a luta de libertação é palco de glorificação de heróis nacionais, fenômeno que será relativizado em *A geração da Utopia,* quando o mesmo autor procura fazer um balanço do período que vai do começo dos anos 60 até o tempo indicado como "a partir de Julho de 1991". Em *Parábola do Cágado Velho*, Pepetela denuncia o absurdo dos combatentes que se prolongaram para além da lógica de seus motivos iniciais e arrasam o país. (Chaves; Macedo, 2007, p. 04).

Além da investigação da representação das lutas armadas nos três romances (seguindo a hipótese traçada por Chaves e Macedo), pode-se compreender os conflitos socioculturais e a herança desses momentos bélicos. Representados nessas obras literárias como o legado deixado pela sociedade angolano no pós-independência. Como a exemplo dos conflitos sociais: miséria, desigualdade e a negligência da nova elite capitalista instaurada.

Fenômeno este que pode ser interpretado como uma herança das práticas colonialistas, atividades econômicas exacerbadas, sonegação de impostos e desvios de verbas. Conforme descreve a historiadora Ana Mônica Henrique Lopes (2011): "O neo, portanto, traduz o status político do Estado "explorado" e ao mesmo tempo distingue através das ações das "novas metrópoles" o lugar dos novos-colonizadores promovendo uma ruptura entre o passado e o presente" (Lopes, 2011, p. 14).

Outrossim, torna-se relevante esta análise, pois pode exercer como fontes materiais e pesquisas para a compreensão do papel e o valor das literaturas africanas no ensino das escolas brasileiras, tendo em vista que no dia 09 de janeiro de 2003, foi aprovado e assinado a lei 10.639\2003 e que, posteriormente, foi alterada em 10 de março de 2008 pela lei 11.645/2008[4], tendo como objetivo inserir na grade curricular das escolas brasileiras o ensino da história e cultura africana, afro-brasileira e dos povos indígenas.

Tal como descreve no 1º parágrafo, artigo 26 da referida lei:

> § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil (Brasil, 2008, p. 03).

Na mesma vertente, é de grande importância a análise destas obras, pela via dos estudos pós-coloniais, por apresentar uma temática direcionada ao campo da interdisciplinaridade, ou seja, possibilitando um diálogo entre várias áreas de conhecimentos. Como, por exemplo, literatura e memória, buscando compreender a construção social e cultural de uma nação pela via da arte literária. E, assim, buscando compreender a

4 Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm Acesso em: 13\11\2017.

necessidade dos movimentos sociais e as lutas deste povo, que no determinado tempo da história foram considerados prisioneiros de um sistema totalmente opressor.

Observando esta relação interdisciplinar entre a memória de uma sociedade e a literatura. Japiassu (1976) ao discutir sobre o conceito de interdisciplinaridade descreve que este método investigativo cria no pesquisador um processo de inquietação sobre o objeto, uma vez que a pesquisa será dialogada com vários campos dos saberes. E isto torna a investigação com argumentos concretos para a defesa do ponto de vista.

Nesse viés, ao passo que Japiassu (1976) descreve que: "Toda pesquisa, para ser operatória, precisa quebrar o quadro das disciplinas e definir uma estratégia em n dimensões" (Japiassu, 1976, p. 57), ou seja, quebrar o pacto do saber fragmentado, homogeneizado. Gaudêncio Frigotto (2008) reforça que: "a interdisciplinaridade na produção do conhecimento nos é uma necessidade imperativa" (Frigotto, 2008, p. 47).

Nota-se que este método deve ser visto como uma necessidade imperativa, tendo em vista que todo conhecimento na sua natureza não é só compartilhado em apenas um campo de conhecimento, mas sim em outras áreas. Conforme aponta Frigotto (2008): "A necessidade do trabalho interdisciplinar na produção do conhecimento não é prerrogativa apenas das ciências sociais" (Frigotto, 2008, p. 45).

1.3 Os romances *O cão e os caluandas* (2019), *O desejo de Kianda* (2021) e *Predadores* (2017) e o seu valor literário para o objeto de análise – Justificativas

Observando o catálogo de escrita das literaturas africanas, pode-se perceber que Pepetela apresenta uma vasta e complexa escrita literária. Todos os seus romances descrevem narrativas que valorizam a cultura, a geografia e a memória de seu País. Porém, existem romances que abarcam um produto literário mais condensado no âmbito da memória de Angola do que outros. Além dos romances elegidos para a análise deste trabalho, tem-se como exemplo as obras *O cão e os caluandas* (2019), escrito entre os anos de 1979 até 1983, publicado nos anos de 1985, *O desejo de Kianda* (2017), escrito nos anos de 1994 e publicado nos anos de 1995 e *Predadores* (2017), publicado originalmente em 2005.

São obras que abarcam a cultura da população, mas que apresentam traços da memória da construção política e social. Paralelamente ao romance *Parábola do Cágado Velho* (2005), ao enaltecer um animal como protagonista e personagem da obra literária, *O cão e os caluandas* (2018) conta uma história de um cão, cuja sua originalidade genética é pastor alemão, em que

a cada momento é adotado por um novo dono nas dependências de Luandas. O romance conta a história de animal que a cada momento é adotado, mas também faz uma costura a caracterização dos caluandas (isto é, os sujeitos que vivem em Luanda) em uma sociedade instaurada no pós-independência.

Conforme é apresentado no início do romance, no capítulo "Tico, o poeta": "O cão olhou para mim e mexeu a cauda. Era grande e bonito, um canzarrão simpático. Mas se via e comia muito. E nesse tempo de crise, nem que tinha carde para mim, quanto mais..." (Pepetela, 2019, p. 17).

Para a estudiosa Tania Mâcedo (2019) o romance: "[...] é um pequeno livro que conta uma grande história: a história de um país heroico que fez a sua independência, resistiu a uma guerra, mas também a história menos nobre do mesmo país assolado pela corrupção [...]" (Mâcedo, 2019, p. 11).

Outra obra de bastante relevância para a compreensão de uma Angola contemporânea é o romance *O desejo de Kianda* (2021). Esta obra é irônica e, ao mesmo tempo, critica justamente pelo fato do narrador iniciar a narrativa por volta dos anos de 1994, em Luanda, porum território fraturado com as consequências da guerra civil. Com isso, enquanto existe um casamento entre as personagens Carmina Cara de Cu (CCC) e João Evangelista, representantes de uma elite capitalista no pós-independência, freneticamente acontece vários atentados aos prédios em Luanda, que afeta a dinâmica da vida dos habitantes. Nesse âmbito, ver-se uma sociedade com os rumores de uma herança advinda do tempo colonial, conforme também é visível nos últimos capítulos da obra *A geração da Utopia* (2013).

Tal como é apresentado no primeiro capítulo do romance:

> João Evangelista casou no dia em que caiu o primeiro prédio. No largo do Kinaxixi. Mais tarde procuraram encontrar uma relação de causa e efeito entre os dois notáveis acontecimentos. Mas só mais tarde, quando a síndrome de Luanda se tornou notícia de primeira página do New York Times e do Frankfurter Allgemeine. Aliás, João Evangelista casou às cinco da tarde, na Conservatória do Kinaxixi, e o prédio caiu à seis. A existir a relação, parece claro ser o casamento a causa e nunca o suicídio do prédio. O problema é que as coisas nunca são tão límpidas como gostaríamos (Pepetela, 2021, p. 09).

Para a pesquisadora Vanessa Ribeiro Teixeira (2018): "Em *O desejo de Kianda*, romance revelador de um país às avessas, o ficcionista Pepetela evoca a tecedura alegórica para ilustrar os desvãos de uma sociedade contaminada por regimes culturais que não lhe pertencem" (Teixeira, 2018, p. 171).

Ao passo que os romances elencados neste tópico são de bastante importância pelo fato de abordar reflexões sobre uma sociedade contemporânea, nos anos de 2005, no pós-guerra civil, o escritor Pepetela publica o livro *Predadores* (2008), narrando a história de um empresário com uma grande ascensão social, política e econômica, chamado de Vladimiro Caposso. Nesta obra, Pepetela transcreve personagens com características de Predadores capitalistas, dispostos a "[...] devorar, suprimir e apagar o outro, em nome de si próprio ou de seus próprios interesses, sem entrar no mérito destes" (Valentim, 2009, p. 351).

Conforme é perceptível nos primeiros momentos da narrativa de um romance publicado no pós-guerra:

> Na rua acontecia uma passeata política, com muitos carros cheios de gente agitando bandeiras rubro-negras, cartazes, jovens de camisolas vermelhas e punhos erguidos, gritando slogans e canções políticas. Faltava uma semana para as eleições. A essas passeatas de pessoas empoleiradas em carros, dezenas de carros embandeirados a buzinar e centenas de cidadãos a gritar, o povo no seu aprendizado da recém-chegada democracia chamava carreatas, pois as passeatas deviam ser nomeadas apenas no caso de manifestações a passo. Esta era talvez a maior concentração de veículos de sempre,na maior parte dos carros pertencentes ao património do Estado, buzinando estridulamente (Pepetela, 2008, p. 25).

Paralelamente à narrativa do escritor angolano, Jorge Valentim (2009), aponta que Pepetela exerce: "[...] sobre o bordado romanesco, ao iniciar com uma cena marcada pela violência, criar uma trajetória de personagens predadores, num cenário pós-guerra, oscilante entre a perspectiva de um futuro promissor e a desesperança diante da falência de antigos ideais [...]" (Valentim, 2009, p. 354).

Mesmo que estas obras não foram delimitadas nesta pesquisa como objetos de estudos, justifica-se o grau de importância e o grande valor literário, justamente pelo fato do escritor angolano depositar nas páginas literárias eventos que se entrelaçam com os fatos históricos. Conforme descreve Pepetela em entrevistas: "Certamente muitos livros têm a ver com o meu país, a situação do meu país. E são situações muito diferentes, como a minha vida certamente também tem" (Torrão, 2023, p. 140). Tornando obras literárias com um produto sociocultural relevante, tanto para a crítica literária, como o diálogo entre outras áreas do conhecimento (como a exemplo dos estudos da interdisciplinaridade, dialogando com o campo da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas).

1.4 Os caminhos textuais e de análise da dissertação de mestrado – resumo dos capítulos

A presente dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Humanidades (POSIH-MIH), através da linha de pesquisa "Educação, Políticas e Linguagens", está subdividida em capítulos. Cada capítulo existe uma discussão em pauta para se chegar aos resultados das análises dos romances. Iniciando uma discussão teórica através dos estudos culturais e pós-coloniais nas literaturas africanas de língua portuguesa, seguida de uma análise de cunho bibliográfico dos anos revolucionários em Angola a qual o escritor estava inserindo. Ao fim, análise dos romances do escritor angolano atentando-se ao processo de representação literária dos momentos bélicos imersos na geografia de Angola. E, consecutivamente, apresentando os resultados da pesquisa.

O primeiro capítulo é uma discussão em torno das teorias que circundam a pesquisa de cunho qualitativo-bibliográfico. Especificamente através dos estudos pós-coloniais e os estudos culturais no seio das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela via das perspectivas de Ana Carolina D. Escosteguy (1998), Marcos Aurélio dos Santos Souza (2007), Russel G. Hamilton (1999), Stuart Hall (2009), Thomas Bonnici (2005) e entre outros estudiosos que, além de discutir as perspectiva dos estudos culturais e os estudos pós-coloniais, discutem elementos importantes da prática da interdisciplinaridade nos campos científicos do saber.

Conforme ressalta Bonnici (2005) ao observar os avanços dos estudos pós-coloniais no limiar do Século XXI.:

> Apesar das reservas e dos debates, as pesquisas em Estudos Pós-coloniais es- tão crescendo continuamente porque a crítica pós-colonial permite uma investigaçãoabrangente nas relações de poder em múltiplos contextos. A formação de império, oimpacto da colonização na história da ex-colônia, a economia, a ciência, a cultura, asproduções culturais de sociedades colonizadas, o feminismo, a autonomia para pesso-as marginalizadas, e o estado pós-colonial nos contextos econômicos e culturais con-temporâneos são alguns tópicos nesse campo. (Bonnici, 2005, p. 189).

Em continuidade, o segundo capítulo existe uma discussão em torno do contexto sociocultural e político a qual o escritor angolano Pepetela estava inserindo. O capítulo, em pauta, discute alguns recortes temporais que estão sobrepostos no objeto deste resultado de pesquisa, que trata-se do contexto social e político relacionado às lutas de libertação nacional e, posteriormente, a guerra civil no pós-independência.

Frank Marcon (2011), descreve que os romances do escritor angolano: "[...] estão sempre fazendo um retorno alegórico à nação, embora seja importante ressaltar que o escritor

não vê a nação como algo pronto e acabado e muito menos desprovida de conflitos internos [...]" (Marcon, 2011, p. 46).

Além das pesquisas de Marcon (2011) ao relacionar os romances de Pepetela e a imaginação da nação angolana, estes questionamentos são discutidos com os principais apontamentos de Ana Mafalda Leite (2013), Carlos Serrano (1999), Denise Mota (2009), Inocência Mata (2009), Mia Couto (2023), Rita Chaves (2022), Rejane Vecchia da Rocha e Tatiane Reghini Mattos (2015), Sueli Saraiva (2012) e entre pesquisadores que discutem o conceito da memória, utopia\ distopia e os conflitos políticos e sociais durante os momentos revolucionários nos territórios angolanos.

O terceiro capítulo busca relacionar a representação dos conflitos políticos e sociais acometidos em Angola através dos três romances de Pepetela, uma vez que o próprio escritor durante entrevistas concedidas para pesquisadores descreve que os seus romances apresentam recortes dessas memórias ocorridas em territórios angolanos. Assim, neste capítulo é revisitado um clássico romance das Literaturas Africanas, conceituado como *Mayombe* (2013), dando enfoque uma análise da representação literária das lutas de libertação através do romance, cujo enfoque está voltado para o cenário em que as personagens de diversas etnias africanas estão nos preparativos para o combate armado. Conforme descreve a pesquisadora Carolina Bezerra Machado (2020): "Os seus romances colocam em debate a identidade plural existente em Angola." (Machado, 2020, p. 306).

Além das pesquisas de Machado (2020), a análise do romance sustenta-se nos achados de Adriana Aguiar (2018), Francisco Élder de Freitas Vidal (2014), Gustavo Henrique Ruckert (2020), Manuel Ferreira (1980), Marina Ruyvo (2009) e entre outros pesquisadores que investigam o romance de Pepetela pelas variadas camadas teóricas no campo dos estudos pós-coloniais.

Em continuidade, a análise do romance *Parábola do Cágado Velho* (2005) discute os efeitos da guerra civil através da representação literária dos civis que mais sentiram os efeitos desses momentos bélicos, isto é, os moradores da zona rural. Os civis que viviam em aldeias e que acompanhavam o limiar da guerra através dos relatos de combates e ex-combatentes que eram convocados e alistados para participar nas lutas armadas. No entanto, a narrativa desta obra, através da personagem principal Ulume, utiliza-se o recurso da memória para construir uma obra capaz de descrever os efeitos dos conflitos políticos e sociais herdados para a população angolana.

Tal como apresennta Magdala França Vianna (2009) ao investigar a presente obra: “Apropriando-se das possibilidades didáticas da parábola. Pepetela, o mais sábio, exercita seu poder de ensinar na elaboração de uma pedagogia político-cultural, usando a escrita como uma alteridade feminina contra a morte das representações culturais de Angola.” (Vianna, 2009, p. 306).

Além dos apontamentos de Vianna (2009), esta análise é amparada a partir das investigações de Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco (2009), Jéssica Schmitz (2021) e entre outros investigadores que dedicam seus estudos através do caminho da literatura e a memória no romance do escritor em pauta.

Por fim, para concluir a análise dos romances de Pepetela neste capítulo. O último tópico deste presente capítulo analisa o romance *A geração da Utopia* (2013) atentando-se para todos os movimentos narratários da conscientização e o envolvimento dos jovens estudantes intelectuais para uma revolução política (iniciando na Casa dos Estudantes do Império), perpassando para a participação nas lutas nacionalistas, a glorificação nacional, mas também o declínio de todas as perspectivas e os sonhos construídos durante o combate armado contra o inimigo.

Nessa perspectiva, Célia Regina Marinangelo (2009) aponta que: “O romance *A geração da Utopia* marca um momento importante na obra literária de Pepetela, na qual percursos históricos e pessoais afloram num entrelaçamento de ficção e realidade” (Marinangelo, 2009, p. 289). Além dos apontamentos de Marinangelo (2009), esta pesquisa dialoga com os resultados das pesquisas de Chaves (2022), Abdala Júnior (2013), no que tange a análise do romance de Pepetela, abordando um eixo da ambivalência entre literatura e história, bem como a utopia e a distopia.

Nas considerações finais é apresentado um balanço de toda a pesquisa realizada ao longo do processo de análise dos três romances (elencados nesta dissertação) do escritor angolano. Desse modo, é reforçado o objetivo de analisar três romances distintos, com datas de publicações distintas, entretanto escrito pelo mesmo autor com o tempo e espaço que se entrelaça com a memória do território de Angola. Nesse viés, as considerações finais costuram esta análise comparada, apontando de que os romances delimitados com o objetivo de pesquisa podem ser considerados obras com aportes para a compreensão dos anos mais decisivos vivenciados pela população angolana. Ademais, a presente pesquisa viabiliza uma discussão de

compreender, pela via da literatura, a voz do outro. Especificamente aqueles que presenciaram e vivenciaram todo o processo para se chegar um país independente no pós-75.

CAPÍTULO 1. LEITURAS PÓS-COLONIAIS E ESTUDOS CULTURAIS NAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

1.1 OS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS E AS LITERATURAS AFRICANAS

Na pós-modernidade, especificamente, nos estudos de base interdisciplinar tem-se muito difundido pesquisas pelo viés dos estudos pós-coloniais. Pesquisas que desterritorializam atitudes intelectuais com resquícios de conceitos e atitudes intelectuais colonialistas. Isto é, discursos ideológicos que buscam um pensamento de negar a cultura, língua, etnia e os costumes do outro (de um povo, por exemplo). Tal como é perceptível na visão de Luís Thiago Freire Dantas (2015): "[...] possui um aspecto de controle da autoridade política, do trabalho e da autoridade de uma população." (Dantas, 2015, p. 43).

Manuel Ferreira ao descrever sobre o colonialismo aponta que: "[...] de caso pensando e por força do seu sistema interno, despersonaliza o colonizado, deprime-o, destrói-lhe a imagem que ele forma do seu universo singular, coisifica-o e não lhe permite que ele se torne sujeito de história. (Ferreira, 1980, p. 02).

Nesse sentido, nota-se que o termo pós-colonial nasceu como uma forma de resistência e descolonização de todo pensamento e ações colonialistas, principalmente, no campo das ciências sociais, artísticas e literárias, justamente, para criar um desmonte dos aspectos referenciais às atitudes do colonizador, uma vez que o sistema colonial estava enraizado nas questões sociais, artísticas e literárias.

Sob esta ótica, a partir dos achados de Russel G. Hamilton (1999, p. 02), tem-se muito discutido as origens desse conceito. Assim, a partir dos anos noventa, no universo acadêmico anglo-americanos, especificamente, nos institutos de letras e ciências sociais o conceito de estudos pós-coloniais ganham uma representatividade muito significativa. Tanto que durante os anos noventa muitas publicações acadêmicas discutem o conceito pós-colonial.

Desse modo, a partir dos levantamentos de Russel G. Hamilton (1999, p. 02), nota-se que existem muitas obras basilares para a compreensão das concepções pós-coloniais, como a exemplo da obra "Contemporary Postcolonial Theory: A Reader", uma obra publicada na

Inglaterra em 1996, organizado por Padmini Mongia; “Orientalism”, publicado em 1979, autoria de Edward Said, como também a obra de “The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures”, publicado originalmente em 1989 por Bill Asrehcroft, Gareth Griffiths, e Helen Tiffin e a obra “In My Fathers House Africa in the Philosophy of Culture”, publicado em 1992, de Kwame Anthony Appiah.

Nesse interim, as leituras e estudos pós-coloniais são bases antagônicas ao sistema colonialista. Enquanto o colonialismo tinha como objetivo dominar o outro e sua identidade, tentando instaurar uma cultura com aspectos eurocêntricos, os estudos pós-coloniais buscam rebater esse paradigma e estabelecer um pensamento ideológico buscando difundir uma perspectiva fora do pensamento eurocêntrico.

Stuart Hall ao discutir a perspectiva pós-colonial descreve que este termo tornou-se algum muito corriqueiro na sociedade. Todas as atitudes, seja de países, como estudos europeus, centravam-se em uma perspectiva pós-colonial. No entanto, o estudioso aponta que algumas sociedades não utilizam as perspectivas dos estudos pós-coloniais, e, com isso, alguns pensamentos não estavam totalmente com uma descolonização do saber (na sua totalidade).

Conforme aponta o autor, ao discutir o artigo “Notes on the Postcolonial”, escrito pela pesquisadora Ella Shohat (1992), descreve que: “[...] à luz da crítica “pós-colonial”, aqueles que utilizam o conceito devem atentar mais para as suas discriminações e especificidades e\ou estabelecer com mais clareza qual nível de abstração o termo está sendo aplicado e como isso evita uma ‘universalização’ espúria.” (Hall, 2009, p. 100).

No entanto, o estudioso descreve que esta ruptura do pensamento colonial para o pós-colonial não foi imediata, mas sim um longo processo tardio e demorado. Houveram vários processos político-sociais para esta ruptura, como a exemplo do envolvimento das lutas de classes que resistiram as formas de opressões advindas do colonialismo.

Nesse viés, Stuart Hall (2009) aponta que:

> Obviamente, o rompimento com o colonialismo foi um processo longo, prolongado e diferenciado, em que os movimentos recentes do pós-guerra pela descolonização figuram como um, e apenas um, ‘momento’ distinto. Neste caso, a ‘colonização’ sinaliza a ocupação e o controle colonial direto. Já a transição para o ‘pós-colonial’é caracterizada pela independência do controle colonial direto, pela formação de novos estados-nação, por formas de desenvolvimento econômicos dominadas pelo crescimento do capital local e suas relações de dependência neocolonial com o mundo desenvolvido capitalista, bem como pela política que advém da emergência de poderosas elites locais que administram os efeitos contraditórios do subdesenvolvimento. (Hall, 2009, p. 103).

Nesse sentido, Stuart Hall (2009) reforça essa discussão que os estudos pós-coloniais, às vezes, possam não estar completamente desenvolvido, uma vez que ainda existem pensamentos ideológicos presos em questões eurocêntricas, por isso reforça de que: "[...] o 'colonial' não está morto, já que sobrevive através de seus 'efeitos secundários' (Hall, 2009, p. 103-104).

Hamilton (1999) aponta que mesmo que os intelectuais, escritores africanos e africanistas apontam perspectivas pós-coloniais que "[...]encaram o passado enquanto caminham para o futuro" (Hamilton, 1999, p. 06) descreve também que o colonialismo ainda está presente na sociedade africana: "Está presente na forma da ameaça ou realidade do neo-colonialismo, isto sendo uma dependência econômica com respeito à antiga metrópole e às multi-nacionais. Os des-colonizados ainda têm que viver com a herança indelével do colonialismo" (Hamilton, 1999, p. 06).

Entretanto, existem campos interdisciplinares que a perspectiva em questão apresentou uma maior ascendência, como a exemplo dos estudos literários. Neste campo o pesquisador tem a possibilidade de confrontar todas as perspectivas colonialistas e pós-colonialistas, tendo em vista que escritores têm a consistência de criar campos literários que reforçam apontamentos pós-coloniais.

Conforme descreve Stuart Hall:

> Não se pode simplesmente afirmar que as relações entre esses paradigmas foram abandonadas. Em parte, trata-se de um efeito institucional -uma consequência inesperada, diriam alguns, do fato de que o 'pós-colonial' tem sido melhor desenvolvido pelos acadêmicos literários, que têm sido relutantes em romper as barreiras disciplinares (e até pós-disciplinares) necessárias ao avanço do argumento. (Hall, 2009. p. 117)

A partir dos apontamentos de Stuart Hall (2009) ao descrever sobre as leituras pós-coloniais e discutir essas questões também citadas por Ella Shohat (1992), exemplo destes "[...] acadêmicos literários" (Hall, 2009, p. 117) são as literaturas africanas. A africanidade passou por um longo período preso em uma era colonial. Neste âmbito, os países africanos (consagrados naquele momento histórico como colônias) no seio político e social apresentavam apenas uma visão eurocêntrica imperialista, uma vez que a dominação dos territórios africanosestavam sob condução dos colonizadores.

Claude E. Ake define que a ação capitalista corrupta como uma: "[...] subordinação de um país, ou qualquer tentativa de subordiná-lo, a outro no intuito de manter um relacionamento de intercâmbio desigual" (Ake, 1979, p. 56). Desse modo, a partir dos achados de Ake (1979), pode-se perceber que o imperialismo é uma forma de acumulo capitalista capaz de arrastar todas as produções de um determinado local a ponto de dizimar todo o local.

Desse modo, toda produção literária, linguística e cultural também prevalecia somente uma perspectiva eurocêntrica, tendo em vista que o primeiro processo de colonização é a negação do outro (como bem mostra citar autores). Com isso, as literaturas africanas produzidas nesta era tinha somente uma visão que prevalecia a identidade do colonizador, enquanto a identidade do colonizado, às vezes, estava totalmente implícita nas produções literárias.

No entanto, com a advento de negar e resistir a cultura do colonizador urge nos países colonizados um pensamento arraigado aos valores locais, ou seja, uma escrita de cunho literária que prevalecia os costumes, a língua e a história dos povos subalternizados. Assim, a produção literária ganha uma representatividade muito significativa nas elites africanas, uma vez que a arte também foi considerada uma forma de resistir o outro, principalmente, a sua produção cultural e linguística.

Conforme aponta Halmilton (1999) ao refletir sobre o passado colonial como produto de discussão e denuncia nas produções literárias africanas dos PALOPS:

> Naturalmente, os poemas, contos, romances e peças teatrais de reivindicação, protesto social e combatividade opunham-se ao regime colonial. Aliás, há quem afirme que de menor ou maior grau uma obra literária de qualquer sociedade e de qualquer época ou apóia ou contesta o regime vigente. Assim, nos PALOP, seguindo-se à vitória dos respectivos movimentos de libertação, surgiu uma literatura que celebrava a derrota do regime colonial, proclamava a revolução social e celebrava a (re-)construção nacional (Hamilton, 1999, p. 05).

Nesta ótica, as literaturas africanas de língua portuguesa vislumbram uma visibilidade muito valorizativa na sociedade pós-moderna, em especial nos estudos pós-coloniais, uma vez que, por alguns momentos, principalmente nos anos em que Portugal considerava os espaços sociais africanos como colônias (período colonial, fins do século XIX até 1975) a produção cultural africana (classificados por alguns momentos como povos colonizados, subalternos) prevalecia apenas uma perspectiva colonial, a cultural do colonizador.

No entanto, após as independências de países africanos (como a exemplo os países que constroem os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa – PALOPS), a produção literária

africana apresenta uma perspectiva de crítica e reflexiva que dar a voz aqueles que foram apagados ou silenciados durante um período tortuoso na era colonialista. Assim, neste período, escritores renomados cultuam a produção artística e literária africana como um ambiente que possam discutir assuntos sobre assimilacionismo, colonialismo, sentimento de reclusa da cultura colonialista e, a posterior, a importância da identidade nacionalista, a partir das lutas de independência.

Ana Mafalda Leite ao discutir sobre os estudos pós-coloniais no seio literário descreve que este termo nasceu durante a "pré-independência e no pós-independência" (Leite, 2013, p. 16). Descrevendo o conceito de pós-colonial como: "todas as estratégias discursivas e performáticas (criativas, críticas e teóricas) que frustram a visão colonial, incluindo, obviamente, a época colonial" (Leite, 2013, p. 13).

Assim, a partir do conceito desta terminologia, pode-se perceber ações dos estudos pós-coloniais no âmbito literário. Muitos escritores africanos utilizaram (e consecutivamente utilizam) o sistema literário como uma forma de recontar os sabores e dissabores dos anos tortuosos e vitoriosos durante a emancipação cultural, étnica, política e libertária das ex-colônias na África (em especial, como objeto de análise deste trabalho, o país de Angola).

Segundo a pesquisadora das literaturas africanas de língua portuguesa Ana Mafalda: "O projecto da escrita pós-colonial é também interrogar o discurso europeu e descentralizar as estratégias discursivas; investigar, reler e reescrever a empresa histórica e ficcional, coloniais, faz parte da tarefa criativa e crítica pós-colonial" (Leite, 2013, p. 36).

Outro papel importantíssimo centrado nas literaturas africanas está relacionado aos debates sobre a construção nacional africana, uma vez que a cada movimento social e político nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOPS) a literatura estava presente, abordando uma escrita de ficção capaz de apresentar reflexões sobre o espaço geográfico africano. Principalmente no momento em que a literatura do colonizador pairava o sistema literário africano, isto é, quando a produção literária africana tinha características e formações culturais do colonizador.

Conforme descreve Leite (2013):

> A especificidade de cada uma das literaturas nacionais radica também nessa memória, por enquanto ainda só participava visível, do século XIX. Por outro lado, o surgimento das literaturas africanas é em simultâneo momento de indefinição, de partilha e de ruptura com a literatura do país colonizador, verificar as épocas em que as fronteiras ainda se tocam, ou há partilha simultânea de autores por duas literaturas, ou ainda as

> relações aparentemente disjuntivas e ao mesmo tempo, em certos casos, mais fluidas, entre o desabrochar da ficção pós-colonial e o desenvolvimento da literatura local [...] (Leite, 2013, p. 36).

Em continuidade ao pensamento de Leite (2013), na visão de Hamilton (1999, p. 07), muitos escritores sentiram a necessidade de criar movimento sociais, políticos e literários para o combate em prol da identidade, pertencimento e a nacionalidade africana. Como a exemplo dos escritores como Luís Bernardo Honwana, autor de "Nós Matamos o Cão Tinhoso", um livro de antologias de contos literários que apresentam narrativas dos costumes moçambicanos; José Eduardo Agualusa, autor da obra "O vendedor de passados", Mia Couto, autor de "Terra Sonâmbula", Ungulani Ba Ka Khosa, autor de "Ulalapi" e Pepetela, autor do romance "A geração da Utopia".

Escritores que buscam uma travessia entre a literatura e a memória, com o intuito de apontar todo o sentimento de luta e resistência contra todas as marcas da corrupção durante o período colonial e pós-colonial seja em Angola, como em Moçambique. Por conseguinte, defendem um projeto literário de: "Re-escrever e re-mitificar o passado é, de certo modo, uma estratégica estético- ideológica que tem em vista protestar contra as distorções, mistificações e exotismos executados pelos inventores colonialistas da África" (Hamilton, 1999, p. 07).

É o que fomenta, por exemplo, o objeto de discussão deste presente trabalho, uma vez que o próprio escritor (em entrevistas concedidas ao longo da sua carreira como escritor, tal como será apresentado nos próximos capítulos) descreve que presenciou os processos revolucionários, a partir dos anos de 1960, e a sequelas dos momentos bélicos em seu país de origem, no período do pós-independência. E, com isso, a sua produção literária, abarca memórias que estão embebidas nesse tratado histórico, bem como críticas e reflexões sob a ótica de um guerrilheiro-intelectual que esteve presente na luta armada nos anos de 1969. Dessemodo, os estudos pós-coloniais atribuem a voz e uma maior visibilidade ao grupo social que esteve presente ativamente nesses marcos históricos e que nega as perspectivas e a dominaçãocolonial.

1.2 ESTUDOS CULTURAIS E AS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Paralelamente aos estudos pós-coloniais, em suma, urge no universo intelectual os estudos das culturas, consagrados como os estudos culturais. Esta modalidade de pesquisa que integra cultura e sociedade, tem como objetivo preencher lacunas epistemológicas e ontológicas

que foram deixadas de lado durante a trajetória do fazer científico. Como a exemplo a própria compreensão dos aspectos sociais, culturais e políticos presentes no seio da sociedade.

O seu percurso histórico surge no seio europeu, cujo textos fundadores surgiram entre a década de 50 e 60: "[...] Richard Hoggart com The Uses of Literacy (1957), Raymond Williams com Culture and Society (1958) e E. P. Thompson com The Making of the English Working-class (1963)" (Escoteguy, 1998, p. 88).

Assim, para Stuart Hall (2011, p. 124), a obra de Hoggart (1957) estava submergido nos "debates de massa" (Hall, 2011, p. 124) sustentando-se nas questões sobre "cultura de massa" (Hall, 2011, p. 124). Entretanto, a obra de Williams (1958) discute assuntos relacionados aos aspectos das mudanças sociais, políticas e econômicas. Por outro lado, a obra de Thompson (1963), lançada um pouco mais tarde, apresentava questões relacionadas às lutas de classes, como também uma discussão das questões históricas, como: "[...] a historiografia marxista inglesa e a história econômica e do 'trabalho'" (Hall, 2011, p. 125).

Desse modo, não é certo descrever que os estudos da cultura emergiram inicialmente a partir destes autores, no entanto pode-se perceber que as discussões ganharam ascendência a partir dos apontamentos destes autores elencados. Com isso, essa forma de investigação do meio social nasceu como um campo epistemológico que busca compreender as dinâmicas dos espaços sociais e culturais de grupos sociais. Porém, este conhecimento não é fragmentado, único no campo disciplinar, mas sim pelo viés de um compartilhamento de conhecimento, uma vez que um espaço do saber pode compartilhar os conhecimentos com outros.

Assim, pode-se entender que a interdisciplinaridade apresenta um papel fundamental para os estudos culturais, uma vez que os estudos da cultura integram um conhecimento compartilhado justamente para enxergar de uma forma crítica e científica as sociedades de modo geral.

Neste pensamento, Marcos Aurélio dos Santos Souza (2007) descreve que os Estudos Culturais constituem: "[...] consistiriam nesse espaço articulador, esse entre-lugar, sintoma de um momento em que as disciplinas precisam alargar seus conceitos e noções, raptar outros de disciplinas "vizinhas", "desler" suas premissas, rever seus princípios" (Souza, 2007, p. 03).

Desse modo, com a eclosão dos estudos da cultura e a ruptura dos saberes individualizados, o campo literário surge com uma forma de diálogo com as perspectivas dos estudos culturais, uma vez que o produto literário (por exemplo, o romance) não é visto apenas

como um objeto de análise do foco narrativo[5], e sim como elemento cultural de um povo, tendo em vista que o contexto de produção e divulgação é passível para compreender o aspecto cultural de um determinado grupo social.

Segundo Maria da Glória Bordini (2006): "[...] "cultura" era um conceito monolítico, que abarcava apenas as mais altas realizações do espírito, assim como "literatura" só se aplicava às obras de linguagem consagradas pelo tempo e incluídas nos cânones pelos críticos [...]" (Bordini, 2006, p. 11).

Neste interim, o autor, inicialmente idealizador da obra, antes da explosão dos estudos culturais foi classificado apenas como o autor da obra, sem nenhum interesse para a lacuna de investigação dos pesquisadores, uma vez que o foco maior seria a obra literário, o produto final do escritor. Porém, após a ascendência dos estudos da cultura, o contexto de produção, em consonância com a realidade do autor, é visto também como objeto de extrema importância para a análise literária, uma vez que para compreender os elementos da obra é essencial compreender a trajetória e a vivencia do autor, a fim de que o contexto em que o autor estava inserido é observado como pistas para uma melhor compreensão da narrativa.

Conforme descreve Bordini (2006) ao descrever a ascensão dos estudos culturais na pós-modernidade. E além disto apresentar um panorama histórico sobre a evolução dos estudos da cultura em territórios europeus:

> Tendo isso em mente, a pertinência de uma abordagem dos estudos literários que não se detenha nos recursos formais e sim que acentue as relações que o texto pode estabelecer com a vida social parece hoje muito maior do que os socialistas sonharam. Não é que se deva ignorar a função estética dos procedimentos formais, pois na verdade é deles que a potência emancipatória do texto literário deriva, como ensina Hans Robert Jauss (Bordini, 2006, p. 12).

Ademais, com as perspectivas teóricas antagônicas aos estudos da cultura, nas veias literárias as obras que teriam privilégios de análises e debates seriam os escritores e escritoras que estavam concentrados no sistema literário, chamada de cânones literário[6]. Enquanto uma

[5] Entende-se por foco narrativo toda a estrutura da escrita de um texto literário, especificamente, o romance, tais como: narrador, personagens, enredo, tempo, espaço, discursos. Ou então na visão de Norman Friedman pode -se compreender como: "[...] fundo estético desse conceito e sua emergência como instrumento crítico, delinear e exemplificar seus princípios básicos e, finalmente, discutir sua significação [...]" (Friedman, 2002, p. 167). Por outro lado, na visão de Luís Alberto Brandão Santos (2001, p. 01) compreende-se o foco narrativo como: Sujeitos ficcionais, narrar o tempo, espaço e literatura.

[6] Pode-se compreender o conceito de Cânone literário a partir da descrição no e-dicionário online de termos literários de Carlos Ceia: "O cânone literário é, assim, o corpo de obras (e seus autores) social e institucionalmente

elite de escritores que estava ressurgindo de um movimento de resistência e inserindo seus desejos e anseios pela via da ficção era estigmatizada, estava fora do campo de prestígio. No entanto, com a idealização dos estudos culturais, a classe esquecida, urge como um campo de análise, debate e prestígio.

Tal como reforça Bordini (2006):

> Um equilíbrio entre a alta cultura e as culturas minoritárias talvez seja o rumo adequado para o consórcio entre o multiculturalismo e os estudos literários, como bem sugerem os estudos culturais ingleses. Afinal, as identidades individuais se conformam no encontro com suas alteridades, mesmo sob o risco da fratura da integridade do eu. No contato com a literatura, o indivíduo adquire um sistema de valores e de regras de conduta, que o situam no mundo e lhe permitem avaliar seu lugar nele (Bordini, 2006, p. 21).

Dessa forma, Bordini (2006) ao descrever esse desejo de equilíbrio entre a "alta cultura e as culturas minoritárias" (Bordini, 2006, p. 21), nota-se que na contemporaneidade é perceptível este equilíbrio, uma vez que muitos estudiosos estão se voltando em analisar a cultura literária dos cânones literários, mas também outra parcela de estudiosos estão se voltando para a cultura literária de um grupo social que, ao longo dos tempos, foram esquecidos menosprezados e estigmatizados por determinados grupos sociais com pensamentos eurocêntricos.

Nesse viés, com a ascendência dos estudos culturais, a pós-modernidade vivencia um novo olhar para as literaturas consagradas como negras. Ou seja: uma literatura que abarca uma narrativa repleta de aspectos históricos, étnicos e linguísticos, como a exemplo da literatura afro-brasileira, indígena, afro-americana e africana. São estas literaturas que buscam um diálogo interdisciplinar entre a arte literária e a cultura, uma vez que a partir das literaturas escritas e publicadas em uma determinada época pode-se constatar também os costumes e a cultura apreendido neste momento.

A partir deste ponto, observa-se o fomento das literaturas escritas em continentes (anteriormente consagrados como colônias) africanos. Cada obra literária escrita tinha uma intenção significativa sobre a realidade vivenciada. Os escritores africanos criaram um produto literário capaz de refletir, denunciar e descrever pela via ficcional os momentos vivenciados, principalmente, tempos de combate armado e de resistência.

---

consideradas "grandes", "geniais", perenes, comunicando valores humanos essenciais, por isso dignas de serem estudadas e transmitidas de geração em geração." (Duarte, 2009, p. S\P)

Rita Chaves (2022) ao analisar à geografia da memória de Angola na produção literária do país, descreve que a literatura angolana: “Sob o abismo do tempo colonial e\ou sob as nuvens ambíguas de um país ainda distante de um céu democrático, faz-se uma literatura que, mesclando registro e invenção, intensifica aquele desejo de saber de que barros somos feitos” (Chaves, 2022, p. 89).

Portanto, os estudos culturais que surgiram, inicialmente, nas veias eurocêntricas e perpassando por vários movimentos que ora regrediam, ora alavancavam as perspectivas do estudo das culturas[7], instauraram no campo científico com uma ótica de observar a cultura não por um viés homogêneo, estagnada, mas sim multicultural, heterogêneo, uma vez que cada grupo étnico cultural apresentava seus valores culturais.

Nessa perspectiva, a literatura angolana, especificamente, a produção literária de Carlos Artur Maurício Pestana dos Santos (filho de Maria Helena Maurício Pestana dos Santos e José Guilherme Figueiredo Pestana dos Santos, conhecido no âmbito intelectual, cultural e social como: Pepetela) figura perspectivas para os estudos culturais, uma vez que a escrita literária do escritor apresenta personagens, enredo, tempo e espaços que repelem a existência do espaço do colonizador no seio angolano. Um projeto estético literário que, no eixo da narrativa, apresenta representação literária do objetivo dos embates históricos durante as lutas de independência e a guerra civil, todavia reflexões sobre esses momentos bélicos no pós-independência. Com isso, para os estudos culturais construir uma literatura sob o prisma da memória de um país é consolidar um produto que aborda a resistência com o pensamento antagônico do colonizador.

CAPÍTULO 2. LITERATURAE MEMÓRIA NO ROMANCEANGOLANO

2.1 LUTAS DE LIBERTAÇÃO E A GUERRA CIVIL EM ANGOLA: RECORTE TEMPORAL[8]

[7] Segundo a visão de Hall (2009, p. 195 -196), pode-se citar como a exemplo das perspectivas feministas e as questões raciais. Dois campos de investigação que, ao longo da evolução dos estudos da cultura, não foram aprofundados, mas que os movimentos sociais tornaram evidentes e ressaltaram a inclusão destes dois paradigmas de extrema importância para a compreensão das culturas.

[8] É importante destacar que este tópico de capítulo vai descrever os eventos históricos presentes em Angola, especificamente, no que diz respeito as guerras assoladas no país durante a sua emancipação política, social e cultural. Assim, será descrito o que foram as Lutas de Libertação, como também a guerra civil e seus reais períodos históricos (datas, por exemplo). No entanto, durante as análises dos romances é importante destacar que o recorte temporal vai até 1992 e 1996, especificamente, com a publicação dos romances *A geração da Utopia* (2013) e *Parábola do Cágado Velho* (2005).

Angola, antes de tornar-se um país independente, passou por longos períodos de conflitos políticos. Na conjuntura dos anos de 1961, especificamente em 04 de fevereiro de 1961, surge em Angola as lutas armadas pela independência nacionalista. Essa necessidade de lutar "[...] contra a opressão colonialista sustentou o nacionalismo que, por sua vez, culminou na formação da guerrilha" (Silva; Mattos, 2015, p. 292). Tendo como principal objetivo a libertação cultural, étnica e econômica das amarras do colonialismo, isto é, um sistema político que deslegitimava as formas de opressão instauradas no território de Angola.

Valdemir Zamparoni (2022) ao discutir literatura e anticolonialismo, aponta que a produção literária africana segue os marcos temporais do tempo colonial, anticolonial, nacionalista e no pós-independência, descreve que o sinônimo de colonialismo é, na sua totalidade, violência, uma vez que estas duas palavras são indissociáveis.

Assim o estudioso descreve que:

> O colonialismo abrange todas as dimensões da existência social, coletiva e individual: a perda da soberania, com todas as implicações práticas e simbólicas, a expropriação de terras e gados, o trabalho forçado, a imposição de cultivos de certos produtos, a cobrança de impostos, a destruição de lugares e objetos sagrados e a imposição do cristianismo, deu-se com base na violência, racial direcionada, sob a forma de coação, chicotes e fuzis (Zamparoni, 2022, p. 137).

Em consonância com o posicionamento de Zamparoni, Rita Chaves (2022), ao analisar romances da literatura angolana, descreve que uma das estratégias do colonialismo seria de: "[...] impedir a circulação das ideias, bloqueando as trocas culturais entre os vários grupos, percebemos a importância desse clima de exteriorização de valores e diferenças como já um ato subversivo" (Chaves, 2022, p. 96).

Com isso, durante os anos de 1961 até 1974, os angolanos, unidos com armas e recursos para o combate nas mãos, estava na efervescência para as lutas em prol da libertação política, econômica e cultural, tendo como principal objetivo aniquilar a dominação colonialista. Sob essa memória política presente nas veias da angolanidade, Miguel Domingos Júnior (2021) esclarece que: "Os primeiros anos da luta de libertação de nacional (1961-1963) foram momentos de determinação, bravura, coragem, resiliência, sacrifício, mas também de dúvidas, incertezas, sangue, dor, luto, traições, etc." (Domingos Júnior, 2021, p. 08).

Durante este intervalo de tempo em que Angola vivenciou os anos mais violentos da sua historicidade, muitos civis estavam convictos de que o combate seria árduo, no entanto o desejo

pela vitória e erguer a bandeira da independência estavam resplandecendo fervorosamente . Compreendendo, portanto, uma utopia de que haveria uma vitória contra o inimigo predador.

Assim, sobre o conceito de utopia, Ernest Bloch (2005) ao estudar o conceito, descreve-o como um pensamento idealizado, conceituado como "sonho diurno" (Bloch, 2005, p. 29). Um desejo, que poderá ser realizado, pois é um: "[...] processo que ainda não resultou no seu conteúdo mais imanente, o qual está sempre a caminho de se realizar [...]" (Bloch, 2005, p. 144). Em continuidade ao pensamento de Bloch (2005), pode-se compreender a utopia como um desejo de um futuro mais esperançoso. Tal como descreve o pensamento de Luigi Firpo: "[...] uma mensagem projetada no futuro, um discurso imaturo" (Firpo, 2005, p. 234).

Com o declínio do colonialismo, em 11 de novembro de 1975 é proclamada independência angolana, após um ano dos festejos da vitória contra o inimigo opressor (a partir dos anos de 1976). Nesse viés, urge a guerra civil, que se estende por volta dos anos de 2002, partidos políticos que estavam envolvidos na luta solidária (como a UNITA e o MPLA) rompem o pacto de solidarismo e surge um combate atrelado ao poder individualista. A utopia idealizada nas lutas de independência de que todos estavam unidos lutando contra o colonialismo é rompida e eclode um sentimento de distopia durante o pós-independência, quando os guerrilheiros estavam envolvidos em uma profunda luta armada, cujo objetivo pautava-se na: "diluição de qualquer sinal na direção de uma sociedade mais justa. [...] instala-se o jogo do 'salve-se quem puder'. A ordem é acumular e cada um há de usar o capital de que dispõe" (Chaves, 2005, p. 103).

Nesta perspectiva, Chaves (2022) ao analisar *A geração da Utopia* (2013), uns dos romances mais significativos sobre a memória histórica política e revolucionária de Angola, faz ponderações sobre os esses momentos bélicos em que a população angolana vivenciaram ao longo dos anos. E neste ponto, a pesquisadora faz uma descrição dos efeitos e o que foi a guerra civil:

> O tempo correu, a luta pela independência política se fez, o inimigo comum foi derrubado, todavia levantaram-se os fantasmas previstos e mais aqueles que não se fizeram prever. O leitor depara-se com uma sociedade marcada pela corrupção, pela falta de escrúpulos, pela irresponsabilidade social (Chaves, 2022, p. 107).

Após os festejos da independência ressurge em Angola conflitos políticos internos que ocasiona a guerra civil. Um momento em que o socialismo, com o ideal de todos unidos, a utopia de uma libertação nacional e o sentimento de um pertencimento da angolanidade

adentram em um profundo sentimento de desesperança, distopia. O combate armado neste momento é tecido em prol do poder, da ganância. Os partidos políticos que estiveram envolvidos no declínio e a derrota do colonialismo, no pós-independência lutam entre si a fim de assumir um espaço hierárquico de poder.

Sobre o conceito de distopia, Ernest Bloch (2005) além de descrever o conceito de utopia, o filósofo apontado descrições da distopia, que são antagônicas ao pensamento utópico, cujo todo o pensamento de desesperança e devastação de todos os ânimos estão presentes em: "[...] demonstrar nossa total incapacidade de imaginar tal futuro [...]" (Bloch, 2005, p. 15).

Nesse interstício, Maria Varsam (2003) ao descrever um capítulo sobre "Concrete Dystopia: Slavery and Its Others", utiliza a obra "O princípio da esperança" (2005) de Bloch, como aporte teórico para descrever um paralelo entre o conceito de utopia e distopia concreta. Com isso, a estudiosa descreve a distopia como um sentimento antagônica à utopia destacando que:

> In opposition to concrete utopia, concrete dystopia designates those moments, events, institutions, and systems that embody and realize organized forces of violence and oppression. Where concrete utopia envisions freedom from violence, inequality, and domination, concrete dystopia expresses coercion (physical and psychological), fear, despair, and alienation. (Varsam, 2003, p. 209)[9].

Sobre a grande guerra civil, no pós-independência, Chaves (2022), ao analisar os principais romances de Pepetela sob a ótica da memória da história política e social angolana, descreve como um momento de desesperança, pois os combatentes acreditavam na luta solidária, democrática, todos unidos contra o sistema colonial. Neste ponto, os combatentes (tanto guerrilheiros, como civis) estavam subvertidos para um novo combate armado, uma luta interna. E com isso, "[...] A sociedade que investiu numa proposta socialista, que nunca se consumou, assiste à implantação de um outro projeto do qual a solidariedade não consta, sequer como palavra de ordem" (Chaves, 2022, p. 109).

Nesse viés, entre os anos de 1976 até 2002, Angola vivencia um sentimento de divisão entre o medo e um profundo sentimento de distopia, uma vez que o sonho de um país socialista,

[9] Tradução: "Em oposição à utopia concreta, a distopia concreta designa aqueles momentos, eventos, instituiçõese sistemas que incorporam e realizam forças organizadas de violência e opressão. Enquanto a utopia concreta prevê liberdade de violência, desigualdade e dominação, a distopia concreta expressa coerção (física e psicológica), medo, desespero e alienação" (Varsam, 2003, p. 209).

regido em uma construção nacional independente, é transfigurada em uma devassidão advinda do colonialismo por mais de 27 anos.

A pesquisadora Carolina Bezerra Machado (2020), ao analisar os clássicos romances do escritor, observa que a narrativa perpassa a perspectiva literária e adentra em um pensamento de que as obras literárias (o romance *Mayombe*, por exemplo) pode-se inferir os rumos políticos e sociais de Angola, como a exemplo da grande guerra dos 27 anos. Um momento devastador no território angolano: "The end of colonialism in Angola did not bring the desired peace, but a new political instability with a scenario of war between the main nationalist movements that disputed power" (Machado, 2020, p. 216)[10].

Após este recorte temporal presente na historicidade angolana, a partir de estudos e pesquisas bibliográficas, nota-se que estes eventos históricos marcaram por inteiro a memória e a sociedade civil angolana, tanto que as produções literárias marcadas no pós-independência apresentam enredos figurados nestes momentos bélicos.

Segundo Rejane Vecchia da Rocha e Silva e Tatiane Reghini Mattos (2015):

> Enquanto o nascer da luta de libertação assegurava o processo de ruptura político-cultural com a estabelecida opressão portuguesa, a literatura irá apresentar, nesse mesmo período, um projeto ideológico e artístico ligado à formação de nação e à resistência. Volta-se o escritor no âmbito literário para esse compromisso, com o desejo de, através da prosa ou poesia, (re)contar a história de um país por tanto tempo oprimido pelo colonialismo com o inegável intuito de registrar a história presente, fortalecida pelo tom nacionalista que a movimenta. (Silva; Mattos, 2015, p. 293).

Desse modo, obras literárias de escritores, como Luandino Vieira, Pepetela, Eduardo Agualusa, Ondjaki e entre outros escritores africanos, que presenciaram estes momentos (seja a convivência durante as lutas armadas, como também através das memórias coletivas da população que presenciaram) históricos marcam um diálogo interdisciplinar entre literatura e a memória, justamente, para desenvolver um projeto estético literário que aborde a memória de luta e resistência do povo angolano, como também refletir todos os fenômenos políticos e sociais, que levaram para uma luta anticolonial e posteriormente a grande guerra dos 27 anos, descrita como a guerra civil.

Conforme pontua Rodrigues (2022):

[10] Mesma citação do artigo de Machado (2020) em Língua Portuguesa: "O fim do colonialismo em Angola não trouxe a paz desejada, mas uma nova instabilidade política com um cenário de guerra entre os principais movimentos nacionalistas que disputavam o poder" (Machado, 2020, p. 220).

> "[...] o projeto estético de Ondjaki, como o de outros escritores de diferentes idades, contextos linguísticos, histórico e culturais do continente, apresenta-se como espaço possível de memória e de cura de feridas recentes, não tratadas adequadamente pelos Estados-nações, e cujos despojos permanecem a sangrar em locais e corpos de sujeitos sobreviventes" (Rodrigues, 2022, p. 192).

Nessa perspectiva, a partir dos achados de Rodrigues (2022), pode-se perceber que a literatura africana vai além de um projeto estético que apresenta os costumes culturais, étnicose linguísticos de um povo, mas sim assume um papel "[...] importante na luta de libertação angolana, se considerarmos que prospecta a emancipação de um país durante a guerra, elucidando as pautas mais urgentes de seus partícipes." (Silva; Mattos, 2015, p. 291). Justamente pelo fato de refletir todas as ações que levaram países africanos a imergir em territórios coloniais, mas também analisar como os determinados países africanos conseguiram emergir destes territórios coloniais pela via da revolução.

2.2 PROJETO LITERÁRIO DE PEPETELA

Com o desmonte do colonialismo em terras africanas, a vitória contra o inimigo e um novo espaço de luta durante a guerra no pós-independência, que deixou muitos países africanos devastados durante o combate. Muitos escritores criam um espaço dentro da ficção literária africana para descrever estes acontecimentos tortuosos em que alguns países africanos (em especial Angola) presenciaram. Um projeto literário que busca abordar, na sua veia ficcional, uma verossimilhança da realidade vivenciada pelos civis e os guerrilheiros envolvidos nestes momentos revolucionários.

Sueli Saraiva (2012) ao apontar a experiência do tempo nos romances angolanos e moçambicanos descreve que: "Conquistadas as respectivas independências, seus escritores, testemunhas de um tempo de profundas mudanças políticos-sociais, permaneceram atentos aos desdobramentos do pós-independência, entre eles os longos enfrentamentos bélicos [...]" (Saraiva, 2012, p. 17).

Atrelado ao pensamento de Saraiva (2012), Pepetela, pode ser considerado um dos exemplos, que compartilhou suas memórias históricas como combatente intelectual no Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) através da escrita literária. Como afirma em entrevistas: "Uma participação tão prolongada no processo de libertação e de constituição de uma nação deixa marcas e influências na minha literatura, sobretudo em termos dos temas que escolho" (Mota, 2000, p. 37).

Estudiosas como Silva e Mattos (2015) ao investigar a memória histórica da guerra

anticolonial no clássico romance *Mayombe,* do escritor angolano em pauta, aponta que: "Imersos nesse contexto, os textos de Pepetela imprimem na ficção fatos dos quais ele próprio é testemunha, permeados pela perspectiva histórica e através de uma espécie de exercício mnemônico que fornece estruturação à sua narrativa." (Silva; Mattos, 2015, p. 293)

Nas obras literárias de Pepetela[11], nota-se personagens mergulhados no passado revolucionário, principalmente, nas lutas anticoloniais e pós-coloniais. Em todo seu fazer literário, Pepetela concentra-se a sua escrita literária apresentando ao leitor retratos dos anos mais decisivos em Angola. Compreendendo que o escritor, pela via da ficção, transforma o universo literário angolano em um espaço de reflexão entre o "Pré-Independência e no Pós-Independência" (Leite, 2013, p. 16).

Inonência Mata (2009) explicita que os eventos históricos presentes nos romances do escritor: "[...] é determinada pela "matéria temporal": narrar a *nação* angolana pressupõe a textualização de um passado de guerras e falar da guerra como força motriz de transações cíclicas [...]" (Mata, 2009, p. 203).

Nessa conjuntura, o escritor transforma a sua escrita literária em um espaço de denúncia, mas também reflexões sobre um passado que Angola vivenciou por mais de vinte e sete anos. Demonstrando que nas literaturas africanas existem uma grande representatividade da memória da construção nacional, política, revolucionária, étnica e linguística de um povo.

Fábio Barqueiro Figueiredo (2022) ao discutir sobre literatura e independências africanas postula que: "A escrita literária foi amplamente mobilizada como arma no combate pelas independências, envolvendo tanto a denúncia das iniquidades impostas pelo jugo colonial, quanto a ficcionalização da nação-em-ser, seu passado e futuro" (Figueiredo, 2022, p. 165).

Outrossim, Pepetela torna sua escrita arraigada aos valores da arte, mas também apresenta um campo movediço que emergi as recordações dos momentos de luta e resistência da sociedade angolano. Utilizando-se o recurso da memória histórica, principalmente, suas vivencias do tempo das lutas nacionalistas, tendo em vista que: "Pepetela juntou-se ao movimento revolucionário e pegou em armas, seguindo um apelo da libertação do seu país"

[11] Em suma as obras de Pepetela são: *As aventuras de Ngunga* (1973), *Muana Puó* (1978), *A revolta da casa dos ídolos* (1979), *Mayombe* (1980), *Yaka* (1985), *O cão e os caluandas* (1985), *Lueji* (1989), *Luandando* (1990), *A geração da utopia* (1992), *O desejo de Kianda* (1995), *Parábola do cágado velho* (1996), *A gloriosa família* (1997), *A montanha da água lilás* (2000), *Jaime Bunda, Agente Secreto* (2001), *Jaime Bunda e a morte do americano* (2003), *Predadores* (2005), *O terrorista de Berkeley, Califórnia* (2007), *O quase fim do mundo* (2008), *Contos de morte* (2008), *O planalto e a estepe* (2009), *Crónicas com fundo de guerra* (2011), *A sul. O sombreiro* (2011), *O tímido e as mulheres* (2013), *Como se o passado não tivesse asas* (2016), *Sua Excelência, de corpo presente* (2018).

(Couto, 2009, p. 81).

Estas questões podem ser comprovadas a partir do pensamento de Adriana Cristina Aguiar Rodrigues (2022) ao descrever o recurso da memória nas literaturas africanas:

> Além dos exemplos trazidos à baila por Mbembe, poderíamos listar outras dezenas de escritores e escritoras, nos mais diferentes países, em língua portuguesa, inglesa e francesa -como os angolanos Óscar Ribas, Luandino Vieira, Arnaldo Santos, Ruy Duarte de Carvalho e Pepetela; [...]. Estes, como outros, têm conferido diferentes arranjos ao tema da memória em seus projetos estéticos -seja de uma imaginação historiográfica sobre o tempo pré-colonial, seja sobre o período colonial, a escravidão, *o apartheid*, o racismo, a diáspora, o exílio, as guerras e os genocídios que abriram e fecharam o sangrento século XX [...] (Rodrigues, 2022, p. 187).

Ao passo que Rodrigues (2022) aponta traços da memória na produção literária dos autores instaurados no PALOPs, Chaves (2022) observa os traços da história de Angola nas veias literárias: "[...] uma significativa parte da produção literária angolana se vai dedicar à pesquisa histórica como base da criação. Romances de Pepetela e de José Eduardo Agualusa, donos de dois percursos tão diversos, encontram-se nessa opção pela incursão no passado." (Chaves, 2022, p. 61).

Nesse contexto, Fernanda Gallo (2022), estudiosa sobre obras que traçam uma linha unívoca entre literatura e história, observa que as obras dos escritores africanos abarcam uma relação interdisciplinar. Isto é, a literatura com seus traços artísticos, mas que aborda tempo, espaço e enredo com personagens envolvidos em uma determinada época, emergidos em narrativas ficcionais, mas com características que estão verossímeis com os eventos históricos. E a história investigando os acontecimentos históricos da sociedade, a fim de compreender, detectar e tecer as causas que levaram a realidade destes acontecimentos.

Nesse viés, a pesquisadora aponta que:

> Desse modo, e percebendo a história e a literatura como práticas estéticas e discursivas, é possível identificar os mais variados enredos históricos representados nas literaturas africanas enquanto 'prática de produção de conhecimento e de multiplicação de possibilidades de narrativas' com potencial de romper com a predominância de chamada biblioteca colonial, assim como o discurso nacionalista ainda preponderante (Gallo, 2022, p. 110).

Estudiosos da literatura angolana, em especial, dos romances escritos por Pepetela, considera o escritor um gênio literário, uma vez que conseguiu inserir suas memórias históricas como combatente intelectual do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) nas veias literárias. Segundo Secco (2009), ao investigar o romance *Mayombe* (2013), afirma que: "Em seus romances escritos após 1990, Pepetela insiste na clave de

reescrever Angola. Só que faz pelo viés das distopias sociais, alertando para as crises que destruiu o país" (Secco, 2009, p. 154).

Outrossim, na ficção de Pepetela, é notório a percepção de uma estreita relação interdisciplinar entre a literatura angolana e a memória da história de luta e revolução angolana[12], uma vez no projeto literário do escritor angolano nota-se representações e alegorias que se refere aos anos da luta armada durante a efervescência para as lutas de independência, como no pós-independência. Como a exemplo do envolvimento de dois partidos políticos (MPLA e UNITA) que estiveram envolvidos nos momentos bélicos em Angola e que no pós-1975 disputam-se entre si os territórios políticos e geográficos.

Conforme explicita Chaves (2022), ao utilizar os romances do escritor angolano como objeto de pesquisa, e perceber que o território geográfico e histórico de Angola está presente nos espaços ficcionais do escritor angolano:

> [...] Pepetela firma o seu itinerário e o organiza as linhas de uma obra onde se podem recolher os fios expressivos da própria história de Angola. Talvez mais do que em qualquer outra produção, estejam visivelmente assinalados na sua as representações, os impasses e as contradições da história recente do país (Chaves, 2022, p. 95).

Nesse interstício, a escrita literária de Pepetela apresenta manifestações literárias arraigadas às denúncias contra o assimilacionismo, colonialismo, sentimento de despertencimento da cultura do colonizador e a importância de uma libertação nacional. Apontamentos estes discutidos por Antônio Candido (2006) ao relacionar a estreita relação da literatura com a vida social, descrevendo que nos territórios literários ficcionais: "[...] averiguar como a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária, a ponto dela poder ser estudada em si mesma; e como só o conhecimento desta estrutura permite compreender a função que a obra exerce" (Candido, 2006, p. 09).

Em uma entrevista concedida ao antropólogo Carlos Serrano (1999), no ano de 1985, Pepetela aponta elementos discursivos importantes sobre a construção do primeiro romance do escritor angolano. E, consecutivamente, argumenta sobre a importância da literatura para as futuras gerações angolanas, principalmente, no tratado da experiência da elite colonial em

[12] Este fundamento sobre a possibilidade da aproximação da escrita literária de Pepetela com a história de Angola através da interdisciplinaridade, pode ser reforçado a partir do pensamento de Hilton Japiassu ao discutir que a interdisciplinaridade pode ser vista como um mecanismo metodológico capaz de fazer uma "interação de disciplinas" (Japiassu, 1976, p. 61) e desmontar a fragmentação dos conhecimentos, pois um dos fundamentos está relacionado em: "[...] exigir de nós uma reflexão profunda" (Japiassu, 1976, p. 42) e "exigirá de nós que reformulemos nossas estruturas mentais, que desaprendemos muitas coisas" (Japiassu, 1976, p. 42).

territórios africanos. Com isso, o escritor relata que a experiência literária convida os leitores à reviver o passado colonial (pela via da ficção).

Como pode ser observado a partir das respostas do escritor angolano quando o intelectual Carlos Serrano indaga à Pepetela sobre a recorrente presença do passado colonial no seu projeto estético literário:

> Outro objetivo é que daqui a uns tempos não haverá pessoas que te-nham vivido a situação colonial por "dentro". E toda a nova geração deverá ouvir falar, apenas. Há de haver textos de história sobre o queera o colonialismo, o que era a mentalidade do colono, etc., mas forço-samente texto de história, é uma coisa fria... e as pessoas acabam por imaginar o que seria, mas não compreender profundamente, e aí é opapel do romance, fundamental, para a nova geração conseguir "viver"um pouco o que era a vida antes. Aí há também uma preocupação deregistrar para a história. (Serrano, 1999, p. 138).

Ademais, escritores como Pepetela durante a trajetória no pós-independência ainda apresentam obras literárias atreladas a memória de Angola, mas também uma produção literária de luta e resistência, uma vez os rastros do colonialismo, o imbatível adversário nas lutas em prol da independência e que perpetou durante a grande guerra dos 27 anos, ainda pairam no pós-independência. Porém a partir de uma nova elite capitalista predadora, conceituada como neocolonialismo.

Conforme argumenta o escritor moçambicano Mia Couto (2023), na seção "Lembranças e mensagens" da edição comemorativa (através da editora Kapulana) dos 50 anos da publicação da obra *As aventuras de Ngunga* (2023), do escritor angolano em pauta: "[...] Pepetela foi guerrilheiro contra as velhas injustiças, foi cidadão quando se construía uma nova nação e foi crítico quando foi necessário denunciar as novas elites do seu país" (Couto, 2023, p. 01).

Assim esta nova roupagem capitalista, fenômeno relativizado como o neocolonialismo, pode ser interpretado como a herança das práticas colonialistas deixadas para os tempos pós-modernos. Com isso, a historiadora Ana Mônica Henrique Lopes (2011): "O neo, portanto, traduz o status político do Estado 'explorado' e ao mesmo tempo distingue através das ações das 'novas metrópoles' o lugar dos novos-colonizadores promovendo uma ruptura entre o passado e o presente." (Lopes, 2011, p. 14). Abordando, portanto, uma engrenagem de corrupção atrelada as atividades econômicas exacerbadas, sonegação de impostos e desvios de verbas.

CAPÍTULO 3. LITERATURA E MEMÓRIA NOS ROMANCES *MAYOMBE, A GERAÇÃO DA UTOPIA* E *PARÁBOLA DO CÁGADO VELHO*

3.1 *MAYOMBE* E A REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DA EFERVESCÊNCIA DAS LUTAS DE LIBERTAÇÃO

O romance *Mayombe* (2013), "[...] também grafada como Maiombe [...]" (Ruckert, 2020, p. 84), escrito pelo escritor Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos (consagrado como Pepetela) entre os anos de 1970 e 1971, publicado pela primeira vez entre os anos de 1979 a 1980, constituído por uma narrativa em terceira pessoa, pela via de um narrador que está estreitamente interligado com o tempo da narrativa e atento com as ações das personagens, bem como uma narrativa em primeira pessoa, a partir das vozes das personagens apresentando seus relatos de trajetória de vida e resistência frente as adversidades do cotidiano.

Inocência Mata (2023), através da edição comemorativa dos 50 anos da publicação do romance *As aventuras de Ngunga* (2023), pela editora Kapulana, na seção "Lembranças e mensagens" recorda aos leitores e pesquisadores a trajetória de luta e resistência do escritor angolano elucidando os momentos em participava como combatente intelectual no Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e, consecutivamente, os anos de escrita e publicações das obras literárias de Pepetela. Dessa forma, Mata (2023) descreve que:

> Em 1969 é integrado na luta armada na Frente de Cabinda com funções na área da Informação e da Educação, ao mesmo tempo que participava na guerrilha. Ainda durante o ano de 1969, escreve *Muana Puó*, romance que só viria a ser publicado em 1978. Durante as pausas da guerra, nos anos de 70 e 71, como prolongamento pessoal de um comunicado de guerra, escreve *Mayombe*, que só seria publicado, após aturada reflexão pessoal e curiosa autorização, em 1980. Este romance valer-lhe-á, no mesmo ano, o Prémio Nacional de Literatura. (Mata, 2023, p. 01).

Neste clássico da literatura angolana, os personagens vivenciam momentos de combate armado na floresta Mayombe. Um lugar constituído para as lutas nacionalistas, formulando exatamente um ambiente de combate armado das lutas de libertação. Essa luta armada tinha principal objetivo dizimar a dominação colonialista nos territórios angolanos, tendo em vista que por muito mais de 14 anos (luta anticolonial, 1961-1975) os angolanos estavam acorrentados em um sistema opressor colonialista.

Chaves (2022) ao descrever que o espaço do romance é visto como uma representação do campo de guerra que vivenciou os momentos tortuosos e vitoriosos da guerra, mas também

um lugar natural, localizado na Cabinda, norte do país, que foi invadido, maltratado e destruído durante os conflitos políticos:

> Confirmando a importância do espaço como elemento essencial em seu texto, o autor faz da floresta muito mais do que um palco para as ações que serão narradas. Atribuindo-lhe um papel dinamizador daquele momento da história de Angola, ele investe na sua personificação. Invadida, destruída, maltratada pelo colonizador, a natureza não chegou a ser por ele compreendida, e agora se converte ela própria em ameaça. Sua exuberância, tão cantada nas páginas da chamada literatura colonial, como evidência da grandiosidade do império português, parece revelar agora a face infernal de um mundo nunca dominado (Chaves, 2022, p. 96).

No foco da narração do romance em pauta, as personagens estão no espaço de luta contra o domínio colonial. Assim os combatentes têm-se o codinome de: Sem medo, Kandimba Leli (ex-esposa de Sem Medo), Chefe de Operações, Chefe do Depósito, Comissário Político, Ondina (noiva do Comissário), Ekuikui, Ingratidão, Kiluanje, Lutamos, Milagre, Muatiânvua, Mundo Novo, Pangu-Akitina, Teoria (Professor), Manuela (amada do Professor), Verdade, Vewê, André e Kandimba.

Marina Ruivo (2009) descreve que o narrador de *Mayombe* (2013): "Por meio do que nos conta o narrador, pelos constantes diálogos dos personagens, bem como pelos momentos que compartilham a narração e a assumem em primeira pessoa, os homens do Mayombe manifestam suas vozes, pontos de vista e questionamentos" (Ruivo, 2009, p. 242).

Em consonância ao pensamento de Ruivo, as pesquisadoras Silva e Mattos (2015) apontam que a importância do escritor Pepetela inserir diálogos, utilizando-se a primeira pessoa do discurso, está relacionada em dar a voz aqueles que foram negados e apagados durante o processo de colonização em Angola, uma vez que além do processo de exploração econômica, o colonizador não permite que o colonizado "[...] se torne sujeito de história" (Ferreira, 1980, p. 02):

> Num lugar no qual a opressão colonial abolia o direito das populações locais, inclusive o da fala, essas personagens vão, no desenrolar narrativo, retomar esse direito, compondo um emaranhado de vozes em primeira pessoa que, ainda que não apresentem uniformidade na reflexão, complementam-se naquilo que diz respeito à necessidade de luta contra um inimigo comum (o colonizador) (Silva ; Mattos, 2015, p. 298).

Nesse viés, o romance em análise é constituído por quatro capítulos: a missão, a base, Ondina, a surucucu, a amoreira e, por fim, epílogo. Cada capítulo tem-se conflitos internos e externos, cujas personagens estão envolvidas estritamente em cada momento do percurso da

narrativa. Isto é, além do envolvimento na luta armada em prol da sua libertação política, cultural, linguística e étnica, as personagens também combatem com os seus fantasmas do passado (pela via das memórias). Assim Adriana Aguiar (2018), ao investigar a estreita relação da floresta Mayombe e o espaço de luta de resistência dos guerrilheiros, percebe que: "A natureza, ao mesmo tempo em que é esconderijo, é também um confessionário, lugar de embates individuais e coletivos" (Aguiar, 2018, p. 100).

Nessa perspectiva, as realidades vivenciadas, emergidas no tempo da narrativa como memórias, que aterrorizam as lembranças das personagens, gerando conflitos internos. Segundo a escritora angolana, Gabriela Antunes (2009), ao descrever um ensaio sobre a leituras e releituras do escritor em questão comenta que:

> *Mayombe* é um relato de vida diária dos guerrilheiros do MPLA que não só lutavam contra os soldados do exército colonial, como contra a chuva, o frio, a fome e a sede, como lutavam entre si; era a desconfiança provocada pela cor da pele e pelos títulos académicos, o protecionismo dos chefes face aos guerrilheiros da sua região, o parentesco, as dúvidas do intelectual, o bem-bom que alguns passavam na europa... (Antunes, 2009, p. 63).

Em diálogo com as perspectivas de Antunes (2009), Rejane Vecchia da Rocha e Silva e Tatiane Reghini Mattos (2015) observam que as personagens perpassam por vários desafios incluindo:

> *Mayombe* também cumpre esse papel: há um registro "de dentro" da guerra. E, embora o romance tenha a guerra como cenário, não é sobre o conflito com o inimigo externo (a tropa portuguesa) que incide seu maior foco. Pelo contrário, firmando-se sob o ponto de vista dos guerrilheiros angolanos, a narrativa desnuda as dificuldades de se estabelecer unidade dentro do próprio grupo que luta pela independência (devido às suas divergências étnicas e/ou raciais, e ao oportunismo de um grupo político que se forma para o pós-independência) (Silva; Mattos, 2015, p. 296).

No capítulo que introduz a obra, chamado de "A missão", todos guerrilheiros estão no campo de guerra, na floresta Mayombe, preparados para a luta armada contra o colonialismo. A narrativa neste primeiro momento descreve a floresta Mayombe como um lugar exuberante, mas também enigmático. A explicação para este fato está pautada nos achados de Gustavo Henrique Ruckert (2020), que para o pesquisador: "[...] a floresta desempenha ações ativas na narrativa, sendo tratada pelos narradores da mesma que as pessoas [...]" (Ruckert, 2020, p. 85).

Conforme descreve o narrador, após um diálogo sobre os segredos guardados das personagens combatentes Comissário, Teoria e Sem medo:

> Os companheiros começavam a mexer-se, despertando, e o professor não tinha afastado esses pensamentos. O Mayombe não deixava penetrar a aurora, que, fora, despontava já. As aves noturnas cediam o lugar no concerto aos macacos e esquilos. E as águas do Lombe diminuíam de tom, à espera do seu manto dourado. À frente descendo o Lombe, a menos de um dia de marcha, devia estar o inimigo (Pepetela , 2013, p. 17).

Além desta representação literária da floresta Mayombe, que perpassa até o fim do romance. Observando, assim, a floresta como um campo de guerra, mas também como uma personagem que presencia toda o percurso de combate das personagens. Desse modo, Ruckert (2020) ao revisitar o romance da literatura angolana, pela ótica dos estudos pós-coloniais, descreve que a floresta Mayombe, além de ser um espaço ambiental de luta em prol da independência política, pode ser interpretado como uma divindade africana, uma protagonista feminina:

"[...] como força divina e feminina, Mayombe é útero: acolhe a todos igualmente e protege os africanos. Gesta em si a revolução. A revolução, no entanto, é a própria ideia de existência de Angola. Portanto, Angola é que é [...] a filha que Mayombe gera." (Ruckert, 2020, p. 88).

Ao observar que a floresta desempenha "[...] na narrativa a função de personagem, inclusive personagem protagonista, considerando-se título e epígrafe [...]" (Ruckert, 2020, p. 86), durante a narrativa é perceptível que os combatentes enfrentam uma luta interna, ou seja, as personagens combatentes estão em uma luta individualista contra os diversos tipos de sentimentos, digladiando contra os seus medos, incertezas e a própria identidade. Pode-se perceber este apontamento através de um diálogo entre a personagem o Professor Teoria e Sem medo:

> Porque há os outros! Sei que, sozinho, sou um covarde, seria incapaz de ter um comportamento de homem. Mas quando os outros estão lá, a controlar-me, a espiar- me as reações, a ver se dou um passo em falso para então mostrarem todo o seu racismo, a segunda pessoa que há em mim predomina e leva -me a dizer o que não quero, a ser audaz, mesmo demasiado, porque não posso recuar... É duro! (Pepetela, 2013, p. 43).

O antropólogo Carlos Serrano (1999) ao entrevistar o escritor angolano no ano de 1985 sobre a construção do romance *Mayombe* (2013) apresenta uma nota introdutória sobre o romance angolano, apontando que na obra literária existe muita descrição das experiências do escritor, como guerrilheiro do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) subvertida na narrativa:

[...] como um documento social pois, apesar de ficção, ele é escrito no momento de vivência do autor, onde o escritor, o militante e o cientista social, se relacionam intimamente para, através desta obra, captarem, uma realidade que faria parte de uma "história imediata" (Serrano,1999, p. 133).

Outrossim, Rejane Vecchia da Rocha e Silva e Tatiane Reghini Mattos (2015), ao investigar o romance com o enfoque na obra literária com o plano de fundo da história angolana, descreve que no capítulo "A missão":

> [...] deparamo-nos já com alguns dos embates que terão que ser necessariamente superados para que a luta seja vitoriosa. Amalgamando os dois planos narrativos desse capítulo, temos o combate com o inimigo português e a conscientização dos trabalhadores angolanos; o embate do preconceito racial interiorizado [...] (Silva; Mattos, 2015, p. 296).

No segundo capítulo "A base", os guerrilheiros se encontram novamente na mata Mayombe atentos a cada investida do inimigo e a espera de novos guerrilheiros. Neste âmbito, as personagens encontram-se em divergências políticas e de espaços, tal como aponta Silva e Mattos (2015): "[...] ficam expostas as intrínsecas relações entre homem e espaço, homem e homem e homem e política no grupo de guerrilha." (Silva; Mattos, 2015. p. 296).

Durante a narrativa, além da falta de alimentos na base, alguns guerrilheiros ainda estão com receios dos rumos sobre o futuro das lutas de libertação, ou seja, ainda estavam com anseios se Angola comprovadamente estaria liberta do colonialismo ou não. Conforme descreve um diálogo entre Sem medo e o Comissário:

> — Evidentemente! Comissário, compreende-me bem. O que estamos a fazer é a única coisa que devemos fazer. Tentar tornar o país independente, completamente independente, é a única via possível e humana. Para isso, têm de se criar estruturas socialistas, estou de acordo. Nacionalização das minas, reforma agrária, nacionalização dos bancos, do comércio exterior etc., etc. Sei disso, é a única solução. E ao fim de certo tempo, logo que não haja muitos erros nem muitos desvios de fundos, o nível de vida subirá, também não é preciso muito para que ele suba. É sem dúvida um progresso, até aí estamos de acordo, não vale a pena discutir. Mas não chamemos socialismo a isso, porque não é forçosamente. Não chamemos Estado proletário, porque não é. Desmistifiquemos os nomes. Acabemos com o feiticismo dos rótulos. Democracia nada, porque não haverá democracia, haverá necessariamente, fatalmente, uma ditadura sobre o povo (Pepetela, 2013, p. 113).

Outrossim, pode-se perceber uma convergência política entre as personagens Mundo Novo e Muatiânvua, conforme os achados de Silva e Mattos (2015):

"[...] Mundo Novo proclama a teoria marxista, fazendo, por vezes, julgamentos precipitados; Muatiânvua revela a experiência de vida de um homem nascido sob os domínios da mistura, com reflexões ponderadas por isso." (Silva; Mattos, 2015, p. 296).

Em "Ondina", capítulo em alusão à personagem Ondina, esposa do Comissário Político, percebe-se que as personagens estão submetidas em uma batalha interna e externa, uma vez que todos estavam na base militar dos combatentes, instaurada na floresta e neste momento faltava mantimentos de sobrevivência alimentício necessários.

> Conforme pode ser observar durante uma conversa entre Sem Medo e o Comissário Político:
>
> Sem Medo estendeu-lhe o maço. O Comissário pegou num cigarro, depois voltou a pôlo no maço.
>
> — Não, deixa. Os cigarros estão a acabar. Eu não sou viciado, é egoísmo fumar um dos poucos que te restam.
>
> — Tens razão, não insisto. Restam-me três. A fome suporto facilmente. Mas a falta de tabaco é pior. E quanto menos se come, mais vício de fumar se tem. Como fazer se o Das Operações não chega hoje? Teremos mesmo de marchar sobre Dolisie.
>
> — Só por causa dos teus cigarros?
>
> — Claro! Aí já terei um motivo sério que me fará esquecer os escrúpulos. (Pepetela, 2013, p. 132)

Por outro lado, neste capítulo ainda é perceptível os conflitos internos das personagens, como o caso do Comissário Político e a Professora da cidade de Dolisie, chamada de Ondina, supostamente direcionado em torno de um conflito de adultério, a traição de Ondina com o Camarada André (membro responsável para a entrega de alimentos e apresentar informações sobre os caminhos que estão percorrendo o inimigo). Nessa perspectiva de análise, Machado (2020) observa que a personagem André, responsável pela base militar dos guerrilheiros: "[...] was no longer very favored by the great majority of the guerrilla fighters, since he was responsible for the food that was missing [...]" (Machado, 2020, p. 228)[13].

Desse modo, percebe-se a existência deste conflito interno das personagens durante a confissão de Ondina para o Comissário:

> — Bem. Há uma semana talvez, encontrei o André no caminho para Dolisie. Ele parouo jipe, deu-me boleia. Aceitei. Fomos a um bar, bebemos uma cerveja. Voltámos paraa escola. Escurecia. Ele parou o jipe a meio do caminho.
>
> — E depois?

[13] Citação do mesmo artigo de Machado (2020) em Língua Portuguesa: "[...] não era muito benquisto pela grande maioria dos guerrilheiros, pois era o responsável pela comida que andava em falta [...]" (Machado, 2020, p. 233).

> — Depois fomos para o capim.
>
> — Só assim?
>
> — Que mais queres saber?
>
> — Não irias assim para o capim, conheço-te.
>
> — Conheces-me, João? Ele não respondeu. Ela fitou-o, viu as mãos que se revolviam.
>
> — Bem, se queres saber. . . Ele beijou-me no jipe. Quando me propôs para irmos para o capim, aceitei. (Pepetela, 2013, p. 162).

Assim, ao analisar o romance em pauta, o estudioso Élder Vidal (2014), observa que a figura da personagem Ondina: "[...] traz à cena as divergências causadas pela introdução da mulher no ambiente da guerrilha" (Vidal, 2014, p. 133). Com isso ao observar o capítulo III, a presença e as atitudes de Ondina evocam algumas memórias desconfortantes na personagem guerrilheiro Sem Medo, especificamente, através da personagem Leli. Uma mulher que durante o combate armado foi apanhada pela UPA e posteriormente assassinada.

Conforme aponta Sem Medo ao trazer à tona memórias que lhe aterrorizam durante a narrativa do romance angolano: "O 4 de Fevereiro estoirou então. Estava na organização clandestina e consegui passar para o Congo. Leli entretanto procurava-me, tentando recuperar-me. Ela fugiu de Luanda em Abril. [...] Foi apanhada pela UPA e assassinada" (Pepetela, 2013, p. 145).

Mesmo que a personagem Ondina não esteja ativamente (como guerrilheira) na luta armada enfrentando o colonialismo, o pesquisador Vidal (2014) observa que a personagem que empresta o nome ao terceiro capítulo do romance em pauta é: "[...] a 'encarnação' da Eva-Serpente que se instala no alegórico jardim do Éden-Mayombe, cabe a ela conduzir os homens a uma outra zona de liberdade, a dos desejos sexuais." (Vidal, 2014, p. 133).

Ao passo que Vidal (2014) observa Ondina como uma personagem que ecoa novas discussões em torno do clássico romance de Pepetela, a estudiosa Machado (2020) ao observar o romance *Mayombe* (2013) como uma obra que aborda as representações de algumas infrações nas relações de poder no pós-independência, isto é, alguns conflitos existentes através do envolvimento das personagens nas lutas de libertação podem ser figurados na contemporaneidade, e assim percebe que a personagem Ondina no enredo de *Mayombe* (2013) envolve novas temáticas para a compreensão deste conflito armado por volta dos anos de 1960-1975 possibilitando palcos de discussões em torno do: "[...] on the role of women and their ideals of freedom that would challenge the taboos of society and individual morality, guided by

social morality that differentiates men and women in their pleasures and duties." (Machado, 2020, p. 226)[14].

No capítulo seguinte, chamado de "Surucucu", uma referência a um animal vertebrado, réptil rastejando presente na mata Mayombe. Nas páginas iniciais é perceptível diálogos entre as personagens Ondina e Sem Medo. Diálogos relacionados sobre os caminhos das lutas de libertação, no entanto, o diálogo partia para assuntos filosóficos e sociais, tratando-se da condição do ser humano em querer libertar-se do sistema colonialista, mas não liberta a si mesmo de outras problemáticas existentes. Tal como expressa Sem Medo:

> — Também eu, Ondina. Isso é que me enraivece. Queremos transformar o mundo e somos incapazes de nos transformar a nós próprios. Queremos ser livres, fazer a nossa vontade, e a todo o momento arranjamos desculpas para reprimir os nossos desejos. E o pior é que nos convencemos com as nossas próprias desculpas, deixamos de ser lúcidos. Só covardia. É medo de nos enfrentarmos, é um medo que nos ficou dos tempos em que temíamos Deus, ou o pai ou o professor, é sempre o mesmo agente repressivo. Somos uns alienados. O escravo era totalmente alienado. Nós somos piores, porque nos alienamos a nós próprios. Há correntes que já se quebraram mas continuamos a transportá -las conosco, por medo de as deitarmos fora e depois nos sentirmos nus (Pepetela, 2023, p. 191).

Além destes posicionamentos filosóficos é perceptível um romance entre as duas personagens, tendo em vista que Ondina tenta convencer forçosamente o guerrilheiro Sem Medo para um relacionamento amoroso. Conforme pode ser apontado na narrativa: "— O passado não se apaga, Sem Medo. — Podes ajudá-lo a apagar o passado, aos poucos ele esquecera. — Mas eu sou assim, gosto de conhecer novos homens. Mais tarde desejarei outro. No fundo, não será pelo homem em si, mas pelo fato de ser uma novidade." (Pepetela, 2023, p. 199).

Ademais, Sem Medo e Ondina dialogam a partir de uma perspectiva do fim das lutas anticoloniais, um pensamento pós-colonial, na qual os guerrilheiros não necessitam conviver com as armas nas mãos. Apesar de Sem Medo ser um protagonista interligado à luta de independência, pode-se perceber que é uma personagem que estar estreitamente voltado para guerrilheiro, tendo em vista que uma das suas pautas discursivas é uma falta de existência de futuro, ou seja, a personagem não presencia a sua existência em uma sociedade angolana mais digna:

[14] Citação do mesmo artigo de Machado (2020) em Língua Portuguesa: "[...] papel da mulher e seus ideais de liberdade que iriam de encontro aos tabus da sociedade e à moral individual, pautada pela moralidade social que diferencia homens e mulheres em seus prazeres e deveres" (Machado, 2020, p. 231).

> — Também eu, Ondina. Esse é o problema. Porque um dia será necessário abandonar a arma, já não haverá razão para vestir farda... Porque também não gosto de estar num exército regular.
>
> — Que farás então, quando acabar a guerra?
>
> — Não sei. Isso não me preocupa. E tu?
>
> — Estamos a falar de ti. Não te vejo também como marinheiro, não é esse o teu género. E não és pessoa para viver duma pensão e entreter os outros com os teus feitos na guerra.
>
> — Em suma, não tenho futuro. Mas isso não me atrapalha. (Pepetela, 2013, p. 131).

A partir destes diálogos, infere-se que a personagem Sem Medo certamente prevê uma fissura no tempo futuro na narrativa, uma convivência de que os guerrilheiros, ao fim de uma luta armada, não conseguem sobressair-se em uma Angola pós-independente, tendo em vista que fragmentos do tempo colonial possam pairar no período pós-1975. Assim, Machado (2020), ao investigar o romance em discussão, neste capítulo, percebe que: "Sem Medo is described as the great hero of Mayombe, from a close narrative choice in which he will be used to heroize the character Aníbal in A Geração da Utopia [...]" (Machado, 2020, p. 225).

Ademais, neste capítulo, a narrativa do romance se direciona para O Chefe das Operações e neste momento narra, em primeira pessoa, o seu ingresso no Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e o acontecimento de março de 1961, um momento marcante presente na memória de Angola, que marca o início da revolução política contra o colonialismo. Vidal (2014) aponta que este "[...] acontecimento que marcou profundamente os rumos da guerra colonial em Angola. Nele, etnias locais angolanas se juntaram e lideraram ataques aos colonos, tendo como resultado o massacre do grupo estrangeiro." (Vidal, 2014, p. 137).

Nessa perspectiva, a personagem descreve que:

> *[...] Nos Dembos, os homens viviam miseráveis no meio da riqueza. O café estava em toda a parte, abraçado às árvores. Mas roubavam-nos nos preços, o suor era pago por uns tostões sem valor. E as roças dos colonos cresciam, cresciam, atirando as nossas pequenas lavras para as terras mais pobres.*
>
> *Por isso houve Março de 61.*
>
> *Eu era criança, mas participei nos ataques às roças dos colonos. Avançava com pedras, no meio de homens com catanas e alguns, raros, com canhangulos. Não podíamos olhar para trás: os kimbundos diziam que, se o fizéssemos, morreríamos. As balas dos brancos eram água, diziam eles. Depois da independência renasceriam os que tinham caído em combate. Tudo mentira. Hoje vejo que era tudo mentira.*
>
> *Massacrámos os colonos, destruímos as roças, mesmo o dinheiro queimámos, proclamámos território livre. Éramos livres. Os brancos durante séculos massacraram-nos, porque não massacrá-los? Mas uma guerra não se faz só com ódio*

> *e o exército colonial recuperou o território, o território livre voltou a ser território ocupado* (Pepetela, 2013, p. 209).

Nesse viés, Lutamos e Sem Medo caracteriza todos os guerrilheiros, anônimos, que canalizaram todas as suas forças em prol de uma vitória digna contra um sistema que aniquilava e saqueava toda a economia, cultura e valores étnicos e éticos. No entanto não f icaram destacadosnas vitrines dos mitos, ou na visão do escritor e historiador moçambicano João Paulo Borges Coelho (2015) não estavam inscritos na grande fábula, dos heróis nacionais, mas que estão eternizados na memória daqueles que estiveram convivendo e lutaram juntos bravamente. Com isso, a utopia de um país liberto contra o sistema opressor colonial tornou-se um "[...] sonho diurno" (Bloch, 2005, p. 29), ou seja, um desejo realizado, principalmente durante os anos de 1961 a 1975, foram cessadas a luta armada dos catorze anos.

Desse modo, Aguiar (2018) reforça que toda a sequência narrativa do romance em discussão: "[...] convergem para a construção de testemunhos: sejam os espaços, sejam os discursos, tido produz, ao final, uma síntese espaço-temporal e estética das lutas que os povos dessa geografia travaram em sua floresta, em sua terra." (Aguiar, 2018, p. 106).

No último capítulo, conceituado como "A amoreira", nota-se que a personagem Ondina ainda transmite desejos para Sem Medo. No entanto, o foco da personagem combatente estava centrada para o inimigo, o colonizador, tanto que neste capítulo pode-se perceber já a efervescência do combate armado (propriamente dito), uma vez que as personagens sacrificam sua própria vida em contexto de guerra. Como a exemplo da personagem Lutamos.

Conforme expressa a descrição do narrador: "Lutamos, que estava no grupo do Comissário, também percebeu o que se passava. [...] Mas a sua corrida foi bruscamente travada, a cabeça violentamente atirada para trás pela rajada da Breda. Lutamos morreu instantaneamente" (Pepetela, 2013, p. 240).

No último capítulo, conceituado como "A amoreira", identifica-se que a personagem Ondina ainda sente atrações, desejos, de Sem Medo. No entanto, o foco da personagem combatente estava centrado no inimigo, o colonizador, neste capítulo é observado já a efervescência do combate armado (propriamente dito), uma vez identifica-se que as personagens estão sacrificando sua própria vida em contexto de guerra.

Conforme descreve o narrador: "Lutamos, que estava no grupo do Comissário, também percebeu o que se passava. [...] Mas a sua corrida foi bruscamente travada, a cabeça

violentamente atirada para trás pela rajada da Breda. Lutamos morreu instantaneamente" (Pepetela, 2013, p. 240).

Nesse viés, na narrativa de *Mayombe* (2013), identifica-se o sacrifício de um guerrilheiro para salvar o Comissário. No entanto, não só Lutamos se sacrifica para proteger o seu compatriota, o comissário, mas também Sem Medo se solidariza para fazer uma investida contra o inimigo. Ou como descreve o narrador atento em cada trajetória na narrativa: "O planode Sem Medo era de o passar ao assalto do talude, à granada, para lançar a confusão no inimigoe salvar o Comissário" (Pepetela, 2013, p. 240).

Porém, com todas as investidas, Sem Medo ainda é atingindo com uma bala no estômago e mesmo assim grita ferozmente para atacar o opressor. Desse modo, através do pensamento de Vidal (2014), o último capítulo do romance caracteriza alguns elementos simbólicos para a compreensão das personagens em contexto de combate, como a exemplo do guerrilheiro Sem Medo. A sua morte simboliza a vitalidade de guerrilheiros que esteve à frente das lutas anticoloniais e deram sua vida em prol da libertação angolana: "[...] Sem Medo simboliza o homem Angolano que mostrou, "com sua vida", ser possível a superação das disputas Tribalistas" (Vidal, 2014, p. 140).

Outro ponto alegórico na morte das personagens está relacionado na forma de cultuar a morte, a passagem do plano dos vivos para os mortos. Sem Medo morreu bravamente como um combatente guerrilheiro angolano e a sua sepultura foi na própria floresta Mayombe, como uma forma de homenagear todos os guerreiros que estevem nos seios da floresta.

Conforme esclarece o Chefe das Operações:

"— Lutamos, que era cabinda, morreu para salvar um kimbundo. Sem Medo, que era kikongo, morreu para salvar um kimbundo. É uma grande lição para nós, camaradas. Milagre, o bazukeiro, suspirou e disse: — Foi um grande Comandante! E Lutamos um bom combatente!" (Pepetela, 2014, p. 244).

Adriana Aguiar (2018), ao analisar a participação da natureza no romance de Pepetela, descreve que a morte de Sem Medo é uma parte do romance que enaltece o herói nacional, o vislumbrante da partida de um guerrilheiro que salvou Angola das amarras coloniais: "É neste paraíso que o corpo do herói (profundamente apegado à terra) há de permanecer, quando sua vida finalmente esvair-se" (Aguiar, 2018, p. 104).

O romance conclui com uma parte chamada de “Epílogo”, parte em que a narrativa é posta pela personagem Comissário Político. Neste momento, a personagem descreve uma narrativa dedicada à personagem Sem Medo, especificamente, lamentando a sua morte, mas também enaltecendo um combatente heroico que esteve altamente envolvido durante o combate contra o inimigo, o colonizador. Neste ponto, a personagem aponta uma estreita relação entre Sem Medo e a floresta, como duas partes dissociáveis no romance angolano, isto é, a floresta Mayombe como um lar para os guerrilheiros.

Tal como é esclarecido na narrativa: “Sem Medo resolveu o seu problema fundamental: para se manter ele próprio, teria de ficar ali, no Mayombe. Terá nascido demasiado cedo ou demasiado tarde? Em todo o caso, fora do seu tempo, como qualquer herói de tragédia.” (Pepetela, 2013, p. 247).

Desse modo, evidencia-se que Pepetela na dinâmica da escrita literária e durante sua caminhada como escritor das literaturas africanas do PALOPs constrói um projeto estético literário capaz de representar os momentos mais ardentes que a sociedade angolana vivenciou, uma vez que a luta armada contra o sistema colonialista foi de forma sangrenta, mortal e que trouxe uma devassidão nos territórios de Angola. Por isso, muitos combatentes lutaram, sonharam e idealizaram uma luta capaz de romper por um determinad o momento o pacto de poder colonialista em terras angolanas.

Nesse interim, o romance em discussão figura tessituras literárias que costuram narrativas que compreendem os efeitos que as lutas de libertação deixaram para grupos sociais que sonharam e idealizaram em uma nação democrática e liberta das correntes estruturais do sistema colonial. Tal como salienta a estudiosa Chaves (2022) ao observar que o escritor Pepetela tem uma narrativa interligada aos eventos históricos ocorridos ao longo da história política, social e cultural angolana: “Sociólogo por formação, Pepetela, esse grande romancista da língua portuguesa, exercita o gosto pela investigação, tomando emprestado à historiografia alguns métodos e fontes” (Chaves, 2022, p. 62).

Assim, Machado (2020) aponta que em *Mayombe* (2013) as relações de poder existentes em Angola no pós-independência já poderiam ser inferidas no clássico romance do escritor Angola, especificamente, durante o processo de preparação para o combate contra o inimigo na floresta que empresta o nome à obra.

Todos os discursos, inseguranças e anseios de Sem Medo e os demais guerrilheiros na presente da narrativa são tecidos como uma previsão de um futuro advindo após a vitória contra o inimigo durante as lutas de libertação. Machado (2020) tenciona que o escritor angolano apresenta uma literatura enriquecida com uma geografia política, social e histórica no seio d os PALOPs.

Desse modo, segundo a pesquisadora:

> A partir dessas passagens, podemos notar, durante o momento da escrita de Mayombe,a sua desilusão com os rumos autoritários que tomava o MPLA. Isso o fez antecipar- se sobre o cenário político que estava por vir. Todavia, cabe destacarmos novamente a participação de Pepetela na estrutura governamental do MPLA que se instaurou após a independência, fazendo parte, inclusive, de um dos momentos mais repressores do regime. Se ao personagem de Sem Medo seria reservado um final que o manteria para sempre ao lado das ideias revolucionárias, afastando-o do sistema político que se instaurou, que para o escritor desembocaria em um sistema corrupto e autoritário, Pepetela vai atuar no Estado de 1982 (Machado 2020, p. 227-228).

Assim, através da análise deste clássico das Literatura Africanas de Língua Portuguesa, nota-se a grande importância das discussões em torno da escrita literária de um escritor que conviveu anos de luta e resistência em prol da construção de uma sociedade independente e nacional. Como pode ser observado através da leitura e estudo do romance *Mayombe* (2013), como também através das entrevistas com o escritor angolano Pepetela.

Nesse viés, em *Mayombe* (2013), Pepetela transcende um projeto estético literário em que o leitor possa inferir uma compreensão sobre os preparativos para o combate contra o inimigo, dando espaço e a voz para os guerrilheiros que estavam altamente envolvidos durante as lutas de libertação nacionalista na floresta, cujo nome empresta para o clássico da literatura angolana.

Nesse âmbito, entre o território de combate nas lutas de libertação, a vitória contra o inimigo e o período que foram cessadas as armas em prol dos festejos da independência de Angola, datado em "[...] 11 de novembro de 1975" (Secco, 2009, p. 161). Em 1976 é interceptado esse sentimento de paz para um sentimento de angústia. Urge uma luta interna, os partidos que estavam imbuídos ativamente na luta contra o colonizador voltam-se uns contra os outros, a fim de enfrentar mais um combate, erguendo o autoritarismo e a tomada de poder territorial. Assim, surge a grande guerra civil, um momento delicado para os angolanos. E a escrita literária de Pepetela, anos mais tarde, reflete esses primeiros indícios sobre a grande guerra no pós-76, em mais uma de suas obras escrita em 1991, entretanto publicada apenas no ano seguinte em 1992.

3.2 *A GERAÇÃO DA UTOPIA* E A REPRESENTAÇÃO DOS TEMPOS DE LUTA, GLORIFICAÇÃO NACIONAL E O DESENCANTO NO PÓS-INDEPENDÊNCIA

Antônio Candido (2014) sob os estudos do conceito de Literatura e Sociedade, presente na obra *Literatura e Sociedade: estudos da teoria e história literária*, relaciona a produção literária com o meio social. E assim o estudioso, nas veias da crítica literária, observa que no projeto estético da literatura é possível vislumbrar os costumes, culturas e os eventos históricos de uma determinada época, uma vez que o escritor no processo de inspiração também faz uma alusão (e consecutivamente reflexões) aos eventos marcantes no tempo da escrita a qual estava submergido.

Com isso, Candido (2014) observa que o gênero literário poesia não é mais visto apenas como um produto de fruição, mas de estudos sociológicos. Através deste gênero literário é possível observar as inquietações, intenções, bem como a crítica do poeta quanto aos eventos históricos e sociais marcantes presentes no momento de inspiração e produção:

> Mas, no momento em que a escrita triunfa como meio de comunicação, o panoramase transforma. A poesia deixa de depender exclusivamente da audição, concentra-se em valores intelectuais e pode, inclusive, dirigir-se de preferência à vista, como os poemas em forma de objetos ou figuras, e, modernamente, os "caligramas" do Apollinaire. A poesia pura do nosso tempo esqueceu o auditor e visa principalmente a um leitor atento e reflexivo, capaz de viver no silêncio e na meditação o sentido do seu canto (Candido, 2014, p. 43).

Em consonância aos estudos de Antônio Candido (2014), quando observa que a "[...] arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, e como tal interessa ao sociólogo" (Candido, 2014, p. 31), os estudos pós-coloniais, nas vertentes dos estudos literários, compreendem o projeto literário como um meio de investigação e compreensão dos aspectos culturais, sociais e políticos de territórios geográficos, como também versa reflexões sobre os efeitos dos espaços territoriais dominados pelo sistema colonialista.

Desse modo, os estudos pós-coloniais vislumbram obras literárias como um produto pronto que estão fora dos espaços hegemônicos do colonialismo. Tal como reforça Homi Kharshedji Bhabha (2014), ao discutir o local da cultura, discute o conceito de estudos pós-coloniais como:

> A perspectiva pós-colonial – como vem sendo desenvolvida por historiadores culturais e teóricos da literatura – abandona as tradições da sociologia do subdesenvolvimento ou teoria da "dependência". Como modo de análise, ela tenta revisar aquelas pedagogias nacionalistas ou "nativitas" que estabelecem a relação do

> Terceiro Mundo com o Primeiro Mundo em uma estrutura binário de oposição. (Bhabha, 2014, p. 241).

Sob o conceito de Literatura e Sociedade, tem-se como exemplo o projeto estético literário do escritor angolano Pepetela. Através de uma vasta bibliografia no seio literário, bem como um vasto campo especializada de pesquisadores renomados através das perspectivas dos estudos pós-coloniais, o escritor angolano aposta em uma literatura de denúncia e reflexões de um tempo que estava imbuído no sistema colonialista opressor.

Conforme pode-se observar em entrevistas concedidas à pesquisadores, leitores e curiosos das literaturas africanas de língua portuguesa, especificamente, em momentos em que o escritor, elegido e consagrado com o prêmio Dstangola/Camões (Utilizando-se a mais nova e recente obra *Sua excelência de Corpo Presente*, no ano de 2021), aponta a relação da literatura e as experiências de vida vivenciada nos momentos de luta e resistência em Angola: "Em guerra, o homem está em situação limite. Mostra melhor a sua personalidade, terá talvez menos oportunidade de a camuflar. Neste sentido, aprendi muito sobre os meus semelhantes. Terá por isso sido uma experiência útil para a minha literatura" (Bueno, 2000, p. 33).

Além dos romances, destacados como objetos de estudos neste presente trabalho que, incialmente, figuram-se como obras que representam uma tessitura dos efeitos dos momentos de luta, resistência e o combate armado em Angola (desde a efervescência da construção de um pensamento de uma sociedade até a luta armada, propriamente dita), uns dos romances que abarcam esta ambivalência da literatura e sociedade é o romance escrito nos anos de 1991 (em Berlim, capital da Alemanha), entretanto publicado em 1992 (ao retornar Angola e retomar as aulas de sociologia), consagrado como *A geração da Utopia.*

Inicialmente, pode-se detectar esta ambivalência da perspectiva de Antônio Candido (2014) com o romance *A geração da Utopia* (2013) através de uma entrevista de Pepetela concedida à Wilson Bueno (2000): “Esse romance não é uma resposta a nada. Apenas uma estória sobre uma geração que fez a independência de Angola e não soube fazer mais” (Bueno, 2000, p. 42).

Nessa perspectiva, o presente tópico de capítulo tem como objetivo discutir o romance premiado no “Prêmio especial dos críticos de arte de São Paulo (Brasil)”, no ano de 1993, atentando-se aos momentos de luta e glorificação nacional que faz jus aos eventos históricos ocorridos em Angola. Como a exemplo dos primeiros indícios do combate armado até o limiar

da efervescência da Guerra Civil. Relacionando, portanto, com as obras *Mayombe* (2013) e *Parábola do Cágado Velho* (2005).

Firmando-se em uma obra escrita e publicada no pós-independência, *A geração da Utopia* (2013) é constituída por quatro capítulos: "A casa (1961)", "A Chana (1972)", "O polvo (abril de 1982)" e "O templo (a partir de julho de 1991). Nota-se que a obra literária apresenta capítulos datados de ordem cronológica, utilizando-se de datas que fazem alusão aos eventos históricos ocorridos em Angola durante sua emancipação política, cultural e social. Conforme afirma João Victor Sanches da Matta Machado (2022) ao analisar o romance de Pepetela, com enfoque ao primeiro capítulo "A casa (1961)": "O desenrolar da trama se assemelha ao desenrolar da história: não só o autor se coloca como testemunha inicial da obra, a história é a marca inicial do princípio de cada narrativa ficcional" (Machado, 2022, p. 50).

Com isso, o romance se inicia com um epílogo. Um momento inicial em que o escritor angolano reporta ao passado e lembra da reprovação ao utilizar no começo de uma produção o conectivo de conclusão "portanto". Assim, a partir da declaração do narrador apontando que o resquício de memória inserindo de uma frase intercalada entre parênteses são partes das memórias do autor do romance em discussão, o narrador inicia a narrativa do clássico romance da Literatura Angolana.

A narrativa reporta aos anos de 1961, especificamente, na Casa dos Estudantes do Império (Doravante CEI), em Lisboa, Portugal, quando as personagens Sara (uma estudante de medicina com uma consciência africanista), Malongo (jogador de futebol do Benfica, sempre considerado como reserva e sem interesse pelos assuntos políticos), Vítor Ramos (estudante de veterinária e leitor dos livros negados pelo governo vigente em Lisboa), Horácio (considerado o poeta da CEI e amante da literatura brasileira), Laurindo (um estudante que acabava de adentrar a CEI, mas que estava envolvido nas leituras de livros revolucionários) e Aníbal (guerrilheiro clandestino e intelectual, defensor dos princípios marxista) iniciam discussões sobre os rumos dos países africanos, especificamente, sobre a situação política de Angola.

Neste ambiente, demarcado em Lisboa (capital de Portugal), a juventude africana vivenciava um território controlado pela Polícia Internacional e Defesa do Estado (PIDE), uma vez que os estudantes residentes não poderiam apreciar leituras de obras com uma ideologia e a temática antagônica a política governamental de Salazar, uma vez que acreditavam que a apreciação dos livros, considerados como "[...] livros proibidos" (Pepetela, 2013, p. 45), poderiam abarcar um pensamento revolucionários e contra todos os princípios do governo

salazarista. Neste período, a própria rede midiática de comunicação omitia os problemas e as revoluções que estavam ocorrendo nos territórios africanos.

Durante uma conversa entre Aníbal e Sara é perceptível a seriedade e um grande grau de vigilância da Polícia do Estado:

> – A situação está séria. Muita repressão, a PIDE anda doida. Devem estar a fazer inquéritos e mais inquéritos sobre a Casa. Neste momento deve ser o alvo principal deles. Conversas mais sérias, não convém tê-las nem na Casa nem no Rialva. Reparaste no tipo com chapéu que estava sentado ao nosso lado no café? Aquele não engana ninguém. Lá no quartel também sinto que me observam. Tenho sempre alguém perto, no outro dia a minha estante foi mexida. Os livros estavam arrumados, só que não exatamente como os deixo sempre.
>
> – E tinhas lá livros perigosos?
>
> – Com esses tipos nunca se sabe o que é livro suspeito ou não. Tenho lá a Autópsia dos Estados Unidos, por exemplo. As Mãos Sujas de Sartre. Livros de Filosofia e de História, de todas as tendências. O Processo Histórico de Zamora, esse é marxista. Mas saberão eles? (Pepetela, 2013, p. 19).

Outrossim, neste primeiro momento da narrativa, o escritor angolano apresenta uma efervescência para uma consciência nacionalista, tendo em vista que todas as personagens já estavam atentas e preocupadas com os rumos políticos que os países africanos (ex-colônias) estavam seguindo, especificamente, Angola. Todas as informações e correspondências enviadas (de formas secretas, clandestinamente) para os estudantes de nacionalidade africana apresentavam que Angola passava por um período de revolução armada.

Conforme é expressado durante o diálogo entre Vítor Ramos, Malongo e Sara:

> E como estão os pais lá, confrontados com uma guerra? Pois é duma guerra que se trata, diga o governo o que disser. As notícias enchiam páginas dos jornais, mas as informações eram poucas. A censura estava a trabalhar a triplo vapor, as tesouras nunca funcionaram tanto como agora. Os jornais enchiam-se de discursos patrioteiros, Portugal é uno e indivisível, de declarações de apoio ao regime, mas pouco de concreto sobre os acontecimentos. Sabia-se que o Norte se tinha revoltado em nome duma antes desconhecida UPA e de Lumumba, que era uma esperança de futuro (Pepetela, 2013, p. 14).

Nesta perspectiva, o narrador, apresenta que, mesmo havendo uma vigilância atenta da PIDE dentro da CEI e no território geográfico de Lisboa, em Portugal, a utopia de uma independência africana já estava sendo formada ainda no território do colonizador, no ambiente universitário, diretamente e indiretamente[15] através de diálogos, conversas, leituras da elite

[15] Neste ponto textual, pode-se compreender que existe uma juventude africana que estava atenta e preocupada diretamente com a política do seu lugar de origem (a exemplo de Horácio, Laurindo, Vítor Ramos, Sara, Aníbal e dentre outros personagens). Enquanto outros sentiam-se um sentimento de despertencimento com os assuntos

intelectual (tais como Karl Marx, Frantz Fanon e dentre outros intelectuais) e seminários. Machado (2022) aponta que a CEI pode ser interpretado como: "[...] um local de união da juventude africana, que nela encontra um lugar de debate e contato com as ideias revolucionárias e nacionalistas" (Machado, 2022, p. 54).

No entanto, durante a narrativa, a juventude africana presente na narrativa de *A geração da Utopia,* idealiza uma resistência no recrutamento e na convocação para as lutas de libertação. E assim as personagens envolvidas, juntam-se com uma organização que estar contra o alistamento para o combate armado, e fogem de Lisboa para outros países como Itália e França.

Conforme é expressado no momento em que Sara, Malongo, Laurindo, Horário e Vítor estão preparados para a fuga de Portugal:

> Vítor finalmente disse, alto, quase gritando:
>
> – Está aí o carro, é esse. Vamos depressa.
>
> Cada um pegou no seu saco e desceu as escadas. Sara foi a última, deitou um derradeiro olhar pelo quarto onde vivera seis anos, viu as malas empilhadas com os seus tesouros, apagou a luz e fechou a porta, sentindo que ao mesmo tempo fechava um capítulo da sua vida. (Pepetela, 2013, p. 138).

No fim do primeiro capítulo, o narrador apresenta um epílogo. Neste âmbito, a narrativa é voltada para as personagens que estavam na fuga de Lisboa para outros países. Com isso, o narrador especifica que a juventude africana que estava disposta a fugir do território do colonizador buscaram destinos diferentes, uma vez que alguns foram estudar na Europa, enquanto outros foram para Paris (como, a exemplo de, Sara e Malongo) e Estados Unidos.

Com isso, o narrador especifica que alguns alistaram-se nos dois partidos que estavam envolvidos para o combate armado. Conforme é perceptível na voz narratária: "Outros Integraram imediatamente os dois movimentos" (Pepetela, 2013, p. 139). Desse modo, na historicidade angolana, identifica-se que os dois movimentos que estavam envolvidos nas Lutas de Libertação nacionalista eram a União das Populações de Angola (UPA), que a partir dos achados de Marcelo Bittencourt (1999) "[...] que a partir de 1962 passou a chamar-se de Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) [...]" (Bittencourt, 1999, p. 92), e o movimento integrado por forças dos guerrilheiros e a comunidade angolana, os civis.

---

políticos. No entanto, durante a narrativa indiretamente estavam atentos com os rumos políticos e sociais que o país angolana estava seguindo (como a exemplo de Malongo, mesmo que seja um personagem que estava totalmente preocupado apenas com assuntos do futebol e a sua vida pessoal, durante a narrativa, mostra -se um personagem que tem uma preocupação com os rumos políticos que Angola estava seguindo).

Nessa perspectiva, a luta de libertação nacional contra o domínio colonialista português se inicia a partir de 1961 e os partidos que estavam envolvidos eram classificados de um lado a UPA e o MPLA. A partir das perspectivas de Bittencourt (1999):

> A União das Populações de Angola (UPA) – que a partir de 1962 passou a chamar-se Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) – contava com o grande apoio do grupo etnolingüístico bakongo, situado ao norte do território angolano, fazendo fronteira com a hoje chamada República Democrática do Congo, o antigo Zaire. Mesmo com o apoio dos EUA e do próprio Zaire, que lhe fornecia uma base segura para a preparação de seus guerrilheiros e privilegiada no que diz respeito à localização para implementar ações militares contra o exército português, a FNLA não expandiu, de forma consistente, a luta contra as forças militares portuguesas para outras áreas do território angolano, o que fortaleceu ainda mais a referida vinculação étnica (Bittencourt, 1999, p. 92).

Enquanto isso, o movimento MPLA: "[...] possuía uma composição bem mais heterogênea. Contava com o apoio de parte da população angolana residente em Luanda, a capital, em algumas localidades do interior próximo a Luanda e em outras cidades, principalmente as litorâneas." (Bittencourt, 1999, p. 92).

Neste panorama de análise, observa-se a linearidade na narrativa de *A geração da Utopia* (2013) em que a juventude africana, envolvida com os assuntos políticos e sociais dos territórios africanos ainda na CEI, logo, é evadida clandestinamente de Lisboa, como uma forma de resistência contra o domínio colonial. Observando, assim, que no romance, em pauta, além de apresentar personagens ficcionais é aglutinado um enredo que se aproxima dos eventos históricos de Angola.

Segundo Nazaré Torrão (2023), ao entrevistar o escritor angolano, introduz a divulgação com as informações verbais de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos apontando o seguinte discurso analítico:

> Obra que acompanha a sociedade angolana e a problematiza desde o colonialismo até ao presente, não poupando críticas aos dirigentes do novo estado que frustraram a utopia dos que iniciaram a luta pela independência, por vezes agentes dos dois movimentos sociais contraditórios, como títulos tais que *Mayombe, Geração da Utopia, Predadores* ou *Se o Passado Não Tivesse Asas* comprovam (Torrão, 2023, p. 140).

No capítulo seguinte, conceituado como "A chana (1972)", uma referência à floresta do Leste do Norte de África, nota-se que o narrador acompanha a jornada de um guerrilheiro. Ao longo da narrativa, o narrador não descreve o nome e codinome do guerrilheiro. No entanto são apresentadas características, que mostram uma personagem que está nos preparativos para o

combate armado contra o colonizador. Por outro lado, observa-se que a personagem também está em uma luta psicológica. Esta luta mais individualista é travada com os medos, a insegurança e uma autocobrança frente à sociedade angola com o intuito de derrotar o inimigo aniquilador.

Nos primeiros capítulos, nota-se a jornada do guerrilheiro nas matas fechadas, porém as cenas em que as personagens são desafiadas com a condição climática, fome e o medo é o tópico de capítulo 04 (quatro). Momento este em que Aníbal enfrenta os desafios do presente e os fantasmas do passado:

> De repente, o homem estaca, a respiração suspensa. Um ruído longínquo, indefinível. Vento ou avião? Vira-se para todos os lados, procurando um arbusto. O mais próximo fica à sua direita, a uns trezentos metros. Escuta de novo. Pode ser um helicóptero. Desata a correr para o arbusto, o coração ritimando os passos. Enquanto corre, parece- lhe que o ruído se afastou, mas pode ser efeito do esforço. Chega ao arbusto que não mede mais dum metro e quase nu. Retomando o fôlego, agachado no meio do arbusto, apercebe-se enfim de que já nada se ouve. Dez minutos à espera, descansando. Nada.
>
> Caminhou durante cinco horas a um rítimo demasiado rápido. A corrida final esgotou-o. As pernas doem, o baço dói-lhe, a respiração é irregular. Efeito da fome também: dois dias sem comer. E lembra-se da sede. O calor vem chicoteá-lo. Tem de avançar para chegar à mata (Pepetela, 2013, p. 155).

Assim, no limiar da narrativa, o narrador cita o codinome das duas personagens. Trata-se das mesmas personagens que estavam, anos antes, na CEI em Lisboa, com o pensamento ideológico de revolução contra a dominação colonialista. E que, no presente capítulo, na mata fechada por volta dos anos de 1972, algumas personagens adentram na narrativa como guerrilheiros. Combatentes armados que estão em seus pontos preparados para digladiar contra o inimigo.

Nesse contexto, o presente capítulo apresenta muitas memórias antes do combate armado, que retratam momentos de distopias das personagens. Como a exemplo de Aníbal, tendo como codinome de guerra “O sábio”, recordando seu amor pela Mussole e as esperanças para uma Angola liberta nacionalmente, no entanto, durante a narrativa a personagem mostra - se distópica, uma vez que percebe que a guerra deixou muitos rastros de destruição, principalmente, miséria e as mortes. Retratado a partir da morte de Mussole no momento em que não percebe uma granada.

Para o intelectual, Benjamin Abdala Jr (2020) ao investigar o romance de Pepetela aponta observa que existia um sentimento utópico de uma sociedade angolana mais junta ainda nos espaços do colonizador (a Casa dos Estudantes do Império, por exemplo), por volta dos

anos de 1961. Entretanto, durante o caminhar do combate armado e as consequências desta luta a juventude africana (na voz, por exemplo, Aníbal) paira em um estado de distopia, tendo em vista que não percebiam que este seria os rumos que uma revolução poderia afetar:

> A tendência, quando esses sonhos não se concretizam integralmente como se desejava, é o estado de melancolia, ou a distopia entre os atores embalados pela plenitude da utopia. Entretanto, a vida social se move na direção da esperança. Acreditar que as coisas possam ser melhores do que são. Se a esperança não se configurar em torno de projetos imbuídos de um princípio de juventude, como o que embalou os atores dessa geração, outros atores poderão empunhar em proveito próprio essa inclinação de esperança, através da mistificação, como ocorre com o pensamento religioso. É o que aponta o romance *A geração da utopia*, certamente num horizonte que não se restringe apenas a Angola (Abdala Jr, 2013, p. 82).

Por outro lado, o narrador apresenta uma maior ênfase para a jornada de luta da personagem Vítor Ramos, abarcando como codinome de guerra Mundial. Este personagem guerrilheiro mostra-se valente e fugaz para a luta armada, entretanto identifica-se que luta contra os fantasmas do passado, como a exemplo das recordações do comandante Aníbal e o medo de ser vencido pelo inimigo, tendo em vista que Mundial percebe que o inimigo apresentava muitas vantagens na Chana.

Observa-se estas questões quando Mundial consegue livrar-se das emboscadas do inimigo e encontra um grupo de guerrilheiros, chamados de Culatra, Mukindo, Sangue Forte, Dinamite e Comandante Muxima, que busca o mesmo propósito:

> – Como veio parar aqui, camarada?
>
> Mundial deixou-se cair no chão. Contou resumidamente a viagem, a emboscada em que caiu, a marcha solitária, a aproximação do posto e como infrutiferamente se tentara afastar. Depois contava o mujimbo inteirinho, já não aguentava mais.
>
> – O camarada está muito cansado e com fome. É melhor comer um bocado. Mukindo, abre uma lata de carne, rápido. Estamos a fazer reconhecimento ao posto, para um ataque próximo.
>
> – Eles já vos descobriram – disse Mundial.
>
> – Afinal?
>
> – Sim. Quando eu estava no rio, um grupo de soldados veio do posto e avançou mesmo até ao pé de mim. Ouvi o que falavam. O povo tinha informado sobre marcas de sapatilhas, bué. Eu pensei eram as minhas marcas. Depois eles viram qualquer coisa na mata... (Pepetela, 2013, p. 201-202).

Sob a ótica da narrativa do escritor angolano, nota-se que o capítulo "A chana (1972)" pode ser representado Angola durante o a efervescência das lutas de independência, tendo em vista que durante o combate armado os combatentes não estavam totalmente preparados para

uma luta, uma vez que os guerrilheiros eram integralizados com soldados preparados e civis que estavam dispostos para uma luta em prol do país (antiga colônia). Desse modo, interpretando o motivo de Aníbal e Mundial apresentar uma preocupação para o combate armado contra o colonizador, todavia um combate interno contra os seus anseios e inseguranças frente um momento tão decisivo para a construção da democracia de Angola.

Nessa perspectiva, Vera Elizabeth Prola Farias (2008) ao analisar o romance em discussão, explicita que Pepetela constrói uma obra literária que tenciona reflexões sobre as dificuldades, mas também as esperanças durante a luta armada. Com isso, a pesquisadora descreve que a Chana, o ambiente posto para a batalha contra o opressor:

> [...] põe a descoberto a problemática da guerra agenciada por um guerrilheiro cuja viagem pela Chana representa a travessia de iniciação dos que lutaram pela independência. O personagem se debate entre uma guerra cruel e reminiscências do passado que o despem quase totalmente de sua condição humana. Principalmente se vê confrontado com problemas raciais internos, com a luta pelo poder e a guerrilha fratricida dilacerando ainda mais um país já descaracterizado pela colonização européia (Farias, 2008, p. 92).

O romance *A geração da Utopia* (2013) apresenta uma complexidade no tempo, espaço e no envolvimento das personagens em cada situação na narrativa refletindo, assim, a complexidade existencial que surgiu também durante os anos de luta armada, visto que mesmo que tenha sido um combate armado em prol da independência política, social e cultural da população de Angola tinha que vivenciar os destroços da luta armada, seja na cidade, como no campo, um ambiente em que angolanos foram mais afetados por esta luta.

Conforme é descrito por Abdala Jr. (2009) ao observar traços da Utopia na produção literária do escritor angolano: “Quando analisamos a obra de Pepetela, procuramos vê-la nos gestos de seus atores, sejam eles personagens, narradores e as marcas implícitas do próprio autor. Seus heróis são paradigmas que não circunscreve apenas a Angola” (Abdala Jr, 2009, p. 172-173).

Estas reflexões podem ser observadas no terceiro capítulo, conceituado como “O polvo (Abril de 1982)”. Neste capítulo, a narrativa é tecida no pós-independência, isto é, momento que Angola deixa de ser uma colônia e torna-se país independente. No entanto, após os festejos da independência e a vitória contra o colonizador pode-se perceber que o país vivencia os destroços e o envolvimento da guerra civil. Com isso, a herança deixada no pós-75 é tencionada na miséria, fome, desigualdade e na invisibilidade dos combatentes que lutaram, sonharam e decepcionaram com os rumos que a luta armada estava seguindo. No entanto, a sociedade

angolana vivencia uma luta armada interna entre dois partidos que estevam eufóricos para a derrota da dominação colonial e, agora, no tempo da narrativa, voltam-se uns contra os outros para um combate em prol do poder territorial de Angola.

Neste viés, os combatentes que estevem presentes na Chana, na mata fechada lutando e, a posteriore, sobrevivendo todos os desafios para alcançar o propósito maior, no capítulo "O polvo (Abril de 1982)" são imbuídos em um novo sistema. Uns foram beneficiados, outros esquecidos, deixados à deriva perante uma nova sociedade liberta, enquanto outros desacreditando na democracia e o sentimento de liberdade, tornaram-se desesperançosos e foram viver isolados do novo mundo angolano.

Nesse ponto, pode-se citar por exemplo três personagens importantes para o desenrolar do presente capítulo. Tratando-se, portanto, do comandante O Sábio, no pós-75 é chamado de Aníbal, que após o combate armado e a vitória contra o domínio colonialista isolou-se em uma Casa, na ilha da Caotinha, no Sul de Angola, próxima à cidade de Benguela, tendo como convivência uma árvore (mangueira), que para Aníbal a essência espiritual de Mussole estaria naquela árvore, a família de seu amigo Ximbulo, bem como recebendo a visita de Sara, agora mais madura, profissional atuando no setor da saúde (médica em Luanda) e disposta a compreender o sentimento amoroso que aflorava pelo Sábio ainda quando eram adolescentes.

Neste ambiente, além de um estado de isolamento do novo mundo pós-75, pode-se perceber que a personagem heroica de *A geração da Utopia* (2013) ainda é temida por um grande medo. O mesmo passado que o aterrorizava ainda nos muros da CEI, trata-se do polvo gigante. Um simbológico e surreal animal que atormentava ainda o ex-combatente quando criança.

Conforme é descrito pelo narrador no romance *A geração da Utopia* (2013):

> Regressou a Angola em 1975, em plena guerra contra os outros partidos. Logo foi destacado para chefiar uma coluna que travava o avanço dos sul-africanos no rio Keve. Foi então que conheceu Paulino, filho de Ximbulo. O rapaz tinha sobrado da batalha de Katengue, onde morrera o seu irmão mais velho, e recuado com as tropas de Benguela para o Cuanza-Sul. Paulino ficou uma espécie de sua mascote, que passou a levar para todos os sítios. E nas noites de vigília antes das batalhas, Paulino contou que o pai, Ximbulo, era pescador perto da Caotinha e que ele e o irmão tinham sido voluntários para combater quando o kibeto começou na zona de Benguela. O nome da Caotinha evocou nele reminiscências de infância. Foi passar férias a Benguela e levaram-no a essa praia, onde um polvo enorme o assustou, polvo que lhe aparecia nos pesadelos antes das batalhas (Pepetela, 2013, p. 239).

No que diz respeito ao "[...] polvo da sua infância" (Pepetela, 2013, p. 239), de Aníbal, para o pesquisador Ruckert (2011) a caracterização do animal aquático com vários tentáculos no romance de Pepetela é inferido como: "O polvo, na cultura africana, representa a conexão do passado com o presente. Simbolicamente, tem-se aqui, na morte do polvo, a morte não só do antigo Aníbal revolucionário e sonhador, mas também da própria utopia" (Ruckert, 2011, p.10).

Com isso, a personagem deixa claro este estado de desesperança quando percebe que todos as virtudes sonhadas e idealizadas antes das lutas armadas são quebradas durante as lutas de libertação e após a vitória contra o inimigo opressor. Mesmo que tenha encontrado Sara e terem concretizados um sentimento fraternal amoroso construído ainda quando eram jovens aglutinados com o desejo de revolução, a distopia estava posta na personagem.

Conforme explicita o diálogo entre Aníbal, com os traços de "[...] um etíope. [...] cabelo enorme, como uma juba enorme [...]" (Pepetela, 2013, p. 249), e Sara, com um fenótipo de uma mulher "[...] envelhecida. Devia ter uns quarenta e seis anos, como ele" (Pepetela, 2013, p. 248), ao discutir a euforia idealizada ainda no início dos rumores para a revolução armada por volta dos anos de 1961 em Lisboa, Portugal:

> – Isso de utopia é verdade. Costumo pensar que a nossa geração se devia chamar a geração da utopia. Tu, eu, o Laurindo, o Vítor antes, para só falar dos que conheceste. Mas tantos outros, vindos antes ou depois, todos nós a um momento dado éramos puros e queríamos fazer uma coisa diferente. Pensávamos que íamos construir uma sociedade justa, sem diferenças, sem privilégios, sem perseguições, uma comunidade de interesses e pensamentos, o paraíso dos cristãos, em suma. A um momento dado, mesmo que muito breve nalguns casos, fomos puros, desinteressados, só pensando no povo e lutando por ele. E depois... tudo se adulterou, tudo apodreceu, muito antes de se chegar ao poder. Quando as pessoas se aperceberam que mais cedo ou mais tarde era inevitável chegarem ao poder. Cada um começou a preparar as bases de lançamento para esse poder, a defender posições particulares, egoístas. A utopia morreu. E hoje cheira mal, como qualquer corpo em putrefação. Dela só resta um discurso vazio (Pepetela, 2013, p. 245-246).

Assim, ao desafiar a gravidade do oceano, adentrando para a caverna que estava posto à margem das profundezas do oceano, e enfrentar o monstro marinho, ao dilacerar a vida do Polvo e emergir do fundo do mar percebe que as características do animal marinho arquivados em seu inconsciente, ainda quando criança, nada mais foi do que apenas uma fantasia criada de um animal marinho monstruoso. A conjuração criada que existia na praia da Caotinha um polvo gigante estava submersa apenas um pequeno polvo.

Este sentimento de distopia que é acompanhado junto com Aníbal na travessia do capítulo que antecede "O polvo (Abril de 1982)", como também se instaura no capítulo vigente é figurado na personagem Vítor Ramos, que no pós-independência ainda é nomeado com o codinome Mundial. A desesperança acorrenta no comandante Aníbal no momento em que percebe que o seu amigo e ex-combatente é elevado para o posto de ministro em Angola. No entanto, estas promoções de cargos (de guerrilheiro para ministrado) é adquirido por meio do individualismo, o oportunismo e a ganância de ser bem sucedido no pós-independência.

Conforme é perceptível durante o diálogo entre Sara e Aníbal:

> – Pois. Não te condeno, sempre foste muito dedicada. E não gostaria de te ofender por qualquer palavra, juro que não é minha intenção. Sei muito bem distinguir as pessoas. Mas puxaste a conversa para a minha desaparição da cena e vens com o argumento de autoridade do Vítor, um sacana que me prometeu enviar café e umas meias para o interior, meteu-se nas confusões de fronteira, e até hoje estou à espera das meias... Aqui para nós, nunca entendi como o Mundial no derradeiro segundo se desviou da Revolta do Leste. Em 1972, quando partiu para a fronteira, já estava todo feito com eles. Não enganava ninguém. Mas depois cheirou o vento, ou teve um sonho anunciador. Mais tarde fui colando os bocados do que me contaram. Foi mantendo certo distanciamento dos dois campos, estando com um pé escondido em cada um. No momento decisivo da opção, cortou as ligações com os revoltosos. E foi naturalmente subindo na organização. Teve enorme habilidade, tenho de reconhecer. O chamado salto do gato que cai sempre de pé.
>
> – Não gostas dele.
>
> – Talvez por ter demasiado gostado dele. Sabes, a desilusão é o pior que há. Era o meu mais novo, tratado com todo o carinho. Desculpava-lhe todas as pequenas falhas, defendia-o quando precisava, confiando nele. Afinal, não passa dum oportunista. (Pepetela, 2013, p. 244).

Sob esta ótica, ao analisar a linearidade da narrativa e observar as ações das personagens que estão envolvidas durante todo o percurso da narrativa *A geração da Utopia* (2013), Tatiani Reghini de Mattos (2013) ao analisar as personagens que estão envoltas no sentimento de distopia de Aníbal no capítulo em análise esclarece que: "Se a natureza se torna amigável [...] pautada pela hostilidade de um país afundado na pobreza, na guerra, na ambição que outrora foram guerrilheiros "puros" (nas palavras de Aníbal), para se transformarem em usurpadores do Estado (tais como Mundial)" (Mattos, 2013, p. 40).

Por outro lado, o sentimento de desesperança no pós-independência é mais severo quando percebe que os heróis da história, ou seja, os guerrilheiros que estavam envolvidos diretamente nas lutas de libertação nacionalista, são esquecidos pelo Estado. Essa invisibilidade é retratada no próprio isolamento de Aníbal, na falta de reconhecimento (falta de respeito e

cordialidade, por exemplo) dos militares, bem como na ajuda alimentícia governamental, que trata-se apenas da frustrante entrega de poucos alimentos para a sobrevivência.

Outrossim outra realidade vivenciada no pós-76 trata-se da falta de privilégios para os guerrilheiros envolvidos no combate armado, especificamente os que foram afetadas fisicamente com os instrumentos de guerra[16]. Como a exemplo de Mukindo, um combatente que "[...] sempre estava na Zona C. Andava com o comandante Kudila" (Pepetela, 2013, p. 291). Este personagem tinha sido mutilado durante o combate, perdendo, portanto, uma de suas pernas. E com isso, estava à procura de uma prótese para o melhor envolvimento e a locomotividade no novo mundo.

Esses apontamentos podem serem expressados na voz do narrador, descrito em terceira pessoa, bem como o fluxo de consciência do ex-combatente Aníbal, ao recordar do mutilado durante o conflito armado e prol da independência angolana: "[...] Sim, um jovem guerrilheiro esperto a quem Kudila muito se afeiçoara. Tinham passado quantos anos já? Bem mais de dez. Mas o então miúdo tinha agora aspecto de velho, as rugas vincadas na cara magra. A guerra e todos os seus horrores estavam ali à sua frente" (Pepetela, 2013, p. 291).

Com isso, segundo Célia Regina Marinangelo (2009): "O desalento de Aníbal, ao defrontar-se com o animal e vencê-lo, equipara-se à percepção de quão decepcionantes foram as mudanças ocorridas no país após a independência de Angola, e essa percepção impregna o personagem de desânimo para novas lutas" (Marinangelo, 2009, p. 293).

Em continuidade a narrativa e as análises de pesquisadores que reforçam o romance de Pepetela como construto de um projeto estético literário que abarca aproximações entre a literatura e a memória de luta e resistência de um território, bem como o quão foi "[...] dominante nessa época toda a tendência literária onde a condição de artista do escritor dialogava com a inserção ativa de sua cidadania" (Marinangelo, 2009, p. 171), o epílogo deste capítulo é apontando elementos textuais que reforçam o sentimento de distopia que circundavam a

[16] Pode-se perceber esses eventos no romance *O desejo de Kianda* (2021), de Pepetela, escrito durante os anos de 1994, e publicado posteriormente, pela primeira vez, nos anos de 1995. Neste romance, publicado no Brasil pela editora Kapulana, nos anos de 2021, a narrativa se passa no pós-independência, em Luanda, a partir de uma sociedade ainda com sequelas de uma Guerra Civil. Desse modo, a narrativa se inicia no momento do casamento das personagens Carmina Cara de Cu (CCC) e João Evangelista e, neste momento, misteriosamente existem desabamentos de prédios. Em uma linguagem irônica, bem como utilizando-se das crenças africanas, o escritor angolano reflete e faz um balanço deste período no pós-independência. Apontando, assim, a decadência e a invisibilidade dos guerrilheiros que estavam dispostos a lutar contra o opressor. Conforme é apontado na narrativa do romance *O desejo de Kianda* (2021): "[...] – Pois é. Quando eu estava na guerra era um herói, das gloriosas FAPLA, porque defendia a vossa vida. E vocês aqui porreiros na cidade. Agora que perdi as pernas, já não sou herói, nem direito tenho de viver. E vocês continuam porreiros aqui" (Pepetela, 2021, p. 78).

personagem Aníbal, a mesma personagem que na CEI participava dos movimentos sociais, sabotavam as investidas do colonizador, e que no tempo de batalha estava com as armas nas mãos e com um codinome de guerra, consagrado como "Comandante O Sábio", como também o narrador elucida o fim da personagem.

A personagem deixa, portanto, um elemento textual que representa a morte definitivamente da Utopia (ao observar uma sociedade que não foi imaginada durante os atos de manifestações ainda quando a juventude africana residia em Lisboa). Além disto, a personagem descreve a mesma situação que Mukindo: o esquecimento dos guerrilheiros que sonharam com a utopia durante as lutas de libertação e conviveram com o sentimento de distopia durante o envolvimento da guerra civil[17].

Conforme é afirmado no romance: "[...] Ontem foi 14 de abril, aniversário da morte de Mussole e do Herói, e estavas alegre. Eu sei, o Herói foi a enterrar e os tantos discursos que lhe puseram por cima mataram-no de vez, um dia não será recordado. Tal é a injustiça dos homens" (Pepetela, 2013, p. 312).

No último capítulo, consagrado como "O templo (Julho de 1991)", as personagens estão no pós-independência, durante a eclosão da guerra civil. Entretanto, o narrador não especifica a luta interna, propriamente dita, mas deixa explícito para o leitor os motivos, os movimentos envolvidos e os escombros deixados no país de Angola, bem como na desesperança das personagens. Assim, o narrador inicia o último capítulo do romance *A geração da Utopia* (2013) apontando as mesmas técnicas no âmbito das narrativas nos capítulos anteriores. Narrativas temporais, marcadas com datas que fazem alusão aos eventos históricos ocorridos ao longo da revolução política e social angolana, mas também é apresentado um país independente e fraturado com as consequências de uma guerra civil.

Essas questões podem serem expressadas a partir dos sentimentos da personagem Orlando ao relatar as suas angustias para Aníbal – O sábio, e partir deste ponto é feito um balanço em relação a luta e resistência em prol de um país angolano mais justo:

[17] Este sentimento de desesperança que paira na personagem Aníbal é reforçado no último capítulo, uma vez que mesmo que Aníbal tenha retornado à Luanda (por pelo menos uma semana) e neste ambiente, por alguns instantes "[...] os olhos de Aníbal se iluminaram involuntariamente [...]" (Pepetela, 2013, p. 368). Reencontro amorosos do passado, como Sara; feito novas amizades, como Judite e Orlando, a personagem estava prevendo que os novos tempos seriam de uma Angola rumo à modernidade, mas também de um "[...] capitalismo selvagem" (Pepetela, 2013, p. 375). Assim, esse sentimento de distopia foi perceptível por Sara: "Sara sentiu nele a renúncia fatal do guerreiro, baixando a arma, o gesto impotente de revolta cedendo à fatalidade" (Pepetela, 2013, p. 374).

> – Começa a ser tempo de se fazer a História disto tudo – disse Orlando. – Como uma geração faz uma luta gloriosa pela independência e a destrói ela própria. Mas parece que a gente da sua geração não é capaz de a fazer. E a minha geração, a dos que agora têm trinta anos, não sei. Fomos castrados à nascença. Eu tinha treze anos quando Luanda se mobilizou em massa para receber os heróis da libertação. Fiz parte duma base de pioneiros, à entrada da Ilha, onde morava. Vivíamos para aquilo. Marchávamos, ouvíamos os relatos dos mais velhos vindos das matas, cantávamos as canções revolucionárias, inventámos aquela marcha-dança que se espalhou por todoo país, misto de fervor patriótico e imaginação criativa. E depois quiseram enquadrar- nos. Disseram, devem marchar como os soldados, vocês são os futuros soldados. Já não podíamos dar aqueles passos malucos que arrancavam palmas a toda a gente, vai para a frente, um passo para o lado, volta para trás, uma piada no meio. Mesmo no Carnaval, anos mais tarde, só se podia marchar como os soldados, os grupos deixaram de dançar. Liquidaram a imaginação, em nome duma moral militarista, de disciplinade caserna ou de convento, não sei, já não se podia criticar, dizer o que se pensava, tinha de se pensar antes de dizer. Houve as lutas internas, golpes de palácio que ninguém entendia, afastamentos de tipos que para nós eram heróis, outros iam parar à cadeia. E a minha geração, jovem e entusiasmada, foi perdendo o entusiasmo, foi considerando que a política era algo proibido e perigoso, só se devia cumprir e não pensar. Ela aí está, pensando só no carro e nas viagens, no futebol e nas farras. Sem meta na vida (Pepetela, 2013, p. 269).

Outrossim, cada momento da narrativa o narrador do clássico romance de Pepetela dedica o foco narrativo para as personagens que foram consideradas, na visão de Aníbal, como "[...] uma elite intelectual" (Pepetela, 2013, p. 370). Um grupo de jovens universitários que estavam em busca dos seus sonhos em uma "[...] cultura europeia" (Pepetela, 2013, p. 370), mas que também estavam atentos com os rumos dos seus países africanos, bem como criando movimentos de resistência intelectual para a propagação e possíveis alertas das consequências do colonialismo. Com isso, nesta última parada do romance *A geração da Utopia* (2013), todas as personagens que no determinado tempo cronológico eram considerados amigos (tais como Malongo, Vítor Ramos e Aníbal), alguns amantes (como Sara e Aníbal) e evadidos de Angola para os Estados Unidos (como Elias) são reascendidos no tempo da narrativa (conforme aponta o narrador no início do último capítulo: após 30 anos) já com idades avançadas observando um país que jamais seria idealizado pela "[...] geração da utopia" (Pepetela, 2013, p. 245).

Desse modo, a juventude africana residida nos novos tempos angolanos são representadas novos discursos, novos oportunismos e um novo pensamento capitalista ganancioso. Como a exemplo do empresário oportunista Malongo, que sonega impostos juntamente com empresas estrangeiras nos territórios africanos e o Ministro Vítor Ramos que preocupa-se com a sua reputação governamental e que estar disposto a adquirir a confiança dos sociedade angolana em prol de beneficiar o seu partidário político.

Tal como é apontado entre uma estreita conversa de negócios e interesses entre Malongo, Vítor, Luzia (oportunista e esposa de Mundial) e uma nova geração com um

pensamento libertador, anticolonialista e interligado com os assuntos políticos, como Orlando e Judite[18]:

> Luzia finalmente encontrou espaço para meter uma frase. Foi com visível prazer que desferiu: – E olhem que a mulher dele não quer coisas baratas, só vive no luxo... Malongo pensou também não podes falar. Lembrou a vez que a Luzia foi passar férias na casa dele em Bruxelas, sozinha com os filhos porque à última hora o Vítor não pôde ir. Ia ficando arruinado com as despesas, jurou para nunca mais. E nessa altura ele não começara ainda os negócios com Angola, mal tinha para viver no dia a dia. Não porque ela fosse de luxos, mas porque não tinha a mínima noção sobre o custo das coisas. Comprava do mais caro, por não ter referências. Notou depois que isso era geral no meio das pessoas que podiam ir ao estrangeiro com ajudas de custo do Estado. Iam jantar aos restaurantes mais caros e quando alguém lhes dizia, com esse dinheiro podia comer o dobro e muito melhor, ficavam todos muito admirados. Luzia deu -lhe cabo das poucas economias, mas também lhe deu a ideia de ganhar alguma coisa com a terra, ao falar dos mujimbos sobre os negócios e como se faziam as coisas. Ela conhecia os esquemas por dentro. E ele pensou, por que não eu? Como quem não quer a coisa, apresentou Luzia a alguns conhecidos que tinham empresas médias. Só para mostrar que tinha conhecimentos bem situados. Tempos depois, começou a ser intermediário dessas firmas nos negócios com Angola. Assim começou a sua fortuna (Pepetela, 2013, p. 327).

Outra personagem que se apresenta mais velho, mais experiente e que regressa Angola é o Elias. Após a fuga de Lisboa para os Estados Unidos, a personagem integraliza o movimento UPA, em seguida FNLA, é agraciado com uma de estudos, cursando o curso de Filosofia, em seguida, Psicologia. No entanto, Elis "[...] Mas acabei por descrer dos meus conterrâneos do Bié que a dirigiam. Makas que agora não interessa descrever. Afastei-me de toda a atividade política." (Pepetela, 2013, p. 336). Com isso, a personagem Elias, também retorna para o território angolano a partir de uma nova experiência de vida, não mais como intelectual com pensamentos revolucionários, tampouco como guerrilheiro, mas sim como mensageiro divino, pregando discursos religiosos para uma sociedade ainda fraturada com todos os acontecimentos sociais e políticos, que pairam sentimentos de vitória, insegurança, descrença e ainda acorrentados no medo e na desconfiança política.

Conforme pode-se compreender a partir de uma conversa entre Sara, Aníbal, Orlando e Judite: "Hoje que a sociedade está sem valores, as pessoas viram-se para a religião, qualquer que ela seja, precisam de acreditar nalguma coisa. E, como sempre, haverá as religiões que servem as pessoas e as que se servem das pessoas" (Pepetela, 2013, p. 373).

[18] É importante descrever que Orlando é economista e inteiramente interessado e atento com todos os rumos dos governantes no pós-independência, como também tem um relacionamento amoroso com Judite (filha de Sara e Malongo), considerada uma médica interessada, parcialmente, com os assuntos políticos, no entanto, sem pretensão de candidatar-se e se torna governante do seu povo.

No entanto, a missão de Elias também é apresentada uma missão oportunista e capitalista, uma vez que Malongo e Vítor Ramos adentram em uma parceria para as contribuições do capital. As duas personagens que representam a herança da elite colonial observa que o projeto religioso de Elias também pode ser um projeto ganancioso e individualista, tendo em vista que o público a qual Elias recruta é uma sociedade com as condições sociais afetadas por dois movimentos revolucionários acometidos cronologicamente, ou seja, primeiramente os civis juntamente com os guerrilheiros envolvidos unem-se para uma luta contra a dominação do colonizador instaurado na geografia de Angola, em seguida, após os festejos da independência nacional, como também após um tratado ainda não revigorado entre dois movimentos de combatentes envolvidos na vitória contra o sistema colonial, urge a guerra civil. Um momento marcado pela distopia no seio angolano.

Nesta concepção, Marinangelo (2009) descreve que o último capítulo, sob a ótica de um olhar irônico, o autor reflete que no universo de algumas práticas religiosas interpreta-se: "[...] novas formas de exploração de um povo depauperado pela guerra e sem esperanças no futuro." (Marinangelo, 2009, p. 294).

Nesse viés, o romance conclui em uma frenética e benevolência aos ritos de adoração de uma divindade pregada na voz de Elias em que os civis e poderosos presentes estavam todos envoltos nesta experiência religiosa, desconstruindo e minimizando todo o sentimento de desesperança que estava imbuído no seio de Angola. Porém, ao mesmo instante, é possível perceber o jogo do capitalismo exacerbado capitaneado e sob a condução de Malongo e Elias.

Conforme é expressado na narrativa:

> [...] e os assistentes enchiam os sacos com o dinheiro e as poucas joias e até mesmo as camisas, e os caxicos iam com os sacos despejar atrás do ecrã do cinema e voltavam receber mais, todo o povo dançando e se beijando e se tocando, se massembando mesmo nas filas e nos corredores e depois no largo à frente do Luminar e nas ruas adjacentes, batendo os pés e as palmas e dizendo Dominus falou, a caminho dos mercados e das casas, das praias e dos muceques, em cortejos se multiplicando como no Carnaval, do Luminar partindo felizes para ganhar o Mundo e a Esperança (Pepetela, 2013, p. 384).

Ruckert (2011) reforça que a narrativa do escritor angolano está em constante movimentação do plano da utopia para a distopia e, assim, esclarece que: "[...] Pepetela orquestra dois confrontos de vozes, um na utopia e outro na distopia. O último fica sem qualquer resolução ou fechamento, como a preocupante situação dos países africanos... A única certeza é a da morte da utopia" (Ruckert, 2011, p. 12).

Nesta perspectiva, o escritor angolano, através da experiência literária, constrói um clássico para as literaturas africanas com a figuração de um enredo, tempo e espaço que se assemelha e aproxima com os eventos da historicidade angolana, mas que aborda personagens ficcionais que sonharam, idealizaram, lutaram e decepcionaram com os rumos do país. Nessa conjuntura, intenta-se que a real importância da criação do romance *A geração da Utopia* (2013) é justamente analisar e refletir o passado e, assim, enxergar o presente, a posteriore, o futuro com um olhar mais crítico e justo, tal como as personagens Orlando e Judite. Com isso, reascender a geração da utopia, a mesma construída durante os anos de 1961 na CEI.

Ademais, nota-se que a experiência literária não é mais vista como uma experiência totalmente direcionada ao universo ficcional, em que o foco estava na fruição, mas sim como objeto de conhecimento do outro e a busca de uma identidade angolana, principalmente aqueles que conviveram e vivenciaram momentos distópicos e utópicos durante a construção e idealização de uma sociedade democrática e civilizada em que todos podessem desfrutar suas riquezas étnicas, linguísticas, culturais e políticas. Sob este posicionamento, Pepetela durante os anos de 1990, cria um projeto literário em que transcende o leitor as tradições africanas, mas também uma história de amor entre camponeses em pleno um período bélico.

Nesta obra o escritor angolano, figura a representação dos efeitos da guerra civil nas aldeias e atribuindo "[...] a voz aos homens do campo que mais sofreram com as guerras," (Secco, 2009, p. 159), ou seja, um território geográfico de camponeses que foram mais afetados pela devassidão deste conflito bélico, uma vez que as personagens tinham que conviver com a devassidão e fuga da guerra civil, bem como a luta e sobrevivência contra a fome. Desse modo, o escritor angolano firma mais uma produção literária em que denuncia todo os absurdos acometidos com a população interiorana de Angola.

3.3 *PARÁBOLA DO CÁGADO VELHO* E A REPRESENTAÇÃO DE UM ESPAÇO DE DESESPERANÇA NA EFERVESCÊNCIA DA GUERRA CIVIL

Como postulado, as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa têm um papel importantíssimo nas reflexões sobre a construção nacional africana, tendo em vista que foi a partir das narrativas literárias que os debates sobre a condição social também adentram nos estudos pós-coloniais. Escritores e Escritoras de nacionalidades e origens africanas conseguiram construir espaços literários capaz de discutir os fantasmas do passado colonial e

do pós-independência e trazer à tona reflexões sobre as feridas da sociedade deixadas para os pós-coloniais.

Jéssica Schmitz (2021) ao analisar o romance *Parábola do Cágado Velho* (2005) observa que a eclosão das Literaturas Africanas nos estudos pós-coloniais e nos estudos culturais corroboraram para uma nova forma de pensar (e consecutivamente repensar) a pesquisa no universo literário justamente pelo motivo de ouvir o silenciado. Isto é, todos os sujeitos que estiveram envolvidos em eventos históricos, mas que a dinâmica da história acabaram sendo esquecidos ou silenciados durante o limiar do tempo. Com isso, a pesquisadora descreve que:

> A literatura é, pois, revelação do mundo, como uma ponte que liga caminhos ou uma janela entreaberta que faz o horizonte ser quase tangível! E, por ser tudo isso, ela traz ao centro de sua existência as experiências humanas, a relação entre os sujeitos, os seus ruídos e reticências. Nesse contexto, pensar sobre a literatura pós-colonial em um contexto contemporâneo torna-se extremamente significativo, ao possibilitar que os discursos daqueles que, por muito tempo, foram emudecidos sejam trazidos com força e representatividade, reprojetando a oficialidade histórica de discursos ditos "oficiais" (Schmitz, 2021, p. 503).

Sob esse ponto de discussão é o que fomenta o romance *Parábola do Cágado Velho* (2005), escrito em 1990. Um projeto estético literário que se perpassa na ambivalência de um sentimento de utopia e distopia em plena efervescência da guerra civil (1976-2002), tal como bem reforço Secco (2009, p. 155). Assim, sob a tessitura de uma história de amor e o testemunho dos efeitos dos combates armados enfrentados ao longo do tempo e a tradição, a narrativa se inicia (podendo ser observado já no epílogo) com aspectos culturais da tradição angolana, utilizando-se o recurso da oralidade, isto é, o narrador apresenta trechos de uma narrativa que traz um chamamento a contação de histórias (Tal como expressa a proposta do título da obra, uma contação de história pelo viés da fábula, que no fim existe uma lição de moral). Conforme expressa trechos da obra: "Suku-Nzambi aquele mundo. Aquele e outros, todos os mundos [...]" (Pepetela, 2005, p. 08).

Esta tessitura marcada pela temporalidade através de vários eventos históricos pode ser reforçada a partir dos achados de Mata (2009) quando descreve que:

> Em *Parábola do Cágado Velho* logo no início quando Ulume rememora o passado através de uma temporalidade pontuada por guerras, vai-se percebendo também como a ideia de Angola se foi modificando ao longo dos tempos e a 'comunidade nacional' foi emergindo: com efeito ao primeiro estádio da guerra tribal e feudal, pela consolidação de um poder hierárquico, segue-se a guerra imperial cujo propósito eraa exploração dos recursos naturais até a exaustão recorrendo à mão de obra das gentes da terra (Mata, 2009, p. 203).

No âmbito dos aspectos da oralidade presente no romance, em destaque, de Pepetela, esta terminologia é compreendida a partir dos apontamentos de Lorenzo Macagno (2022), no momento em que o intelectual define o conceito de tradição, mas também descreve uma discussão em torno desta terminologia no âmbito dos estudos pós-coloniais: "Tradição, nesta outra acepção – mais dinâmica do que estática –, assume a forma de um conceito capaz de ilustrar as mais variadas formas de ressignificação da cultura" (Macagno, 2022, p. 231).

Nesse sentido, o romance em debate é regido por uma narrativa em "[...] terceira pessoa, utilizando-se do pretérito imperfeito, traz todas essas memórias inconclusas" (Secco, 2009, p. 161) um narrador estritamente envolvido na trama romanesca conta com personagens importantes para a tessitura da construção romanesca. Como a exemplo das personagens Ulume, Muari e Munakazi, que em alguns momentos da narrativa compõe uma história de amor(bigamia) entre Ulume, personagem principal, e Munakazi, uma mulher mais nova. Sob este romance irá afagar a dor de Muari (atual esposa de Ulume), por não, mais uma vez, conseguir ser mãe, tendo em vista que os seus únicos filhos, já adultos, são Luzolo e Kanda.

Eliane Rosa de Goes (2011) explicita que o romance apresenta como protagonista principal Ulume: "Um camponês que periodicamente subia ao topo de uma montanha a fim de conversar com um cágado velho. Ulume casou-se com a Muari e com ela teve dois filhos, Luzolo e Kanda, que rivalizavam a ponto de encabeçar cada um uma guerra." (Goes, 2011, p. 10).

Nesse sentido, através da trajetória da narrativa do escritor Pepetela, observa-se a efervescência de um sentimento de Utopia na personagem Ulume, tendo em vista que casado novamente com a segunda mulher, mais jovem (a mesma que pressentiu em uma visão no momento da explosão da granada), possa ser feliz sendo pai novamente. Conforme pode ser observado na voz do narrador aglutinando-se com a do camponês Ulume:

> Foi então que viu aquele bocado de pau com um ferro na ponta rodopiar no ar e começar a descrever o movimento de descida. Tinha aprendido com os visitantes anteriores, era uma granada chinesa. Caiu a dois metros dele. Ele sabia, aquilo ia explodir em segundos. Se colou mais à terra, olhou o céu azul, vou morrer, e o rosto de Munakazi se recortou nítido no azul intenso, porque não me tiveste? A explosão fez toldar o azul do céu, mas o rosto melancólico de Munakazi ficou pregado nele. Morri e vejo o céu e vejo Munakazi. Estranha morte. Não ouvia tiros, nem gritos, nem explosões, então a morte é isso, esse silêncio num céu brilhante, esse parar da vida como naquele instante da tarde, como agora que era meio da tarde, em que tudo fica extático e ele em cima do morro olhando o seu mundo. O silêncio persistia, o rosto de Munakazi se apagou, ficou apenas o céu azul. Mas havia uma coisa na morte que era diferente dos outros meios de tarde, não sentia angústia. (Pepetela, 2005, p. 34).

Por outro lado, existem outras personagens que são importantes para a trama romanesca: os dois filhos de Muari e Ulume. No decorrer da narrativa, Kanda e Lukolo desejam fugir (e consecutivamente fogem) da aldeia, cujos pais frequentam, justamente para viver uma vida na sonhada cidade de Calpe (um lugar em que todos os jovens das aldeias idealizam como um ambiente em todos vivem em paz, longe das guerras e a fome).

Assim, o narrador descreve sobre a indignação da personagem Munakazi sobre a mudança de aldeias, por conta da guerra: "A primeira mulher compreendia que ela não queria vir para o Vale da Paz, por isso a tinha afastado muito de Calpe. O sonho dela e de todos os jovens era conhecer a Calpe. A mudança tinha sido uma machadada muito forte neste sonho" (Pepetela, 2005, p. 79).

Para Secco, a cidade de Calpe é vista por todas as personagens mais jovens das aldeias com uma visão utópica de um lugar civilizado, uma sociedade afável em que todos os civis não necessitam se preocupar com os problemas sociais (fome, guerra, disputa de poder, por exemplo). Paralelamente ao pensamento de Secco (2009), durante a narrativa, especificamente através da voz do narrador e os discursos da personagem Munakazi, interpreta-se como um lugar de desesperança, a distopia social, pois todos os problemas sociais residiam naquele território:

> Munakazi se casa com Ulume, porém, de modo semelhante aos filhos dele, foge paraa Calpe, local das utopias revolucionárias. A intertextualidade com os romances *Muana Puó* e *O Cão e os Calus*, obras anteriores de Pepetela em que Calpe também está presente, é evidente. Só que, em *Parábola do Cágado Velho* ,essa cidade surge não mais como espaço dos sonhos, mas como um lugar de pesadelos, distopias, misérias e desencantos. (Secco, 2009, p. 166)

Porém Luzolo e Kanda, durante a efervescência da guerra civil, alistam-se em partidos políticos diferentes a fim de participar ativamente das lutas armadas. Desse modo, se inicia a luta interna no pós-1976, quando dois partidos políticos estiveram envolvidos nas lutas de libertação nacionalista em Angola e durante o pós-independência lutam entre si em busca do poder político e territorial angolano.

Consoante aponta o narrador:

> Perdeu o segundo filho, da mesma maneira que o primeiro. Kanda entrou no carro, adeus gente, levou apenas um saquito com as suas coisas. Chegou mais tarde o mujimbo anunciando que se tornara soldado. Por que ficara Kanda tão zangado ao

> saber que Luzolo entrara num exército, se agora fazia o mesmo? (Pepetela, 2005, p. 25).

Secco ao investigar a obra literária em análise, percebe que a divergência entre os dois filhos de Ulume é uma alegoria para referenciar o limiar da guerra civil, especificamente, os conflitos políticos entre os partidos que estiveram envolvidos nas Lutas de Libertação nacional em Angola, chamado de Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA):

> A parábola (do grego *parabolé*), movendo-se no mesmo espaço retórico da fábula e da alegoria, se avizinha da primeira para encerrar uma moral e, da segunda, por se constituir como um discurso que faz entender o outro. A narrativa de Pepetela, portanto, ao focalizar alegoricamente a estória de amor entre Munakazi e Ulume, bem como a inimizade entre os irmãos Luzolo e Kanda, narra, na verdade, uma história subjacente de ódio ancestrais. A animosidade entre os filhos de Ulume alegoriza, em uma instância, a guerra fraticida travada pela UNITA e pelo MPLA, após a independência." (Secco, 2009, p. 159).

Nesse viés, à luz da discussão desta presente análise, o narrador apresenta situações em que a personagem principal vivencia um sentimento de utopia, mas também de distopia, consagrados, então, como momentos de desesperanças. Os primeiros momentos distópicos presentes no romance é apresentado quando Ulume e os demais personagens vivenciam os efeitos da guerra civil nas aldeias. Quando observa que existem dois tipos de combatentes durante o ato armado, mas que não sabem diferenciar quem é o revolucionário que está do lado do civis e o inimigo, uma vez que uns visitam a aldeia a fim de se alimentar e pedir abrigo durante o período noturno de uma forma protetiva, outros que visitam à aldeia a fim de sucatear, dilacerar todos os mantimentos e abusar de jovens mulheres que residem nesses ambientes rurais.

Conforme é descrito na narrativa do romance:

> Ulume abanou a cabeça e olhou para as chamas que começavam a aparecer, porque Munakazi falava mas também ia soprando nas brasas, como se fosse as palavras de que avivavam o vermelho da fogueira. Continuou: -Não vêem que uns soldados pedem comida e outros tiram logo? Há uma diferença entre eles. (Pepetela, 2005, p. 69)

Sob este prisma, nota-se rastros da distopia nestes ambientes rurais longe da metrópole, cujos civis estão desinformados do real sentido da guerra civil em Angola. Assim, os camponeses também foram uma comunidade que vivenciaram os destroços da grande guerra.

Em todas as aldeias e os ambientes rurais, longe da Calpe e qualquer outras metrópoles em Angola, as personagens presenciavam os efeitos catastróficos desses momentos bélicos.

Assim descreve o narrador ao apresentar um retrato dos momentos mais delicados em que os civis (e consecutivamente guerrilheiros e ex-guerrilheiros) vivenciaram:

> A guerra voltou. Aviões e canhões destruíram os kimbos e as gentes tornaram a se entranhar nas profundezas das Mundas para sobreviver e lutar. Anos e anos. E a fome sempre presente, pois é difícil cultivar ou tratar do gado se vivemos escondidos em fuga. Ulume entendeu as razões desta dura guerra anteriores, de sobas ou de kuata- kuata, que o povo não compreendia nem queria. (Pepetela, 2005, p. 14).

Secco (2009) ao descrever uma síntese das lutas armadas que estão representadas no romance reforça que: "[...] A seguir, registra a grande revolta que dizimou tantas aldeias, mas que culminou com a Independência e ocasionou um período de paz, embora curto, porque, logo cuja ação nefasta, fatricida espalhou fome, doenças, miséria e desencanto por toda parte do país." (Secco, 2009, p. 161)

Ademais, através da narrativa, este pensamento de Utopia e Distopia pode também ser identificados no discurso da personagem Ufolo, o guerrilheiro ferido, que retorna para a aldeia de origem. Que, inicialmente, infere-se que este sentimento perpassou por vários guerrilheiros e ex-guerrilheiros durante a narrativa literária do escritor angolano:

> O ferido já estava bom, começou a ajudar Mande nos trabalhos. À tarde ia para o njango conversar com os homens, de dia conversava com as raparigas. Chegava a brincar com as crianças. Falou muitas vezes da guerra, primeiro com calor entusiasmo. Mas os camponeses notavam que esse entusiasmo ia esmorecendo. (Pepetela, 2005, p. 30).

Dessa forma através destes apontamentos, compreende-se que o romance *Parábola do Cágado* (2005) apresenta palcos de cenas de desesperança, em todo o decorrer da narrativa. Desde o envolvimento dos camponeses a procura de compreensão (pela via dos combatentes que visitam de uma forma civilizada e outros de forma agressiva as aldeias) sobre o entendimento do que levou Angola reascender novamente uma luta armada até a fuga dos civis (residentes da zona rural) perpassando de aldeias para aldeias a fim de encontrar a paz.

Como é perceptível no décimo sétimo capítulo (XVII), mesma travessia da narrativa a qual descreve o episódio do confronto entre combatentes em seguida os destroços presentes no Vale da Paz:

> E o que temiam um dia aconteceu. Homens de verde e arma na mão desceram a encosta ocidental, com todos os cuidados da desconfiança. Revistaram os quatro kimbos do vale, não encontraram inimigos, nem uma pistola, reuniram a população,

> falaram eram amigos, os nossos, queriam apenas comida e saber se não tinham visto movimentações de outros soldados, o inimigo, e as pessoas disseram que ultimamente havia indícios de que grupos armados andavam ali perto, mas talvez fossem eles que tinham chegado, os nossos, não sabiam distinguir. (Pepetela, 2005, p. 98).

Doravante, o romance angolano em questão pode ser considerado uma ferramenta sociológica e histórica na qual possa refletir todo o cataclismo que a guerra civil assolou nos territórios angolanos. Principalmente no campo (na zona rural), tendo em vista que as personagens não mantinham informações sobre o porquê do desenrolar da guerra civil. Assim como expressa a personagem Ulume ao conversar com o seu filho (no tempo da narrativa: comandante dos guerrilheiros armados) Kanda sobre a grande guerra: "– [...] quem ganhou esta guerra? Tu talvez tenha ganho, pelo menos parece pelo aspecto. O teu irmão não tem nada. Quem ganhou, eu não sei. Quem perdeu, isso eu sei, fomos todos nós" (Pepetela, 2005, p. 113).

Nesse sentido, o escritor angolano, na experiência da escrita literária, concede a voz ao outro, isto é, todos aqueles que estiveram no lugar do esquecimento, silenciados na história política e social de Angola, mas com todo o rigor resistiram e partilharam o que tinham durante a grande guerra pós-1976.

Tal como expressa à atitude de Ulume quando percebeu que Ana e Mande não tinham nenhum alimento para consumir depois que os soldados do inimigo saquearam todos os mantimentos dos aldeiões: "No entanto, Ana e Mande se aproximaram silenciosamente não temos nada para comer, até nos incendiaram as casas. Foram obviamente convidados para partilhar o pouco que encontraram" (Pepetela, 2005, p. 69).

Ademais, a escrita literária de Pepetela, especificamente, através da narrativa de *Parábola do Cágado Velho* (2005), nota-se também traços da memória durante o limiar do primeiro ao capítulo final (XIX) do romance em análise, uma vez que toda a narrativa paira em uma travessia entre o presente, passado e uma fissura tempo em direção ao futuro (o desejo de chegar e vislumbrar à cidade de Calpe).

Tal como explicita Secco (2009):

> O discurso do enunciador do romance funciona como uma espécie de antena parabólica capaz de captar imagens de tempos e espaços de diversos e distantes, fazendo com que o outrora e o presente dialoguem, numa releitura crítica, fundadora de uma nova historicidade. A trajetória de Angola é, então, revisitada a partir de cinco planos temporais: o do antigamente, tempo primordial, da oratura, das tribos, dos *sobas;* o do outrora colonial, tempo das guerras de *kuata-kuata*, em que se apanhavam escravos; o do passado da Revolução contra o colonizador e da paz aparente que reinou logo após a Independência; o do passado recente com a guerra civil desencadeada entre o MPLA e a UNITA; e, finalmente, o do presente dilacerado, após tantas lutas mutiladoras do corpo social angolano (Secco, 2009, p.

160-161).

Desse modo, diante da presente análise é observado a grande importância da escrita literária do escritor angolano Pepetela, uma vez *Parábola do Cágado Velho* (2005) é considerada um objeto de fruição e conhecimento a qual o leitor possa (re) imaginar os anos mais ardentes dos conflitos políticos e conviver com as personagens todas os sonhos utópicos, distópicos, mas também a resiliência e a fuga pela sobrevivência nos espaços literários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A partir das leituras e investigações dos romances *Mayombe* (2013), *A geração da Utopia* (2013) e *Parábola do Cágado Velho* (2005) à luz da memória política e social angolana foi possível detectar que os romances apresentem anos de publicações, enredo, personagens e narradores distintos. Porém ao observar o tempo e espaço é possível detectar que o escritor angolano aborda como prisma principal a memória de luta e resistência do povo angolano no que diz respeito as lutas de independência nacionalista (1960-1975), guerra civil (1976-2002), bem como os rastros de uma gestação (e, consecutivamente, uma herança) do neocolonialismo e uma sociedade ainda com fraturas e traumas legado para o pós-independência. Um novo mundo em que todas as personagens, bem como o narrador, acreditavam que seria de justiça, democrático e que respeitassem todos os direitos do povo, todos os sonhos esperançosos catalisados por cada civil e guerrilheiro ao longo da revolução.

Nesse âmbito, as obras literárias, os objetos de estudos desta presente pesquisa, se complementam no que diz respeito à representação destes momentos bélicos e decisivos. Podendo serem vistas como um produto estético literário que costura um exercício social de valorizar, deixar um legado e contar uma história de revolução por parte daqueles que participaram e conviveram com os embates decisivos do país. Como também apresentar para as futuras gerações de africanos, angolanos, africanistas, leitores, leitoras e estudiosos sobre o universo africano reflexões que, antes de uma luta armada, existia uma dominação colonialista que oprimia, deslegitimava e canalizava, pela via do capitalismo predador, os territórios africanos.

A partir dos achados de Chaves e Macedo (2007), especificamente, na escrita do artigo de opinião “Caminhos da Ficção da África Portuguesa” firma-se, mais ainda, a hipótese desta proposta de pesquisa à nível de Pós-gradução Stricto Sensu (mestrado acadêmico), ou seja, de observar os romances de Pepetela como um constructo de obras engajadas no âmbito da

interdisciplinaridade pela via das Literaturas Africanas com a memória de luta e resistência de Angola. Assim, estas questões podem ser refletidas em uma recente entrevista concedida à Torrão (2023). No momento em que a pesquisadora (entrevistador) indaga ao escritor se existe uma influência da formação em sociologia com a escrita literária: "[...] Certamente que influencia, porque escolhi sociologia porque me dá instrumentos de análise para conhecer a sociedade sobre a qual eu vou escrever. É preciso conhecer a sociedade, a sociologia dá-me uma ferramenta" (Torrão, 2023, p. 144).

Desse modo, percebe-se que o projeto estético literário de Pepetela não é feito apenas de um universo ficcional, mas sim de um duo universo em que o aspecto ficcional se completa com as experiências literárias, isto é, os conflitos sociais e políticos que estevem presentes no meio social. Momentos literários capaz de descrever aspectos da realidade pela via da arte, a arte de escrever textos em prosa, e a memória; um fenômeno humano tão valorizado pelo campo da história, tendo em vista que tem a função de compreender o passado. Conforme esclarece Pepetela à Torrão (2023) pelo método da entrevista: "[...] Como até certo ponto utilizei a História, de vez em quando, ou a experiência" (Torrão, 2023, p. 144). Compreendendo, portanto, que o produto literário das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pode ser considerado um aporte para a compreensão do meio social a qual escritores e a comunidade africana (especificamente, angolana) vivenciaram.

Sob esta condição das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa ser um aporte para a compreensão do espaço social (os efeitos para tais fenômenos sociais e políticos) podem ser amparados à perspectiva de Antônio Candido (2006) ao relacionar a estreita relação da literatura com a vida social: "[...] *averiguar como a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária*, a ponto dela poder ser estudada em si mesma; e como só o conhecimento desta estrutura permite compreender a função que a obra exerce" (Candido, 2006, p. 09).

Dito isso, é perceptível nos romances em pauta. Em *Mayombe* (2013), escrito durante os anos de 1971, Pepetela apresenta aos leitores (e, a posteriore, os leitores lançam inferências) como são os preparativos emocionais, psicológicos, físicos e territoriais de uma luta armada em prol da independência. Em consonância, o escritor angolano por volta dos anos de 1991, inicializa mais um clássico romance das literaturas africanas e consegue publicá-lo em 1992, quando retoma à Angola e a sala de aula, como docente da disciplina de Sociologia. Este romance desvela que uma revolução não é feita apenas com um armamento pesado nas mãos,

mas sim de leituras de historiadores, sociólogos, filósofos e literários, que conseguiram emanar uma literatura genuinamente nacional. As obras que foram destacadas como produtos proibidos por volta dos anos de 1961, tais como Karl Marx, Frantz Fanon, Carlos Drummond de Andrade e entre outros intelectuais foram consumidas por uma juventude africana que fez história em *A geração da Utopia* (2013).

Ademais, no desenrolar da narrativa, o romance *A geração da Utopia* (2013) representa as dificuldades dos guerrilheiros que estão atentos e retendo as investidas do inimigo, na mata fechada, na Chana, mas que também sentem a responsabilidade e o compromisso depositado pela sociedade angolana de vencer o colonizador. Este mesmo balanço que pode ser interpretado no romance *Mayombe* (2013), cujos combatentes estão em uma luta externa (física, teste de sobrevivência) e uma luta interna (psicológica – enfrentando os seus maiores medos, anseios, inseguranças e os fantasmas do passado).

Por outro lado, o escritor angolano destaca que a comunidade que mais sofreu com as consequências de uma guerra foram civis interioranos, aqueles que residiam na zona rural. Atentos às notícias apenas pelo rádio, bem como as informações advindas de guerrilheiros e civis que presenciaram alguns registros destes momentos bélicos esta comunidade vivenciou. Esta comunidade, inicialmente, tentava interpretar cenas destes momentos a partir de discursos. Assim, nos anos de 1990, ainda no desenrolar da guerra civil, o escritor escreve e, posteriormente, por volta dos anos de 1996, publica o romance *Parábola do Cágado Velho* (2005). Reportando para uma história de amor, mas que o enredo, tempo e espaço são voltados os desafios dos homens do campo que vivenciam a eclosão de uma guerra, e suas consequências como os traumas, miséria e o desalento do ser humano.

Outrossim, além destes apontamentos, é perceptível a preocupação do escritor angolano com a preservação e o respeito dos costumes de Angola. Como a exemplo da Oralidade, nos romances analisados (e dentre outros) percebe-se que sempre existem personagens classificados como os "mais-velhos", que são mantedores da sabedoria. E na figura de um sujeito, que já vivenciou inúmeras realidades durante toda a sua vida, são sempre ouvidos, respeitados e admirados. Caracterizados, então, como profetas.

Estes apontamentos podem ser comprovados nos romances elencados para o desenvolvimento desta pesquisa. No primeiro romance analisado, observa-se que as primeiras e as páginas finais do *Mayombe* (2013) já apresentam uma apresentação da história de Ogum e

uma relação com o guerrilheiro, morto em pleno combate na mata Mayombe, Sem Medo[19]. Na segunda obra investigada, identifica-se que no primeiro capítulo "A Casa (1961)" no momento da fuga da juventude africana de Lisboa para outros países europeus, os jovens são orientados por um grupo denominados "mais-velhos"[20], conforme Vítor Ramos descreve na narrativa.

E no fim da narrativa de *A geração da Utopia* (2013), no pós-independência, Judite e Orlando são encantados e orientados com os discursos, conselhos e as experiências do revolucionário Aníbal – O Sábio, já apresentando características de um fenótipo de uma face mais idosa. Em continuidade, no último romance analisado, *Parábola do Cágado Velho* (2005), Ulume, ao perceber uma comunidade rural frenética e abatida com o contexto da guerra, ver-se interligado com as orientações de um Cágado velho, um animal mitológico, repleto de conhecimentos para a humanidade. Observando, portanto, que Ulume cultua uma entidade, entendida como mais velha com o grande poder de entendimento[21].

Desse modo, ler, analisar e refletir (pelo viés da pesquisa científica) as narrativas literárias de Pepetela, é observar a geografia, cultura, os aspectos linguísticos, costumes, formação política nacional e as tradições dos povos angolanos pela via das Literaturas Africanas. Mas também refletir sobre a visão de personagens, caracterizados como todos aqueles que conviveram e sofreram os efeitos de uma revolução política e social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Uma geração da Utopia, ou da Esperança como princípio. **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**, Vol. 5, n° 11,

[19] Caracterizado como um combate mais experiente, um detentor de sabedoria. Conforme também defende Ruivo (2009): "Pode-se pensar, assim, no próprio Sem Medo como um Prometeu-Ogum, irreverente, com o olhar espreitando o futuro, transmitindo suas experiências aos jovens e buscando que estes sigam em liberdade o curso de suas vidas" (Ruivo, 2009, p. 246).

[20] Nesta perspectiva, Abdala Jr (2013) ao analisar o romance, em pauta, percebe que: "[...] cerca de dez anos antes, foram os estudantes politicamente ativos na CEI os futuros líderes dos movimentos de libertação nacional como Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Mário Pinto de Andrade e Marcelino dos Santos. Eram eles os "Mais Velhos", que na perspectiva africana possuíam sabedoria" (Abdala Jr, 2013, p. 73).

[21] Assim, Adriano Guedes Carneiro (2022) ao analisar e contextualizar o romance *Parábola do Cágado Velho* (2005) com as perspectivas da Professora Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco revela que: "Ela ainda salienta que este cágado velho representa os símbolos angolanos do saber e do tempo[32]. As duas questões estão associadas, pois a sabedoria só será adquirida com o passar do tempo[33]. Por viver muito, por ser muito velho o cágado concentra essa ideia da sabedoria" (Carneiro, 2022, p. 102).

Novembro, 2013. Disponível em: https://periodicos.uff.br/revistaabril/article/view/29662/17203 Acesso em: 15\02\2024.

ABDALA JUNIOR, Benjamin. Notas sobre a Utopia, Pepetela. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê editorial, 2009.

ABLAS, Maria de Nazaré Ordonez de Souza. A Geração da utopia. **Via Atlântica**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 258–262, 2000. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49642/53745 Acesso em: 01\11\2022.

AGUIAR, Adriana. Quando a violência colonial ecoa nas folhas da floresta e nas páginas literárias: *Mayombe,* de Pepetela. **Revista do NEPA\UFF**, Niterói, v. 10, p. 91-108, jan-jun, 2018. Disponível em: https://periodicos.uff.br/revistaabril/article/view/29952/17493 Acesso em: 31.10.2023.

AKE, Claude E. **Social Science as Imperialism:** The Theory of Political Development. Idadan University Press, 1979, p. 124-186.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

BRASIL. **Lei Nº 12.289, de 20 de julho de 2010**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12289.html Acesso em: 27\01\2023.

BHABHA, Homi K. **O local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BITTENCOURT, Marcelo. Memórias da guerrilha: a disputa de um valioso capital. **História Oral, 2**, 1999, p. 91-110. Disponível em: https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/11/84 Acesso em: 10\03\2024.

BUENO, Wilson. Literatura. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê editorial, 2009.

BUENO, Wilson. A obra. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê editorial, 2009.

BLOCH. Ernest. **O princípio da esperança.** Volume I. Tradução: Nélio Shneider. Rio de Janeiro: EDUERJ, Contra Ponto. Rio de Janeiro: 2005.

BONNICI, Thomas. Avanços e ambiguidades do pós-colonialismo no limiar do século 21. **Légua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural**. Feira de Santana: UEFS, v. 4, no 3, 2005, p. 186-202. Disponível em:

https://periodicos.uefs.br/index.php/leguaEmeia/article/view/1983/1359 Acesso em: 02\02\2024.

CANDIDO. Antônio. **Literatura e Sociedade**: Estudos de Teoria e História Literária. 13ª edição, Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique:** experiência colonial e territórios literários. Cotia: Ateliê Editorial: 2022.

CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia. Caminhos da Ficção da África Portuguesa. In: Oceano de Letras. **Caminhos da Ficção da África Portuguesa (Rita Chaves e Tânia Macedo)**. Blog, 2007. Disponível em: https://nuhtaradahab.wordpress.com/2008/02/12/caminhos-da-ficcao-da-africa-portuguesa-rita-chaves-e-tania-macedo/ Acesso em: 13\01\2024.

CHAVES, Rita. Entrevista com João Paulo Borges Coelho**. Via Atlântica**, nº 16, dez/2009. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50470 Acesso em: 10\09\2022.

CARNEIRO, Adriano Guedes. Os usos políticos do cágado (em Pepetela) como elemento reivindicador da memória e da história de Angola (ou de como o *flâneur* pode também ser uma tartaruga). **Cadernos acadêmicos: conexões literárias**. Guarulhos\ São Paulo, n. 02, p. 92-113, Jun. 2022. Disponível em: https://lbxxi.org.br/ojs/index.php/cadernos-academicos/article/view/31/35 Acesso em: 13\03\2024.

COUTO, Mia. Pepetela -A pestana Vigiando o Olhar. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê editorial, 2009.

COUTO, Mia. Lembranças e mensagens. In: PEPETELA. **As aventuras de Ngunga**. São Paulo: Kapulana, Série Vozes da África, 2023.

DELFINO, Celeste Cristina de Andrade; OLIVEIRA, Maria Natalha Morais da Silva; ROCHA JÚNIOR, Maurílio Alves. A Trajetória dos Discentes do Curso de Letras no PIBID das Escolas Públicas do Município de Redenção-CE. In: CAIADO, Ana Paula Sthel; FREIRE, Jacqueline Cunha da Serra (Orgs.). **África, Brasil e Timor-Leste:** saberes, culturas, interdisciplinaridade e diversidade na formação de professores do PIBID/UNILAB. Fortaleza: Edições UFC, 2019.

DOMINGOS JÚNIOR, Miguel. Início da guerra em Angola 1961. Uma visão angolana. **Revista Portuguesa de História Militar,** nº 01, dez\2021. Disponível em: https://www.defesa.gov.pt/pt/defesa/organizacao/comissoes/cphm/rphm/edicoes/ano1/n12021/visaoangolana/Documents/6-%20RevPHM_I_1_Miguel%20D%20Ju%CC%81nior.pdf Acesso em: 10\06\2023.

DUARTE, João Ferreira. Cânone. In: CEIA, Carlos. **E-dicionário de termos literários**. Disponível em: https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/canone Acesso em: 01\04\2023.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Uma introdução aos estudos culturais. **Famecos**, v. 05, n. 09, p. 87-97, 1998. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3014/2292 Acesso em: 14\01\2023.

FARIAS, Vera Elizabeth Prola. Identidade e história de Angola: A geração da Utopia. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 43, n. 4, p. 89-98, out./dez. 2008. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/5634/4108 Acesso em: 31\01\2024.

FERREIRA, Manuel. Dependência e individualismo nas literaturas africanas. **Centro de Estudos Portugueses.** Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 39-47, 1980. Disponível em: http://dx.doi.org/10.17851/2359-0076.2.3.39-47 Acesso em: 13\11\2020.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. Tradução: Fábio Fonseca de Melo. **Revista USP**, São Paulo, n. 53. Março\maio, 2002. Disponível em: http://www.usp.br/revistausp/53/15-norman-2.pdf Acesso em: 28\04\2023.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A Interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. In: JANTSCH, Ari Paulo. BIANCHETTI (ORGS). **Interdisciplinaridade:** para além da filosofia do sujeito. 9 ed. Petrópolis; Vozes, 2011.

FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. Literatura e Independências Africanas. In: GALLO, Fernanda (Org.). **Breve dicionário das Literaturas Africanas**. São Paulo: editora Unicamp, 2022.

FIRPO, Luigi. Para uma definição de "utopia". Tradução de Carlos Eduardo O. Berriel, **Morus: Utopia e Renascimento**, v.2. Campinas, 2005, p. 227-237. Disponível em: https://www.unicamp.br/~berriel/morus.htm Acesso em: 10\06\2022.

GALLO, Fernanda. História e Literatura. In: GALLO, Fernanda (Org.). **Breve dicionário das Literaturas Africanas**. São Paulo: editora Unicamp, 2022.

HALL, Stuart. **Da diápora:** identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik. Tradução Adelaine La Guardia Resende. 1ª edição, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HAMILTON, R. P. A literatura dos PALOP e a teoria pós-colonial. **Via Atlântica**, n. 03, p. 12-22, 1999. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/48809/52884 Acesso em: 10\06\2022.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e Patologia do saber.** Rio de Janeiro: Editora Imago, 1976.

LOPES, Ana Mônica. Neocolonialismo em África. **Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana.** Ano IV, nº 08, Dezembro\2011. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/viewFile/88804/91687 Acesso em: 20\12\2020.

LEITE, Ana Mafalda. **Literaturas africanas e formulações pós-coloniais**. 2ª ed. Colibri, 2013.

MACAGNO, Lourenzo. Tradição. In: GALLO, Fernanda (Org.). **Breve dicionário das Literaturas Africanas**. São Paulo: editora Unicamp, 2022.

MACÊDO, Tania. A crítica de Pepetela. In: PEPETELA. **O cão e os Caluandas**. São Paulo: Kapulana, 2019.

MACHADO, Carolina Bezerra. Representações de poder em *Mayombe*: "Os homens serão prisioneiros das estruturas que terão criado". **Revista de Estudos Africanos**. V. 5, n. 9, Jan\Jun, 2020. P. 229-237. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/rbea/article/view/100444/58880 Acesso em: 07\11\2023.

MACHADO, Carolina Bezerra. Representations of power in *Mayombe*: "Men will be prisoners of the structures they will have created". **Revista de Estudos Africanos (versão em Língua Inglesa)**. V. 5, n. 9, Jan\Jun, 2020. P. 229-237. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/rbea/article/view/100444/58880 Acesso em: 07\11\2023.

MACHADO, Carolina Bezerra. A construção de personagens nos romances de Pepetela e a imaginação da nação angolana. **Rev. Afro-Ásia,** n. 62, Maio\Out. P. 299-337, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/36840/24119 Acesso em: 02\02\2024.

MACHADO, João Victor Sanches da Matta. O império visto da margem em A Geração da Utopia, de Pepetela. **Revista interFACES**, Rio de Janeiro, vol. 32, n. 1, jan.-jun. 2022. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/interfaces/article/view/52281/30494 Acesso em: 31\01\2024.

MARCON, Frank. Os romances de Pepetela e a imaginação da nação em Angola. **Rev. História**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 31-51, jan./jun, 2011. Disponível em: https://revistas.ufg.br/historia/article/view/14703/11049 Acesso em: 02\02\2024.

MARINANGELO, Célia Regina. A geração da Utopia: A lição do Mar. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê editorial, 2009.

MATA, Inocência. Pepetela: A releitura da história entre gestos e reconstrução. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê editorial, 2009.

MATA, Inocência. Lembranças e mensagens. In: PEPETELA. **As aventuras de Ngunga**. São Paulo: Kapulana, Série Vozes da África, 2023.

MATTOS, Tatiane Reghini. **As vozes narrativas de Pepetela:** A Geração da Utopia e Predadores. Dissertação apresentada ao Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo: 2013. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-30062014-122910/publico/2013_TatianeReghiniDeMattos.pdf Acesso em: 10\03\2024.

MOTA, Denise. Independência e Justiça. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê editorial, 2009.

PEPETELA. **A geração da Utopia.** São Paulo: Leya, 2013.

PEPETELA. **O cão e os Caluandas**. São Paulo: Kapulana, 2019.

PEPETELA. **Mayombe**. Rio de Janeiro: Leya, 2013.

PEPETELA. **Parábola do Cágado Velho**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

PEPETELA. **Predadores**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008.

PEPETELA. **O desejo de Kianda**. São Paulo: Kapulana, 2021.

PORTAL DA LITERATURA. Aobra. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê editorial, 2009.

RICOUER, Paul. Memória Pessoal, Memória Coletiva. In: RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Tradução de Alain François. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Adriana Cristina Aguiar. Memória (s). In: GALLO, Fernanda (Org.). **Breve dicionário das Literaturas Africanas**. São Paulo: editora Unicamp, 2022.

ROCHA JÚNIOR, Maurílio Alves. Guerrilheiros da utopia, Personagens da distopia: Breve estudo comparado da *A geração da Utopia* e *Um rio chamado tempo, Uma cada chamada terra*. **África e Africanidades**, ano X, n. 25. p. 1-19, out\dez, 2017. Disponível em: https://africaeafricanidades.com.br/documentos/0040250122017.pdf Acesso em: 10\01\2023.

ROCHA JÚNIOR, Maurílio Alves; DELFINO, Celeste Cristina de Andrade; OLIVEIRA, Maria Natalha Morais da Silva. Intercâmbio Intercultural entre Unilab e o ensino médio: Um estudo de caso do ensino de Literatura Africana. In: LIMA, Ivan Costa; MONTEIRO, Artemisa Ondila Candé (Orgs.). **Unilab 10 anos: experiência, desafios e perspectivas de uma Universidade Internacional com a África e Timor-Leste no interior da Bahia e Ceará (Volume 02)**. Fortaleza: Imprece, 2021. Disponível em: https://unilab.edu.br/wp content/uploads/2021/08/LIVRO-UNILAB-10-ANOS-VOLUME-2-FINALIZADO definitivo-1.pdf Acesso em: 04\04\2023.

ROCHAJÚNIOR, Maurílio Alves. **Tito Nharregula e a distância entre o "ter" e o "querer": Uma análise de "Crônica da Rua 513.2", de João Paulo Borges Coelho**. 2022. 22 f. Artigo científico (Trabalho de Conclusão de Curso em Especialização Interdisciplinar em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa) Instituto de Linguagens e Literaturas (ILL)\ Instituto de Educação à Distância (IEAD), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Redenção, CE, 2022.

SANTOS, Luís Alberto Brandão. **Sujeito, tempo e espaços ficcionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RUCKERT, Gustavo Henrique. A geração da utopia em tempos de distopia. **Nau Literária**, vol. 7, n. 1, p. 01-12, Jan\Jun. 2011. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/20429/13337 Acesso em: 10\10\2023.

RUCKERT, Gustavo Henrique. Mayombe: Útero da revolução. **Mulemba**, Rio de Janeiro: UFRJ, n. 23, 80-89 p, Jul. 2020. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/33732/23441 Acesso em: 04\10\202.

RUIVO, Marina. *Mayombe:* Angola entre o Passado e o Futuro. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê editorial, 2009.

SCHMITZ, Jéssica. A alegoria de Ulume: memória que corre, tempo que transcende. **Fólio–Revista De Letras**, v. 13, n. 2. p. 503-519, jul\dez, 2021. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/9898/6663 Acesso em: 06\01\2024.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro. Na curva oblonga do tempo, uma alegórica parábola. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê editorial, 2009.

SERRANO, Carlos. O romance como documento social: o caso Mayombe. **Via atlântida**, São Paulo, n. 03, 132-138 p, dez. 1999. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49013/53091 Acesso em: 14.09.2023.

SOUZA, Marcos Aurélio dos Santos. O entre-lugar e os estudos culturais. **Travessias**, v. 01, n. 01, p. 01-13, 2007. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/2748/2145 Acesso em: 20\01\2023.

SARAIVA, Sueli. **Boaventura Cardoso, Mia Couto e a experiência do tempo no romance africano**. São Paulo: Terceira Margem, 2012.

SILVA, Rejane Vecchia da Rocha e; MATTOS, Tatiane Reghini. *Mayombe:* presença da guerra, perspectiva histórica e memória na construção do romance. **Revista do Programa de Pós-graduação em Literatura (CERRADOS 40)**, nº 40, ano 24, 2015, p. 289-302. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/25604/22517 Acesso em: 31\08\2023.

SERRANO, Carlos. O romance como documento social: o caso Mayombe. **Via atlântida**, São Paulo, n. 03, 132-138 p, dez. 1999. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49013/53091 Acesso em: 14\09\2023.

TEIXEIRA, Vanessa Ribeiro. O Desejo de Kianda, de Pepetela: da emersão do mito aos desejos do povo. **Literartes**, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 9, p. 169–182, 2018. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/150227/149930 Acesso em: 10\04\2024.

TORRÃO, Nazaré. Entrevista com Pepetela. **Revista Língua-lugar**, vol. 1, n. 6, p. 137- 149, Dez. 2023. Disponível em: https://oap.unige.ch/journals/lingua-

lugar/citationstylelanguage/get/ieee?submissionId=1488&publicationId=1608 Acesso em: 13\03\2024.

VARSAM, Maria. CHAPTER 11- Concrete dystopia: slavery and its others. In: BACCOLINI, Raffaella; MOYLAN, Tom (Ed.). **Dark horizons:** science fiction and the dystopian imagination. New York: Routledge, 2003, p. 203-224.

VALENTIM, Jorge. Pepetela e a predatória arte de narrar. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê editorial, 2009.

VIANNA, Magdala França. Parábola do Cágado Velho: O cágado velho e o pensador. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê editorial, 2009.

VIDAL, Francisco Élder de Freitas. **Áfricas de Papel**: uma análise da identidade nacional angolana na obra de Pepetela. Fortaleza: Premius, 2014.

VIDAL, Francisco Élder de Freitas. **Identidade e mobilidade angolanas na ficção de Pepetela.** 2013. 134 f. Dissertação (mestrado). Centro de Humanidades, Departamento de Literatura, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2013. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8125 Acesso em: 04\11\2023.

ZAMPARONI, Valdemir. Literatura e Anticolonialismo. In: GALLO, Fernanda (Org.). **Breve dicionário das Literaturas Africanas**. São Paulo: editora Unicamp, 2022.